# Diário de Lisboa

CÉU ENCOBERTO

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 2 DE MAIO DE 1974 N.º 18445 — ANO 54.º — PREÇO 2$50


# O POVO UNIDO JAMAIS SERÁ VENCIDO

Aspecto imponente, ainda que parcial, da multidão ontem reunida no Estádio 1.º de Maio, ex-FNAT, para comemorar livremente, pela primeira vez há quase cinquenta anos, o «Dia do Trabalhador».

## O 1.º DE MAIO DA LIBERTAÇÃO

# FESTA DA FRATERNIDADE DO POVO PORTUGUÊS

Marinheiros e populares, comungando na mesma alegria e entusiasmo, manifestam-se nas ruas de Lisboa.

**Edição de 28 páginas**

A explosão de alegria que ontem percorreu o País inteiro só pode ter paralelo nas manifestações que assinalaram, no fim da guerra, a libertação dos povos ocupados pelo domínio nazi-fascista.

Portugal, país também ocupado pelo fascismo até ao passado dia 25 de Abril, acabou de viver o seu 1.º de Maio de libertação, com uma euforia, uma sensibilidade, uma determinação de profundíssimo significado.

Subitamente iluminado pelo sol de que o afastaram há meio século, o Povo Português emergiu das sombras com um ímpeto, uma sofreguidão avassaladora que só os menos avisados estranharam.

Assim, as ruas de Lisboa e do Porto (por exemplo) foram o espectáculo avassalador do parto da voz nacional. A partir de agora (re)nasce a esperança para a nossa gente. Por o ter compreendido, ela esteve ontem em festa pública (finalmente) sem medo, sem clandestinidade. E pode ser autêntica. Pode gritar o que lhe sufocava a alma e vitoriar o que lhe aquecia o coração.

Os cartazes que ostentava, as canções, os «slogans» que repetia, os abraços, os sorrisos, as flores, os dedos em V foram o alfabeto de uma nova linguagem para a fraternidade — aqui.

Cerca de um milhão de pessoas viveu, só na capital, essa experiência que é já um dos ângulos mais fascinantes de toda a nossa História.

O civismo, o respeito, a união, a maturidade demonstrados foram a grande resposta dada aos que, durante décadas, nos caluniaram de subcivilizados, impedindo-nos de exercer os direitos da opinião e da liberdade. Por isso essa resposta torna-se uma das grandes certezas para o efectivar das alterações capazes de conduzir à formação de um novo Português e de um novo Portugal.

O primeiro passo está dado.

DL/NACIONAL

SECÇÃO REGIONAL DA ORDEM DOS ENGENHEIROS

# "As transformações democráticas exigem o julgamento dos responsáveis pelos crimes da PIDE/DGS"

A Direcção da Secção Regional de Lisboa da Ordem dos Engenheiros, reunida extraordinariamente, para apreciar a situação resultante da acção das Forças Armadas, e as suas consequências na vida do País e, em particular, na dos Sindicatos, tomou as seguintes decisões:

1 — Não seguir as disposições do Estatuto imposto à Ordem pelo Governo derrubado, que sejam contrárias aos interesses da maioria dos engenheiros, da profissão, e do País, designadamente readmitindo os colegas que foram alvo de penas por motivos políticos, e inscrevendo os colegas que não tenham realizado o estágio pós-escolar ou que exerçam a profissão no Estado.

2 — Convocar para 5.ª-feira próxima, dia 2 de Maio, às 21 e 30 horas, na Sede da Ordem, uma Reunião Geral de engenheiros para se pronunciarem sobre:

a) linhas fundamentais da estruturação da Ordem na nova situação política.

b) Ratificação das medidas adoptadas entretanto pela Direcção.

3 — Fazer a seguinte declaração de princípios: A Direcção da Secção Regional de Lisboa da Ordem dos Engenheiros:

— Manifesta o seu profundo regozijo pela acção do MFA, a qual veio trazer ao Povo Português possibilidades de iniciar a construção do seu próprio futuro;

— Apoia os princípios do Programa do MFA que permitirão aos engenheiros exercerem as suas funções como profissionais e assumirem as suas responsabilidades como cidadãos, o que até agora lhes estava largamente coarctado;

— Considera que as transformações democráticas em curso e contidas no Programa do MFA só poderão ser levadas a cabo:

a) Pelo estabelecimento urgente de modificações económicas numa perspectiva antimonopolista, com vista à melhoria das condiçoes de vida do Povo Português;

b) **Pelo julgamento dos responsáveis pelos crimes PIDE/DGS;**

c) Pelo efectivo exercício das liberdades democráticas;

d) Pelo combate inexorável à corrupção e à obstrução dos princípios proclamados;

e) Pelo estabelecimento urgente da Paz;

f) Pela satisfação dos justos anseios de libertação sindical, incluindo a aceitação do direito à greve;

g) Pela reestruturação de todos os serviços públicos de forma a não ser possível a manutenção de estruturas que possam constituir perigosos focos de reacção ao processo em desenvolvimento.

4 — A Direcção da Secção Regional de Lisboa da Ordem dos Engenheiros exorta todos os engenheiros a tomarem as responsabilidades que lhes cabem como cidadãos, trabalhadores e dirigentes na luta contra os métodos e acções que sejam contrários aos princípios consignados no Programa do MFA.

O fortalecimento da unidade de todos os protugueses com o MFA levará o nosso País a um futuro radioso e longamente ansiado.

VIVA PORTUGAL

A Direcção da Secção Regio-
Engenheiros

# DECLARAÇÃO DOS ALUNOS DA FACULDADE DE DIREITO DE LISBOA

Os alunos da Faculdade de Direito de Lisboa, numa reunião geral ali efectuada, aprovaram a seguinte declaração:

«Os estudantes de Direito saúdam todos os soldados, marinheiros, sargentos e oficiais patriotas que, contribuiram decisivamente para o derrubamento do Governo da ditadura fascista, no dia 25 de Abril, pelo Movimento das Forças Armadas.

Saúdam o Povo Português que através da sua heróica luta, dando inclusivamente o sangue dos seus melhores filhos, criou as condições que permitiram a vitória alcançada contra o fascismo, pela Liberdade e a Democracia.

Os estudantes de Direito, conscientes das responsabilidades que lhes cabem no momento presente, afirmam a sua vontade de levantarem uma poderosa barreira ao lado do Povo Português contra qualquer tentativa da reacção que roube ou limite as liberdades democráticas conquistadas pela acção das forças progressistas.

Nas condições actuais, os estudantes de Direito afirmam, igualmente, a sua disposição de estar à altura das lutas, aspirações e vitórias do Povo Português, na transformação radical da sociedade portuguesa, e especificamente quanto ao conteúdo do ensino e sua mudança radical.»

# Rua com o nome de um pide

Há uma rua em Alvalade com o nome de um antigo director da PIDE. Trata-se da Rua Agostinho Lourenço. Um nome que para muitos cidadãos faz recordar as torturas que eles e os seus familiares sofreram às mãos das algozes agora detidos. As pessoas não querem passar na rua que, no mínimo, deverá mudar de nome.

## QUARENTA E SETE ANOS DE SOLIDÃO...

**— Sou engenheiro. Há 47 anos — é essa a minha idade — que não me deixam falar, que vivo calado e na solidão e durante todo esse tempo não pude conversar e aprender nenhuma ideologia política. Hoje preciso de escolher conscientemente uma posição e não sei como; vejam lá se me podem ajudar.** Assim se apresentou ao telefone da nossa redacção um leitor, que com esta sinceridade manifestou um problema que também é de muitos outros portugueses: «Que fazer?».

E continuou:

**— Aplaudo o Movimento e apoio-o, como todos nós. Mas isso não chega para definir a minha participação na vida política a que finalmente tenho direito. Mas a minha ignorância é dramática. Quem é o M.R.P.P.? O que defende concretamente o P.C.P.? E o P.S.?Tenho«devorado» os jornais mas mesmo assim ainda não vejo claro. É que tenho filhos novos e quero ajudá-los numa preparação política que tenha uma linha justa. Desejava falar com membros dessas organizações, que me dissessem do seu programa com clareza, que me indicassem o que devo ler, que livros, que autores.** Demos-lhe as explicações possíveis. Quem ler este apontamento talvez pense que, para este leitor, há um longo caminho a percorrer. Mas talvez não; hoje, a rua é o melhor dos mestres.

## Problemas na "Portugal e Colõnias"

. A Companhia Industrial de Portugal e Colónias, cujo presidente do conselho de administração é o sr. Manuel Andrade e Sousa, compadre de Marcello Caetano e destacado elemento da ANP, decidira, «para fazer face à subida do custo de vida», aumentar os ordenados dos seus funcionários em 500$00 (!). Os trabalhadores verificaram porém, com surpresa, que esse «aumento» não era integrado no ordenado e sim pago à parte, em jeito de esmola. Recusaram-se a recebê-lo.

Aqueles empregados, que têm há oito meses um contrato em arbitragem, vêem com apreensão o facto de a Companhia continuar a ser administrada por elementos afectos ao anterior regime. E preciso, efectivamente, não esquecer que a maioria do capital da «Portugal e Colónias» é do Estado.

# OS IMIGRANTES EM FRANÇA SENTEM RECUPERADA A SUA DIGNIDADE

PARIS, 2 — A emigração portuguesa de França vive em plena efervescência. São cada vez mais numerosos aqueles que pretendem voltar rapidamente a Portugal. Assim o Consulado Geral de Paris conheceu hoje uma afluência e animação inusitadas, com todos aqueles que reclamavam passaportes para poder regressar ao País. Desde as primeiras horas da manhã que numerosos grupos se apresentaram no Consulado, compostos sobretudo por exilados políticos ou daqueles que se encontram em situação militar irregular. Depois de uma entrevista de uma delegação com as autoridades consulares foram estabelecidos durante todo o dia passaportes válidos por cinco anos a todos os que os pediam, em vez dos passaportes válidos apenas por três meses, que antes eram dados àqueles que se encontravam em situação irregular.

A tendência, nos meios políticos portugueses de Paris, é portanto, para o regresso imediato. Todavia, alguns grupos consideram que, tendo vivido nos últimos anos no estrangeiro, tendo saído de Portugal por não estarem de acordo com a política ultramarina do regime, não devem regressar enquanto não se manifestar uma mudança radical no que diz respeito a essa mesma política. Outros ainda, por diversas razões, que vão das profissionais às familiares, embora manifestando a vontade de um regresso imediato, esperam por garantias quanto à possibilidade de tornarem a sair do País a curto prazo. Estas preocupações são evidentemente patentes naqueles que se encontram em situação militar irregular.

Por outro lado, sobretudo nos meios mais jovens, dir-se-ia que dois sentimentos contraditórios se manifestam: saber que Portugal vive um extraordinário momento histórico e desejar participar nele, com a maior generosidade e boa vontade, mas experimentar uma certa frustração por não ter sido a sua acção própria que conduziu a esse momento. Daí certas contradições nas tomadas de posição, divergências e as polémicas que neste momento agitam esses meios.

**J. GABRIEL VIEGAS**

Mas o que é mais extraordinário, se bem que menos espectacular, é o que se passa na emigração económica. Para lá de todas as manifestações de alegria, ou das inquietações que subsistem para alguns, há um sentimento cada vez mais evidente da dignidade reencontrada.

Párias de uma sociedade que os tolerava melhor que outros imigrantes, apenas na medida em que lhe apareciam como uma mão-de-obra mais dócil, os portugueses de França eram mesmo mal vistos pelos outros estrangeiros, que os acusavam de aceitar condições de trabalho e existênciaintoleráveis.As explicações fornecidas eram a despolitização, o analfabetismo, o atraso económico e cultural esquecendo-se a precariedade total da situação desses imigrantes, que viviam sob o medo das consequências que poderia ter uma expulsão paraPortugal,sentindo-se desprotegidos, isolados faceaosabusospatronais, indefesosperantetodasas propotências, os próprios portugueses de outros meios sociais esqueciam também esses dados elementares nas suas análises e apreciações sobre os seus compatriotas de França.

Através de comentários, das manifestações desses portugueses sente-se hoje e do modo mais claro e nítido, a consciência de que recuperaram um país, que há qualquer coisa, não sabem bem o quê ainda, mas que há qualquer coisa de irreversível que começou em Portugal na qual se poderão apoiar a partir de agora. E esse saber da terra onde poderão voltar se forem escorraçados que lhes restitui a dignidade. Face às administrações, as hostilidades do país onde vivem, as trocas dos outros emigrantes.

A queda do regime salazarista fez nascer uma grande esperança na emigração portuguesa. E podemo-nos perguntar até que ponto o regresso maciço de todos os líderes, militantes políticos sindicais portugueses do estrangeiro não constitui um pequeno abandono.

# TUDO É NEGOCIÁVEL DESDE QUE SE RECONHEÇA O DIREITO À INDEPENDÊNCIA

## -AFIRMAÇOES DE MARCELINO DOS SANTOS A UM REDACTOR DO NOSSO JORNAL EM 1971

Em 1971 encontrei-me em Roma com Marcelino dos Santos, um dos vice-presidentes da FRELIMO, encarregado das relações exteriores. O nosso encontro decorreu no sitio possível, neste caso num elegante bairro romano. Apesar de jornalista era importante despistar os muitos pides que íamos encontrando nas rua da cidade eterna e, especialmente, junto de edifício onde decorria o congresso da esquerda europeia no qual eu participava.

Marcelino dos Santos é um jovem, alto, magro, seco, de olhar vivo, que nos proporciona imediatamente um ambiente muito próximo, muito familiar, porque não só fala correctamente o português como conhece profundamente os problemas do povo português.

A minha primeira pergunta referia-se à posição da FRELIMO face aos movimentos portugueses anticolonialistas e, de uma maneira geral, os movimentos de oposição ao regime fascista qu se encontravam na clandestinidade.

Marcelino dos Santos disse-me que a FRELIMO fazia clara distinção entre o povo e o facismo e estava consciente da vantagem da luta prosseguida pelos movimentos portugueses anticolonialistas. Acrescentou que a FRELIMO também sabia distinguir entre os militares que em África se mostravam autenticamente amigos da população que faziam tudo para não tornar consequente uma guerra injusta, e aqueles que se deixavam arrastar pela propaganda fascista ou pelos crimes perpetrados pela PIDE.

### TUDO É NEGOCIÁVEL

Que condições impõe a FRELIMO para poder negociar com um possível Governo antifascista a surgir em Lisboa? Perguntei a Marcelino dos Santos.

**Tudo é negociável**, respondeu Marcelino dos Santos. **A única condição é que Portugal reconheça à partida o direito do povo de Moçambique a decidir do seu destino e a proclamar a independência. O resto é negociável, inclusivé o futuro da população branca.** (Marcelino aproveitou para informar que muitos brancos de Moçambique aderiram há muito à FRELIMO).

### A IGREJA DE MOÇAMBIQUE

Tinham entretanto começado a surgir publicamente as preocupações dos missionários que trabalham em Moçambique relativamente a uma guerra que se arrastava. Perguntei a Marcelino dos Santos qual a posição da FRELIMO face ao futuro da Igreja Católica em Moçambique dado que, na altura, a direita e os padres reaccionários transformavam esse problema num papão.

**As questões relacionadas com a Igreja Católica em Moçambique após a independência serão discutidas entre a FRELIMO e o Vaticano. Trata-se de um problema que não tem que ser tratado com Portugal.**

CESÁRIO BORGA

## Esclarecimento da Região Militar de Évora

Da Região Militar de Évora recebemos o seguinte esclarecimento relativo a uma notícia publicada no nosso jornal em 27 de Abril de 1974:

«1. O Comandante da Região Militar de Évora informa que a notícia publicada pelo «Diário de Lisboa» em 27ABR74 na página 3, sob o título «Destituído o comandante-interino da Região de Évora», não corresponde à verdade dos factos. 2. O Brigadeiro Carrinho depois de ter aderido ao Movimento das Forças Armadas não contrariou qualquer ordem do mesmo, antes pelo contrário, todo o seu Quartel-General passou a trabalhar perfeitamente integrado com o Oficial Delegado do Movimento. 3. Tanto às 0930 de 26 como de 27 de Abril não foi destacado qualquer Batalhão do RAL 3 para dominar qualquer tomada de posição contrária ao Movimento. As Forças do RAL 3 destacadas para junto do Quartel-General em 27 à hora referida destinavam-se à missão de ocupação das instalações da DGS e arrolamento dos seus bens. As referidas instalações ficam à distância de 30 (trinta) metros do Quartel-General. 4. O Coronel Fontes Pereira de Melo, que foi nomeado Comandante da Região Militar de Évora na manhã de 25 de Abril 74, por S. Ex.ª o general António Spínola, assumiu as funções em 27 às 13h30, tendo-se realizado a transmissão do Comando no Gabinete do Comandante da Região com a maior dignidade e dentro do melhor espírito de colaboração.»

# Declaração do plenário das Belas-Artes do Porto

PORTO, — Estudantes e professores da Escola Superior de Belas-Artes do Porto, reunidos em plenário, aprovaram a seguinte declaração:

«Estudantes e professores da E.S.B.A.P., em plenário, declaram-se solidários com o povo português, os soldados, o Movimento das Forças Armadas e todos aqueles que, no momento presente estão empenhados na consolidação da queda do fascismo.

O plenário da Escola Superior de Belas-Artes do Porto declara a necessidade de:

Primeiro — Todos se empenharem militantemente no processo de desfascização da Escola Superior de Bleas-Artes do Porto, iniciado com a expulsão do sub-director Joaquim Machado, e que se reconhece, sera um processo de longa duração:

Segundo — Anular os processos disciplinares recentemente instaurados pelo sub-director a 15 alunos, considerando-os desde já integrados na vida escolar.

Terceiro — Reintegrar os três professores de arquitectura recentemente afastados, considerando-os desde já no excercício das suas funções docentes.

Quarto — Reintegrar imediatamente os professores que tenham sido obrigados a abandonar este estabelecimento de ensino devido a negligências do ministério da Educação Nacional relativamente às constantes propostas promulgadas a partir de 1968.

O plenário da Escola Superior de Bleas-Artes do Porto, declara ainda que o órgão directivo da Escola, que terá funções executivas e de coordenação dos trabalhos a iniciar imediatamente, será constituído, a título provisório, por um grupo a designar pelas respectivas organizações autónomas de professores e alunos e presidido pelo professor mais antigo, sem voto de qualidade.



DL/NACIONAL

COIMBRA

## Estudantes discutem a gestão universitária

COIMBRA, 2 — Junto à Porta Férrea decorreu uma concentração de alunos universitários convocada pela Comissão Democrática Estudantil de Coimbra com o objectivo inicial de exigir a demissão das autoridades fascistas da Universidade. Porém, perante o encerramento desta e, dada a ausência do ex-reitor Cotelo Neiva, e dos directores de faculdade, essa concentração passou a estudar o modo de reabrir as instalações escolares. Foi então constituída uma comissão de alunos e professores que se encarregará de contactar com as autoridades militares expondo o problema.

Estabelecido este contacto, a comissão informou os presentes que todas as autoridades académicas tinham sido demitidas; que o prof. Teixeira Ribeiro, como decano da Universidade, tinha sido nomeado reitor; que, de igual modo, tinham sido nomeados directores das faculdades os decanos respectivos; e que o Senado Universitário vai ser remodelado admitindo, para já, os representantes dos estudantes.

Em seguida, o novo reitor dirigiu-se aos estudantes e professores presentes, tendo sido calorosamente aplaudido, após o que procedeu à abertura das instalações escolares. Na sequência destes acontecimentos, professores e alunos dirigiram-se à associação, onde se realizaram assembleias de diversas faculdades. Aí se discutiram questões relativas à organização dos cursos e à reformulação das formas de gestão da Universidade.

### Comissão de funcionários

Uma comissão de funcionários da Direcção-Geral das Contribuições e Impostos promovem esta tarde uma reunião com vista à constituição de um organismo sindical representativo da classe.

PENICHE

## A extinção da cadeia pedida pelo Município

PENICHE — A Câmara Municipal desta vila, em reunião extraordinária, tomou as seguintes deliberações, das quais enviou um telegrama à Junta de Salvação Nacional:

«1.° — Manifestar a sua adesão à Junta de Salvação Nacional, oferecendo toda a sua colaboração, até que seja julgada necessária;

«2.° — Solicitar à Junta de Salvação Nacional, como intérprete do veemente sentimento da população do concelho a extinção da cadeia do forte de Peniche, quer como prisão política, quer como prisão de delitos comuns, e que ao mesmo seja dada a utilização anterior, de sede de uma unidade militar ou outra que se julgue conveniente, de forma a apagar o mau nome que a sua existência constitui para a vila.

«3.° — Congratular-se e agradecer à população do concelho a forma exemplar como se comportou no momento histórico que vivemos, e pedir-lhe que continue a manter a melhor ordem, e revelar o seu civismo a bem do nome do concelho e dos superiores interesses da Pátria.»

## O Sindicato dos Ourives e o tráfego ilegal de divisas

Comunicado do Sindicato dos Ourives de Lisboa:

«Este Sindicato em manifesta colaboração com as medidas tomadas pela Junta de Salvação Nacional, relativamente à transferência de divisas, pede a todos os trabalhadores da classe de ourivesaria que controlem minuciosamente o movimento de fabrico e venda de ouro e jóias de grande vulto, informando imediatamente o Movimento das Forças Armadas e o seu Sindicato, sempre que tal se verifique, prestando assim serviço relevante para a Economia Nacional.

Tomamos a liberdade de lembrar os trabalhadores de postos alfandegários para o possível tráfego ilegal de ouro, jóias e pedras preciosas.

### Sindicato dos Capitães e Oficiais Náuticos

O Sindicato dos Capitães, Oficiais Náuticos e Comissários da Marinha Mercante convocou para o dia 3, às 17 horas, na sua sede, Praça D. Luís, -1.° dt., uma assembleia geral extraordinária com vista à eleição de uma comissão directiva do organismo.

### Os cerâmicos saudam a Junta

O Sindicato Nacional dos Operários da Indústria de Cerâmica e Ofícios Correlativos do Distrito do Porto, abrangendo os distritos de Braga, Vila Real e Bragança, enviou o seguinte telegrama à Junta de Salvação Nacional:

«Sindicatos Cerâmicos Porto saúda agradece Movimento Forças Armadas libertação regime que há cerca de 50 anos oprimia povo português.

Pelo sindicalismo livre.

Pela liberdade povo português».

# ÁLVARO CUNHAL: AS PALAVRAS NECESSÁRIAS

..Pode considerar-se histórica a presença em Portugal de Álvaro Cunhal, dirigente máximo do Partido Comunista Português. Tamanha decisão mostra a clarividência da Junta de Salvação Nacional por todas as razões e mais uma: em primeiro lugar, porque Álvaro Cunhal é um português como qualquer português e não se compreenderiam as razões que proibissem a sua entrada no País quando os outros portugueses entram com a maior naturalidade; em segundo lugar, é o chefe de um partido que, concorde-se ou não com o seu ideal, foi o que mais lutou, o que mais sofreu, o que mais vítimas deu no combate contra o fascismo, como sublinhou Mário Soares na sua alocução do 1.º de Maio.

..Não vou falar aqui da apoteótica recepção que foi a rua. Seria chover no molhado: os telespectadores tiveram ocasião de ver com os seus próprios olhos. Será caso para perguntar como no *slogan* do 1.º de Maio: *«Se isto não é o povo, onde é que o povo está?»*

..Tivemos ocasião de ver a rapidez fulminante das suas respostas às perguntas dos jornalistas. Nenhuma palavra a mais, nenhuma palavra a menos, uma total ausência de demagogia. Tivemos ocasião de admirar o tacto com que rodeou as questões mais quentes, sem se esquivar a elas. Tivemos, sobretudo, de ver os seus cabelos brancos, totalmente brancos... Atrás de si, os muitos anos de ilegalidade, de privações, de prisões, de trabalhos. A seu lado, a sombra de tantos companheiros que ficaram pelo caminho (quem poderá esquecer Militão, mártir do nosso povo, que enfrentava as torturas com um sorriso: era um latagão e quando o levaram para a cova não pesava mais do que um passarinho...) e apesar disso, Álvaro Cunhal usa apenas as palavras necessárias: apoio total à Junta de Salvação Nacional; unidade popular; vigilância da reacção.

..Tamanha serenidade, tamanha confiança, tamanha avaliação firme e correcta da realidade portuguesa muito terão contribuído para a sua já enorme popularidade depois desta emissão.

..Emissão que foi uma grande vitória. Um dos grandes acontecimentos na história não só da televisão portuguesa, mas também de Portugal. Verdadeiramente, é a partir de agora que Portugal entra na Europa.

*CRAVOS QUE CHORAMOS OUTRORA*
*CRAVOS QUE RIMOS AGORA*

Seis dias sao passados desde que o braço armado do povo português derrubou a hidra fascista. Neste curto período, o Movimento das Forças Armadas cumpriu tudo quanto prometera. O general de Abril é, hoje, um nome que as bocas populares pronunciam com amor. Seja esta a mais bela condecoração que brilha no seu peito.

..Escrevo isto e já perceberam: estou a fazer um certo esforço para me manter calmo. Parece que a crítica tem de ser muito repousada, distante, muito explicadinha. Estou a escrever isto no próprio instante em que se anuncia o telejornal do 1.º de Maio — e eis que o telejornal nos aparece com um cravo ao peito. Um cravo como tantos milhares que andaram de rua em rua, de peito em peito, nestes seis dias — que são os primeiros dias de vida da grande maioria dos portugueses. O cravo é a flor da nossa festa. A revolução ri com um cravo encarnado. Amigos: os cravos encarnados eram a flor da nossa tristeza. Chorámos muitos cravos vermelhos ao longo destes anos; é com os cravos vermelhos que hoje cantamos.

..Com os cravos vermelhos acompanhámos ao cemitério Bento de Jesus Caraça, Aquilino Ribeiro, Alves Redol; quando a Pide assassinou Humberto Delgado, foi um cravo encarnado que pusemos ao peito; vermelho era o cravo atirado para a terra fresca que para sempre encobriu o corpo de Dias Coelho...

..Fomos, durante muitos anos um povo pregado na cruz, um Cristo que protestava contra os carrascos através dos seus cravos encarnados: as flores do nosso combate. Que são agora o símbolo da liberdade. Sinal da vitória, sim; sinal do perdão, nunca.

..Mando às urtigas a crítica bem comportada. Dou por mim a gritar, de lábios fechados: *Viva o Movimento das Forças Armadas. Viva o general de Abril. Viva o Primeiro de Maio. Viva a alegria de ver televisão...*

..A alegria de comungar com todo o povo português através das notícias (fatalmente breves) que nos chegam de todos os lados, desde o Barreiro ao Porto, passando por Lisboa. Nunca em Portugal se terá visto tamanha demonstração de força popular. Com que então provocadores, com que então agitadores, com que então não sei quê... Não, amigos, esses têm mais que fazer do que se meterem na boca do lobo. Esses estão na toca. À espera de ocasião. Que não deixarão de aproveitar — se nós lha dermos...

..Na emissão de ontem um dos momentos mais significativos foi aquele em que a audiência conheceu o triunvirato responsável pela televisão. Medida absolutamente correcta e a tempo: o povo português não podia ter confiança nos indivíduos enterrados até ao pescoço no pântano da aldrabice, da confusão, da sementeira de ódio entre nós.

..O capitão-de-fragata Guilherme Jorge Conceição Silva, o tenente-coronel Manuel da Costa Brás e o major da Força Aérea João Gregório Duarte Ferreira expuseram claramente o fim que se propunham: conquistar para a televisão a confiança do povo português.

..Manuel da Costa Brás referiu-se à importância fundamental da TV como órgão de informação e à necessidade da renovação de quadros, para o que já foram ouvidas as opiniões e as críticas de diversas personalidades ligadas directamente ou indirectamente à televisão.

..A mais importante comunicação, porém, partiu do presidente do triunvirato, Guilherme Jorge Conceição Silva: a intenção era a de manter uma linha de equilíbrio entre as diversas forças políticas *«com absoluto respeito pelas opiniões políticas venham elas de onde vierem dando a todos, da direita e da esquerda, a mesma possibilidade»*.

..O que se tem em vista é criar um clima estirpado de toda a desconfiança. Louvável? Sem dúvida. Não nos devemos, no entanto, esquecer que a *direita* teve ao seu dispor exclusivamente durante perto de 50 anos *todo* o domínio da informação e da comunicação. Dar-lhe um descansozinho talvez não fosse má ideia.

*APRENDER A SOLETRAR AMOR*

Dentro deste critério (e não vamos agora entrar na pequena discussão dos minutos atribuídos a cada agrupamento político) convidaramse alguns elementos para depor na TV, na véspera do *Primeiro de Maio*.

Estiveram lá Rui Vilar, Tito de Morais, Francisco Pereira de Moura, Mário Soares, Salgado Zenha, Francisco Balsemão, Barrilaro Ruas, Roboredo e Silva (quem é amiguinho, quem é?), Miller Guerra, Jorge Sampaio, Manuel Lopes e, finalmente, Octávio Pato, este último membro do Comité Central do Partido Comunista Português.

..As intervenções foram breves. Certamente veremos mais vezes estas personalidades na televisão e haverá ocasião para apreciação mais demorada da sua presença e da sua mensagem. No entanto, não se pode passar em claro o facto de a maioria se mostrar em notável à-vontade diante das câmaras. Francisco Pereira de Moura, Francisco Salgado Zenha, Mário Soares (com o senão de fugir demasiado com os olhos aos olhos do telespectador, o que pode ocasionar falta de contacto), Jorge Sampaio e Octávio Pato deram, nesse aspecto, autênticas lições. Era como se já tivessem uma grande prática, uma grande experiência de estar na televisão — eles que nunca lá tinham posto os pés...

..Ninguém levará a mal uma palavra particular a Octávio Pato. Uma palavra de amor. Preso, torturado, soube enfrentar as piores adversidades com uma coragem e uma simplicidade que fazem dele um dos grandes heróis do nosso povo. Sobre ele desabou todo o arsenal dos torturadores; nada lhe arrancaram, nem uma palavra.

..Que tudo isso tenha acontecido: os espancamentos, as vinte noites e dias sem dormir, as masmorras sem ar e sem luz, o total isolamento durante longos meses — que tudo isso tenha acontecido sem que uma chama de ódio perturbe estes olhos, sem que uma palavra de vingança lhe saia da boca, sem que um vinco de amargura quebre a tranquilidade desta expressão — eis o grande milagre desta humanidade de aço e de flor que se chama Octávio Pato.

..A televisão portuguesa começa a sua acção educativa quando nos dá rostos para desenhar o grande mapa do nosso amor. Nomes que jamais abandonaram a luta, que alimentaram a esperança com o seu sangue ou com o seu trabalho: Octávio Pato, Salgado Zenha, Mário Soares, etc. Nomes que não esqueceremos.

..Quanto a Roboredo e Silva, bem: mostrem lá a vossa isenção. Mas não abusem, não? É que no chão da nossa memória ainda há pegadas muito frescas. E dói.

O REGRESSO DE CUNHAL

# O PARTIDO COMUNISTA ACEITA PARTICIPAR NO GOVERNO PROVISÓRIO

«O Partido Comunista está pronto a assumir as responsabilidades do Poder», declarou o secretário-geral do Partido Comunista Português, Álvaro Cunhal, na alocução que dirigiu aos milhares de democratas que o receberam apoteoticamente, anteontem, no Aeroporto da Portela.

Álvaro Cunhal afirmou também considerar como tarefas prioritárias, no momento presente, o fim imediato da guerra colonial, a satisfação das reivindicações mais prementes da classe operária, eleições livres para a Assembleia Constituinte, a representação de todas as forças democráticas no Governo Provisório.

Mais tarde, depois de haver conferenciado durante cerca de duas horas e meia com os generais António de Spínola, Costa Gomes e Galvão de Melo, o secretário-geral do Partido Comunista Português declarou-nos que existem boas perspectivas para a completa democratização da sociedade portuguesa.

## A CHEGADA A LISBOA

Eram 13 e 50 quando o Boeing 727 da «Air France», em que o secretário-geral do Partido Comunista Português viajou desde Paris, se deteve em frente da aerogare. Álvaro Cunhal desceu sorridente a escada do avião. A entrada da sala reservada às altas personalidades, foi recebido por uma delegação da Comissão Central do Partido Comunista Português, constituída por Joaquim Gomes dos Santos, Jaime Serra, Octávio Pato, Carlos Brito, António Dias Lourenço e Rogério Carvalho. E pela irmã, D. Maria Eugénia Cunhal, e sobrinho, Duarte Cunhal Medina. Duarte era o pseudónimo de Álvaro Cunhal na clandestinidade.

Logo que entrou na aerogare, Álvaro Cunhal foi envolvido, num movimento de entusiasmo tumultuoso, pelas centenas de democratas que ali o aguardavam. Funcionários do Partido Comunista, que ainda a semana passada viviam na mais rigorosa clandestinidade, militantes e **simpatizantes comunistas, presos** políticos libertados de Caxias e de Peniche pelas Forças Armadas, delegações de todas as forças democráticas. Em representação do Partido Socialista Português, Mário Soares, Tito de Morais, Salgado Zenha, Ramos da Costa; em nome da C.D.E., Francisco Pereira de Moura, Sotomaior Cardia, Her**berto Goulard, Graça Mexia,** Victor Dias e Luísa Amorim. Vivas ao Partido Comunista, a Portugal, à unidade das forças democráticas, às Forças Armadas, o nome de Álvaro Cunhal gritado por centenas de vozes, lágrimas, aplausos, um ambiente de alegria delirante.

## CONFERÊNCIA DE IMPRENSA

Depois de ter repousado breves minutos numa das salas do aeroporto, Álvaro Cunhal, que tinha a seu lado Mário Soares, respondeu a algumas perguntas de centenas de jornalistas portugueses e estrangeiros.

O secretário-geral do Partido Comunista declarou confiar em que o povo e as Forças Armadas conduzirão Portugal no caminho da democracia, da liberdade e da paz. Não escondeu, no entanto, as suas preocupações quanto ao futuro, ao afirmar não saber «se teremos força bastante para unir o Movimento das Forças Armadas e as massas populares de modo a impedir o regresso de um regime de opressão».

A uma pergunta sobre a Espanha, respondeu que é um país **com quem temos laços muito íntimos e com quem deveremos manter relações de boa vizinhança, de acordo com os princípios da coexistência pacífica.**

Álvaro Cunhal disse também que o Partido Comunista, juntamente com todas as forças progressivas, lutará pelo fim imediato das guerras coloniais e pelo respeito pelo princípio da autodeterminação.

A terminar, o secretário-geral do Partido Comunista afirmou esperar que a Imprensa, livre da censura imposta pelo fascismo, diga sempre a verdade, contribuindo assim para a **consciencialização política do povo português.**

## CONFIANÇA NO PARTIDO COMUNISTA

Nos parques de estacionamento fronteiros à saída do aeroporto, concentravam-se muitos milhares de democratas. Bandeiras nacionais e bandeiras com foice e martelo, cartazes e bandeirolas, rosas e cravos vermelhos, dísticos com palavras de ordem e saudações ao Partido Comunista. Uma coluna militar, constituída por engenhos blindados de reconhecimento e de transporte e por **«jeeps», estava estacionado ao longo da aerogare. Os soldados,** sargentos e oficiais eram saudados, momento a momento, com aclamações às Forças Armadas.

Em pé sobre um engenho blindado de transporte, tendo a seu lado Mário Soares, secretário-geral do Partido Socialista, e Luiza Amorim, da C.D.E., Álvaro Cunhal leu uma alocução.

Interrompido frequentemente pelos aplausos calorosos da multidão, o secretário-geral do Partido Comunista Português começou por dizer que considerava aquela manifestação uma expressão de apreço pela luta do Partido Comunista durante os quarenta e oito anos de tirania fascista, uma expressão da confiança dos trabalhadores, dos democratas e dos militares no papel que o Partido Comunista terá na transformação política, social e económica do nosso País.

«A classe operária, todos os democratas, sabem bem que os comunistas continuarão a dar tudo, se necessário a própria vida, pela libertação do povo português», afirmou depois Álvaro Cunhal.

Mais adiante, o secretário-geral do Partido Comunista Português disse: «Saúdo todos os antifascistas e anticolonialistas, todos os que passaram pelas prisões e lutaram na clandestinidade, muitos dos quais ficaram pelo caminho, mortos pela tortura, mortos à bala, pelo extinto bando da PIDE-DGS. É necessário que tais dias negros não voltem. E não voltarão se nos soubermos unir. Unidos venceremos.»

Após haver declarado que a consolidação da vitória alcançada pelo Movimento das Forças Armadas exige o efectivo exercício de todas as actividades democráticas, nomeadamente a liberdade dos partidos políticos, afirmou ser necessário o fim imediato da guerra colonial, a satisfação das reivindicações mais imediatas das massas trabalhadoras e a realização de eleições verdadeiramente livres para a Assembleia Constituinte.

«A melhor garantia de eleições verdadeiramente livres será a constituição de um Governo com representação de todas as forças democráticas», prosseguiu Álvaro Cunhal, para acrescentar que o Partido Comunista está pronto a assumir as responsabilidades do Poder.

A multidão gritou em coro «Cunhal ao Governo», rompendo depois em aplausos ao Partido Comunista, à unidade e às Forças Armadas.

**«A aliança do povo e dos mi**litares é condição para a democratização da sociedade portuguesa. Tudo faremos para tornar irreversível a situação no nosso País», disse ainda o secretário do Partido Comunista Português, que terminou por saudar o Movimento das Forças Armadas, a Junta de Salvação Nacional, a classe operária e o povo português, «que nunca se vergou à ditadura fascista».

Em nome da C. D. E. de Lisboa, movimento que reune comunistas, socialistas e cristãos progressivos, Luisa Amorim leu uma mensagem de saudação ao secretário geral do Partido Comunista.

Durante a leitura da mensagem, Álvaro Cunhal ficou descoberto face à multidão. Milhares de vozes gritaram «cuidado Álvaro», «cuidado». Luisa Amorim colocou-se em frente de Álvaro Cunhal, gesto que foi saudado com aplausos pela multidão.

## CONVERSAÇÕES COM A JUNTA

Álvaro Cunhal e os membros da Comissão Central do Partido Comunista tomaram então lugar em dois automóveis. Escoltado por uma forte coluna militar, partiram para o Palácio da Cova da Moura, a fim de conferenciarem com representantes da Junta de Salvação Nacional. Centenas de automóveis, buzinando ruidosamente, seguiram-nos até à Avenida Infante Santo. Durante o percurso, o secretário geral do Partido Comunista Português foi saudado entusiasticamente por milhares e milhares de pessoas.

À chegada ao Palácio da Cova da Moura, Álvaro Cunhal foi recebido pelo general Galvão de Melo.

Era acompanhado por Jaime Serra, Octávio Pato e Joaquim Gomes dos Santos, membros da Comissão Central do Partido Comunista.

Mais tarde, juntaram-se ao general Galvão de Melo o presidente da Junta de Salvação Nacional, general António de Spínola, e o general Costa Gomes. Ao todo, a reunião durou cerca de duas horas e meia.

À saída, o secretário geral do Partido Comunista declarou-nos que as conversações haviam confirmado a existência de boas perspectivas quanto à completa democratização da sociedade portuguesa. Em resposta a outra pergunta do nosso jornal, disse que não foi abordada a futura constituição do governo provisório. Álvaro Cunhal disse ainda que foram tratados os principais problemas da actual situação portuguesa, nomeadamente as medidas a adoptar para a efectiva consolidação da revolução de 25 de Abril. E declarou ainda que expusera a posição do Partido Comunista sobre a imediata solução do problema colonial.

## COMUNISTAS E BANQUEIROS

Três membros da Comissão Central do Partido Comunista Portugueses acompanharam Álvaro Cunhal durante as conversações com a Junta de Salvação Nacional: António Dias Lourenço, Carlos Brito e Rogério de Carvalho, que estava acompanhado da esposa, também militante comunista. Ficaram numa das salas de espera do Palácio da Cova da Moura.

Outras personalidades estiveram na mesma sala, durante as duas horas e meia que duraram as conversações entre o Partido Comunista e a Junta de Salvação Nacional, como o director da Aeronáutica Civil e o secretário geral do Ministério das Finanças.

Em dado momento, também estiveram naquela sala os governadores do Banco Nacional Ultramarino e do Banco de Angola e administradores de todos os bancos comerciais do Ultramar. Não fosse o extraordinário ter passado a ser o quotidiano desde 25 de Abril, e seria para espantar a presença na mesma sala de membros da Comissão Central do Partido Comunista e de administradores da banca mais directamente ligada ao Ultramar!

Dias Lourenço, a quem informámos da presença dos administradores da banca, comentou:

— As voltas que o mundo dá...

Dissemos a Carlos Brito que tudo nos parecia extraordinário desde o 25 de Abril.

— Imagina então o que eu sinto, respondeu-nos Carlos Brito, eu que ainda há dias estava na clandestinidade. Se nunca me furtei ao contacto com os soldados e marinheiros, a verdade é que evitava cuidadosamente locais como o Palácio da Cova de Moura...

Perguntámos-lhe se o Partido Comunista ficara surpreendido com o Movimento das Forças Armadas.

— Desde as eleições para deputados que aguardavamos este movimento. As eleições tornaram evidente que o Governo não era apoiado por nenhum sector da vida nacional. Estava inteiramente isolado. O desenrolar dos acontecimentos confirmou inteiramente as análises do meu partido sobre a situação portuguesa. E confirmou que a democratização da vida portuguesa exige a aliança das Forças Armadas e das massas trabalhadoras, aliança que é necessário consolidar agora.

## Dezenas de exilados regressam a Portugal

No mesmo avião em que Alvaro Cunhal regressou a Portugal, vieram cerca de quatro dezenas de exilados em França. Cerca de metade são desertores ou refractários. Ao desembarcarem em terra portuguesa, muitos tinham lágrimas nos olhos. O encontro dos refugiados com as famílias, os amigos, os camaradas, foi um momento de grande emoção.

Citemos os nomes de Emílio Campos Lima e a mulher, Maria Isaura Campos Lima, Victor Carvalho, os cantores José Mário Branco e Luís Cilia, dr. Marques dos Santos, Maria Pedro, viuva de Edmundo Pedro, militante comunista morto no exílio, José Cavaco, Francisco Gargalo, Estrela, Caetano, prof. dr. Magalhães Vilhena, Domingos Abrantes, Francisco Mendes, dr. Barradas de Carvalho, dr. José Dias, arquitecto Celestino de Castro, João Alpiarça, Barradas e Laura Lopes.

Noutros aviões, também regressaram a Portugal numerosos outros exilados políticos, como o pintor Jorge Martins, o dr. Rui Cabeçadas e o dr. Fernando Piteira Santos, ambos antigos dirigentes da Frente Patriótica de Libertação Nacional, com sede em Argel.

# O esclarecimento ao "esclarecimento" dos T.L.P.

As relações públicas dos TLP «esclareciam» no nosso jornal que não respeitavam a verdade as informações em que se baseava uma notícia publicada com o título «Atitudes arbitrárias dos TLP».

Afirmavam depois que os empregados faltosos, teriam falta justificada desde que apresentassem razões.

O primeiro reparo que nos merece o esclarecimento dos TLP refere-se à veracidade das informações que utilizámos na elaboração da notícia. Ao contrário do que afirma a D. Célia Metrass que assina o esclarecimento, as informações correspondem à verdade. Ainda ontem os serviços dos TLP estavam a pedir justificações por escrito de uma falta resultante do acontecimento mais conhecido no País. Com a agravante de, em relação a outras faltas, essa justificação escrita não ser exigida. A sanção existe de facto, porquanto a empresa não pensa pagar o dia 25 de Abril aos empregados que não compareceram ao serviço.

O segundo reparo tem a ver com a ligeireza com que as relações públicas dos TLP afirmam não serem verdadeiros factos que efectivamente o são. Já lá vai o tempo em que nós respondíamos a comunicados deste género e tais respostas não viam a luz dos dias. Agora o mínimo que podemos dizer às relações públicas dos TLP, a todas as relações públicas que existem para aí que, como jornalistas, não temos lições a receber sobre a maneira correta de fazer notícias, e lembrar-lhes que terminou o tempo de se poder afirmar que certas informações não são verdadeiras sem dizer porquê. Os telefonemas que ontem recebemos de empregados dos TLP a desmentir o esclarecimento mostram bem quem está verdadeiramente informado. Se quiser, D. Célia, até lhe arranjamos listas de justificações, cópias de cartas, tudo, para seu descanso e dos seus colegas das relações públicas.

**OS CTT SEGUEM O EXEMPLO**

Segundo informações chegadas à nossa redacção, também os CTT estão a pedir justificações por escrito sobre faltas resultantes do acontecimento mais conhecido do País. A justificação a ser aceite, tal como está a acontecer nos TLP, privará os empregados do pagamento do dia 25.

# Desmentindo rumores

O comandante do Centro de Instrução de Sargentos Milicianos de Infantaria, em Tavira, coronel Mendes Baptista, reuniu-se com os delegados dos órgãos de Informação naquela cidade para desfazer rumores que corriam entre a população local sobre a atitude do C.I.S.M.I. em face do golpe de Estado. O coronel Mendes Baptista esclareceu-nos — pedindo que tal seja divulgado — que a sua unidade aderiu, desde o início, ao Movimento das Forças Armadas, encontrando-se de prevenção no cumprimento de instruções da Junta de Salvação Nacional. Aliás, foi esta unidade quem prendeu e desarmou os elementos do posto da Pide/DGS de Vila Real de Santo António, acção que foi comandada pelo tenente-coronel Pires. Os membros daquela extinta corporação renderam-se imediatamente.

**A G.N.R. DE ALPIARÇA TAMBÉM DESMENTE**

A Junta de Salvação Nacional informa-nos:

«Em alguns jornais de 29, escreveu-se que o comandante do Posto da G.N.R. de Alpiarça «era um PIDE» e se encontrava detido pelo Exército.

Pede o Comandante-Geral da G.N.R. que tal notícia seja rectificada, por de forma alguma corresponder à verdade.

O comandante do Posto referido não podia de forma alguma identificar-se com actividades que não as suas, e a sua transferência para Santarém, para a sede da Companhia, não foi determinada pelo Exército mas pela G.N.R., e por razão de serviço.

Acrescenta-se que este sargento é condecorado com a medalha de Serviços Distintos de Segurança Pública, por ter arriscado a sua vida na defesa de terceiros».

**O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por José Henrique Messias Café «A Nossa Casa» ODEAXERE — ALGARVE**

# GRAUS DE RESPONSABILIZAÇÃO

**Por URBANO TAVARES RODRIGUES**

A cidade vibra, habitada pela esperança, entre o azul e a chuva destes dias em que tudo é excepcional. Em avenidas de vertigem passam manifestações de gente que nunca se manifestou. Perto da rua onde moro surgiu há pouco, açoitada por um vento novo, a manifestação dos padeiros, aprendendo a soletrar «O povo unido jamais será vencido». Nem um jovem de **blue-jeans**. É precisamente o povo-povo, o do país negro da desistência que era ontem, o mesmo povo que ignorava a sua força, que desconhecia a sua dignidade civil e de chofre a reaprende — que a dignidade mora sempre no fundo do ser agrilhoado — em tão rápidas horas, de coração enfebrecido, de clareza a desabrochar.

Na Baixa (porque não dizê-lo?, importa até dizê-lo) é a caça ao pide. Subsiste o receio de que um milhar de criminosos e torcionários ainda à solta possa conceber e levar a efeito os mais tenebrosos desígnios. E é o povo que assume a vigilância da pátria liberta, que chama a atenção dos soldados para as sombras suspeitas, para o ganido feroz de um morcego que se vê identificado. Os fuzileiros fecham as ruas, iniciam buscas, acabam por achar, mortos de susto, aqueles que ontem, tão impunes e seguros de si, nos calcavam a face e as mãos laceradas.

Está certo. É um reflexo de defesa, não o delírio de castigar, porque a entrarmos nesse capítulo, no da responsabilização das pessoas, muito, muito haveria a dizer... Os esbirros da D. G. S. eram, em última análise, os executantes de uma ordem instaurada pelo fascismo e ao serviço das figuras mais sinistras do capital monopolista. Sem citar nomes, assim como hoje o povo se sente protegido pelo Exército (que povo é também) quem se sentia protegido pela PIDE eram os muito ricos, os usufrutuários da fraude, os donos do nosso desespero e das suas fortunas mal adquiridas.

Não basta dar caça aos pides, há que iluminar a zona penumbrosa e turva dos **negócios sujos, como em França se fez após a** Libertação.

Há que perguntar: «Onde está o dinheiro?» Observar o movimento dos capitais. **Alguém fez um negócio de** cinco, de dez, de vinte mil contos. Onde foram parar essas quantias?

Há que estar atento a certos especuladores da construção civil, obreiros dos monstros arquitecturais que proliferam por este pobre País e dos não menos monstruosos aluguéis que oneram uma população com tão baixo rendimento **per capita**. Há que passar em revista as «milagrosas» operações da bolsa, as companhias que foram estranhamente vendidas em prejuízo dos pequenos accionistas. Verificar o ouro que se comprou. O ouro e as divisas.

Não se trata de desrespeitar a propriedade. Não escondo, não, que sou marxista. Simplesmente, o que estou pondo em causa, neste momento histórico de recomeço de convívio democrático na nossa terra limpa do terror, é apenas, mas com toda a exigência da justiça, a confiscação dos bens dos especuladores. E sobretudo o termo da especulação desenfreada, que ainda há poucas semanas entre nós era norma aceite e venerada.

# OS ESCRITORES FACE À TV

E o seguinte o texto de um abaixo-assinado dos escritores portugueses:

«Está bem viva na memória dos portugueses a sistemática tarefa de repressão política e cultural executada durante dezenas de anos pela Rádio Televisão Portuguesa e Emissora Nacional de Radiodifusão.

Se, como é facto indesmentível, Portugal pode libertar-se agora com voz livre e autêntica e com uma verdade a preservar, não são os responsáveis no passado pela mentira e a falsificação consciente que podem comunicar honesta e eficazmente a autenticidade do presente sem o identificarem com oportunismos e convicções que desejamos para sempre extintos.

Neste sentido já a Imprensa e a opinião pública se têm vindo a manifestar com crescente e justificado alarme de que os signatários, embora conscientes das grandes prioridades do momento, não podem deixar ...

Assinam este documento: Alexandre Babo, Batista Bastos, Sophia de Mello Breyner, Mário Castrim, João Cochofel, Gastão Cruz, Alexandre Cabral, H.M. de Mello e Castro, Ferreira de Castro, Mário Dionísio, Manuel Ferreira, Alvaro Guerra, Herberto Helder, Nuno Judice, Maria Alberta Menéres, Fernando Namora, Carlos de Oliveira, Fernando Assis Pacheco, José Cardoso Pires, Urbano Tavares Rodrigues, Bernardo Santareno, Luís de Stau Monteiro, Pedro Tamen, Mário Ventura.

Este mesmo documento continua a circular entre a classe e está recebendo inumeras adesões de nomes não menos prestigiados do que os que aqui se mencionam.

DL/NACIONAL



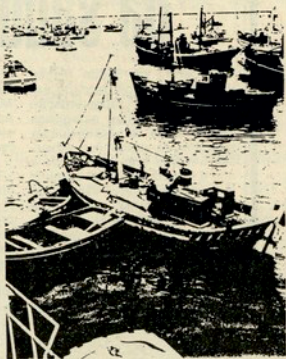
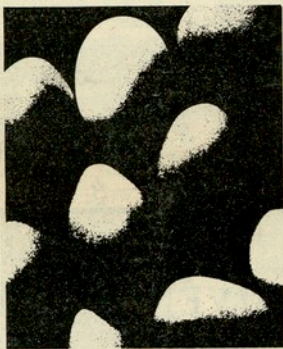
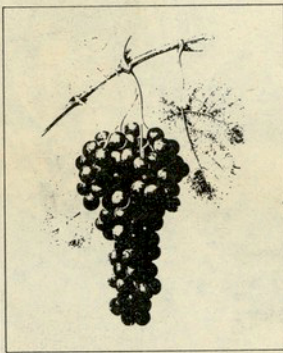
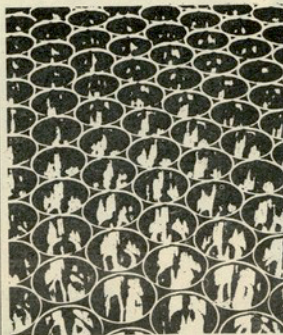
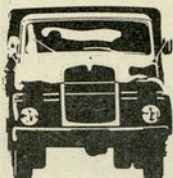
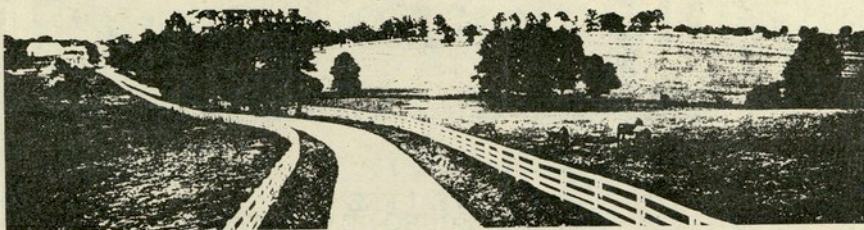


# Adiado para hoje o plenário dos estudantes de Lisboa

**Pouco menos de 10 mil estudantes de todas as Escolas e Liceus de Lisboa, reunidos no Técnico terça-feira passada, em reunião Plenária, para decidir da posição do Movimento Estudantil frente aos importantes acontecimentos verificados no País desde há uma semana, acabaram por adiar o Plenário para hoje, quinta-feira perante a impossibilidade de chegar a conclusões representativas sobre a questão.**

**Efectivamente, depois de cinco horas de discussão muitas vezes acalorada, muitas vezes debaixo de chuva, os estudantes presentes viram gorada a sua intenção, correspondente a uma necessidade politicamente urgente, de fazer aprovar uma tomada de posição conjunta em relação ao golpe de Estado militar que derrubou o governo fascista de Marcello Caetano e às consequências que esse movimento das Forças Armadas trouxe e trará para o País e para a evolução política da guerra colonial. A apresentação de numerosas informações necessárias prolongou excessivamente o primeiro ponto da ordem de trabalhos, tendo sido o segundo ponto (tomada de posição) interrompido, após a apresentação e leitura de cerca de 10 propostas diferentes, com a detectação de dois indivíduos, suspeitos de pertencerem à antiga PIDE/DGS, no interior da assembleia. Apenas um dos dois suspeitos, estudante branco de 18 anos, natural de Cabo Verde, foi trazido para a mesa, iniciando-se em seguida um longuíssimo processo de discussão e averiguação das provas incriminatórias que decidiriam da actuação da assembleia em relação ao elemento suspeito. Na impossibilidade de comprovação, no local em que decorria o Plenário, das suspeitas que recaiam sobre aquele estudante, a massa estudantil decidiu por maioria entregá-lo, sob custódia, a uma comissão de estudantes que incluiria jovens caboverdianos, a fim de ser minuciosa e rigorosamente verificada a veracidade das acusações e, em caso de culpa decidida o castigo a aplicar.**

**Entre numerosas palavras de ordem lançadas pelas diversas tendências políticas abrangidas pelo Movimento, a convocação do Plenário propunha o arrasar do que resta das medidas fascistas, nas escolas e fora delas, que nem um só Pide ou bufo escape! Manifestemos a nossa firme oposição à guerra colonial, independência imediata para as colónias, regresso imediato dos soldados! Os Pides morrem na rua! Fora com o fascista Veiga Simão!:**

# semeamos presente produzimos futuro

Damos a maior relevância ao desenvolvimento das actividades que promovemos e que abrangem os mais importantes sectores primários da economia — da agro-pecuária à pesca.

Em consequência desta conjuntura adquirimos a consciência de que é necessário acelerar a concretização da nossa politica turistica que desde sempre considerou o turismo integrado num espaço económico que abrangesse todas as actividades que com ele se relacionam directa ou indirectamente, mas que tem reflexo quase sempre imediato nos serviços que uma empresa turistica deve promover para assegurar um serviço eficaz.

A Torralta é quase auto-suficiente.
Numa época de acentuada flutuação económica os bens de consumo primário tornam-se cada vez mais dificeis de conseguir em condições razoáveis de preço e qualidade.

Com este objectivo adquirimos milhares de hectares de terra fértil. Onde se desenvolve uma notável actividade agro-pecuária com a finalidade especifica de assegurar a manutenção dos inúmeros empreendimentos turisticos da Torralta.

Activamos o sector das pescas, racionalizando os processos de trabalho e modernizando a nossa frota.

PUBLITOTAL T-3/74

**TORRALTA** mais trabalho para um país melhor

DL/GERAL

# Para a resolução dos problemas fundamentais da saúde mental infantil

O Centro de Saúde Mental Infantil de Lisboa, reunido em plenário, com representação de todas as suas categorias profissionais e hierárquicas, apreciou as condições adversas em que tem funcionado e que o têm impedido de cumprir cabalmente a sua missão de promover uma adequada Saúde Mental Infantil.

Aprovou aquele plenário, por unanimidade dos presentes, a seguinte moção:

«Considerando:

— as condições materiais degradantes em que vivem as crianças internadas na Secção Infantil do Hospital Júlio de Matos (p. ex., andarem nuas por falta de vestuário, tendo o pessoal de enfermagem de recorrer à caridade pública);

— a insuficiência de pessoal e de meios materiais postos à disposição deste Centro;

— a impossibilidade de prestar assistência a crianças num Serviço instalado num hospital psiquiátrico de adultos;

— que este hospital de adultos (Hospital Júlio de Matos) tem funcionado segundo uma estrutura asilar anacrónica e decadente;

— que durante anos, estas muitas outras dificuldades, referentes a todas as secções deste Centro, foram expostas superiormente sem que lhes fosse dada qualquer solução;

— que todas estas deficiências só podem ser compreendidas pelo facto de dependermos de um Instituto de Assistência Psiquiátrica, correia de transmissão da máquina fascista:

**Concluímos**

pela total incapacidade de gestão e pela incompetência técnica do Instituto de Assistência Psiquiátrica para compreender as necessidades da Saúde Mental Infantil do Povo Português.

**Propomo-nos**

constituir uma comissão de estudo técnica-administrativa, eleita em plenário, para, no mais curto prazo de tempo, propor às autoridades competentes as bases concretas que possam contribuir para a resolução dos problemas fundamentais em Saúde Mental Infantil.

**Requeremos** o reconhecimento legal desta comissão de estudo, constituído por António Coimbra de Matos, Chefe de Serviço; Elisa da Conceição Vilar, técnica de electroencefalografia; Helena Silva, psicóloga; Helena Calapez, enfermeira; Manuela Cruz, professora; Maria da Conceição Almeida, auxiliar; Fernando Valadas, professor de educação física; Mário Sales de Almeida, técnico administrativo; Paula Roncon, assistente social e Teresa Ferreira, médica psiquiátrica».

DL/NACIONAL

## "O POVO É QUEM MAIS ORDENA" NA CIDADE INVICTA

# CENTENAS DE MILHARES DE PORTUGUESES FESTEJAM A QUEDA DO FASCISMO

«Estes não foram trazidos em camionetas pagas com o nosso dinheiro» — gritou um velho portuense, referindo-se ao mar de gente que, ontem à tarde, foi demais para o espaço consentido pela Praça da Liberdade, Avenida dos Aliados, Praça do Município, ruas 31 de Janeiro e dos Clérigos e outras artérias vizinhas. Desde a triunfal visita do general Humberto Delgado, em 1958, que os prédios da Baixa portuense não tiveram a rodeá-los tão grande número de pessoas, na mais concludente manifestação de apoio ao novo caminho que a Nação encetou com o Movimento de 25 de Abril. No dizer das pessoas mais velhas, algumas das quais abordámos ao cimo da Avenida dos Aliados, não há memória de tanto povo reunido nesta ou em qualquer outra zona da cidade, num indesmentível plebiscito — e, este sim, espontâneo e autenticamente representativo — a favor de uma convivência livre e democrática entre todos os portugueses. Centenas de milhar de pessoas, milhares de bandeiras e cartazes, uma alegria que há oito dias atrás ninguém diria possível nesta terra até então dominada pelo silêncio e pela rotina e a quem inesperadamente, foi dada a possibilidade de pensar pela sua própria cabeça.

Não se partiu um só vidro, não se esboçou o mínimo gesto que contrariasse a livre expansão da alegria que todos sentiam nesta comemoração do primeiro «Dia do Trabalho» na cidade do Porto. Via-se, aqui e além, uma viatura militar com pessoal das Forças Armadas. Mas estas não estavam a «vigiar» ninguém, nem os portugueses precisam que lhes vigiem os actos ou as consciências. Os soldados, com cravos vermelhos na lapela, estavam presentes mas com o mesmo espírito dos restantes milhares de portuenses.

Ao princípio da tarde começaram a afluir à zona central da cidade, vindos dos mais diversos lugares, grupos de manifestantes com cartazes.

### «NEM MAIS UM EMBARQUE»

Pouco depois das 15 horas muitos deles reuniram-se na Praça da República, diante da sede da Região Militar, onde o cornel Manuel Esmeriz profeiu algumas palavras. Este numeroso grupo dirigiu-se então para a Praça do Município onde já havia sido instalada uma tribuna. Às 16 horas, desde o edifício da Câmara Municipal do Porto até à Praça da Liberdade era um mar de cabeças que continuavam a afluir de todas as ruas vizinhas. Gente de todas as idades, inúmeras crianças agarradas às mãos dos familiares, a estátua de D. Pedro IV totalmente coberta de rapazitos.

Dos milhares de cartazes e dísticos, salientamos os seguintes dizeres: «Polícia de choque não, alerta popular sim», «Não à exploração capitalista», «Não pode ser livre um povo que oprime outros povos», «Fora com os bufos e chefes policiais das fábricas», «Fim à guerra colonial, nem mais um embarque».

Da tribuna falaram representantes do Movimento Democrático, do Partido Comunista, do Partido Socialista e dirigentes sindicais.

Foi feita uma chamada para a misa do militante comunista, Carlos Costa, que passou 20 anos na prisão, e lido um telegrama da C.G.T. francesa, assinado pelo seu secretário-geral e enderaçado aos trabalhadores e democratas portuenses. O dr. Veiga Pires, velho lutador antifascista foi também chamado para a mesa. Falou depois Horácio Guimarães do executivo do M.D.P.: «Estamos aqui com o Povo Português porque o Povo está connosco». Salientou depois a necessidade de não permitir que as forças da reacção se organizem: «Não basta liberdade, é preciso defendê-la». Pediu depois para todos os democratas reforçarem a sua unidade e pediu a formação imediata de um Governo provisório onde estejam representantes de todos os movimentos.

### O P.C. RESPEITARÁ A VONTADE DO POVO

Ângelo Veloso, do Comité Central do P.C. falou em seguida: «Foi a luta dos povos coloniais que enfraqueceu o regime e levou à sua queda» — começou por dizer. Alertou as pessoas contra o perigo de surgirem as froças reaccionárias neste momento. E concluiu, mais adiante: «O P.C. respeitará a vontade livre, livremente expressa do nosso Povo. A impaciência pseudo-democrática nada constrói».

Depois da leitura de mensagens dos inquilinos do Norte de Portugal («reivindica o congelamento das rendas de casa») e da federação das colectividades do Distrito do Porto («encargos e burocracias impedem-nos de atingir os nossos objectivos»). Falou José Luís Nunes, do Partido Socialista. Este saudou o P.C. e o português sem mácula que é o camarada Alvaro Cunhal «recordando o nome, entre aclamações, do general Humberto Delgado («impõe-se o seu regresso e o seu funeral nacional»). E perguntou José Luís Nunes mais adiante: «Que direito têem muitos de agora se dizerem democratas quando a memória nos recorda que estiveram sempre do lado da repressão?» e concluí: «E preciso não esquecer que os pides também eram pagos pelos patrões e uns e outros têem que ser julgados».

Celso Ferreira, da Comissão Directiva do Sindicato dos Têxteis, na sua breve intervenção referiu à reivindicação de todos os trabalhadores quanto a estabelecimento de um salário mínimo nacional e Virgínia Moura, que subiu à tribuna entre palmas, recordou Bento Gonçalves, Guilherme da Costa Carvalho e Humberto Delgado e pediu o reconhecimento do direito à autodeterminação e à independência dos povos coloniais.

### INÍCIO DE UMA NOVA ERA

Em nome de uma comissão de jornalistas, João Maia leu depois uma declaração intitulada «Alarme dos jornalistas do Porto ao Povo do País», em que referia a concentração da Imprensa nos grupos económicos e a abolição da censura».

Falou depois, em nome dos estudantes democratas, Pina Moura. Saudação aos Partidos Comunista e Socialista, «cuja presença nesta tribuna tem um profundo significado político: esse significado, continuou Pina Moura, é de que nenhuma força conseguirá hoje impedir a vida legal a que têem direito no Portugal que queremos livre».

Pediu também o desarmamento da P.S.P. e da G.N.R. e o total desmantelamento da Legião. Pediu ainda uma reforma geral e democrática do ensino, com escolas ao serviço do povo onde os trabalhadores tenham acesso. Recordou o prof. Ruy Luís Gomes que na próxima sexta-feira chegará ao Porto. Pina Moura referiu-se, a terminar, à autodeterminação dos povos coloniais («não podemos ser livres enquanto oprimirmos outros povos»). aos estudantes como vanguarda revolucionária, à unidade em torno do programa das Forças Armadas nesta primeira fase e à luta antimonopolista.

Depois de umas breves palavras de um oficial miliciano («saímos do Povo e continuamos a defender o Povo») foi indicado o orador seguinte: «O trabalhador intelectual Cassiano Abreu Lima». Afirmou: «E importante que todos nós, trabalhadores manuais e intelectuais encaremos o dia de hoje não como um epílogo, como um fecho, mas antes como aquilo que verdadeiramente é: zação das forças da reacção e do obscurantismo.

### LIQUIDAR OS MONOPÓLIOS E REFORMA AGRÁRIA

José Carlos Almeida, membro do P.C., falou em seguida, salientando a unidade das forças democráticas em torno do Movimento das Forças Armadas, o direito à independência dos povos das colónias e as relações com Portugal com todos os povos do mundo. Referiu-se ainda à necessidade de liquidar o poder os monopólios, à urgência de uma do programa das Forças Armadas, a importância dos católicos progressistas, a necessidade de liquidar a organização corporativa e propôs o nome de Canais Rocha para o Ministério do Trabalho que substituirá o das Corporações.

O comércio encerrou com o pedido de que o 1.º de Maio continuasse pelas ruas do Porto, sendo dados vivas à unidade com as Forças Armadas e aos Partidos Comunista e Socialista.

Todas as intervenções foram frequentemente interrompidas com salvas de palmas. Cantou-se no fim o Hino Nacional.

«O início de uma nova era em que, finalmente, libertos da tenebrosa opressão fascista, construiremos, nós próprios, o nosso futuro, assumindo toda a representatividade da tarefa histórica que nos incumbe». Salientou depois a necessidade de estarmos todos atentos para impedirmos à nascença toda a tentativa de reorganireforma agrária e de uma verdadeira democratização da instrução e da cultura.

Falou, a terminar, um representante do Sindicato dos Bancários que vincou a unidade

A Baixa portuense continuou cheia de gente e formou-se um longo cortejo automóvel que percorreu as ruas da cidade até cerca da meia noite, apitando claxons constantemente.

## Juízes do Porto fazem reivindicações

**Informa a nossa delegação no Porto que foi enviado ao presidente da Junta de Salvação Nacional o seguinte telegrama:**

«Os signatários, juízes do distrito judicial do Porto, manifestam a V. Ex.ª a sua inteira concordância com a necessidade de imediatamente serem tomadas medidas de disposições tendentes a assegurar a independência e a dignificação do poder judicial, permitindo-se indicar algumas delas:

a) A eleição dos membros do Conselho Superior Judiciário;

b) A restituição ao mesmo Conselho da competência para a movimentação dos juízes;

c) A separação das magistraturas judicial e do Ministério público;

d) A proibição de os juízes exercerem cargos directa ou indirectamente dependentes do Governo;

e) O termo do sistema de nomeação em comissão de serviço;

f) A promoção por antiguidade com supressão da chamada classificação extraordinária e

g) Criação da Associação de Magistrados.

Esperam a rápida concretização das providências que sugerem, a bem do Povo Português.

Apresentam a V. Ex.ª respeitosos cumprimentos, Afonso Liberal, Alberto Malgueiro, Alvaro Dias, António Pais Sousa, António Gomes, Alexandre Herculano, Armando Sá Coimbra, Armindo Cardoso, Aurélio Vieira, Castro Ribeiro, Eduardo Martins, Estelita Mendonça, Hernâni Figueiredo, Elias Costa, Fernando Pinto Gomes, Fernando Simão, Fidalgo Matos, Flávio Ferreira, Góis Pinheiro, Gelásio Rocha, Gama Prazeres, Herculano Lima, Joaquim Roseira Figueiredo, Jorge Fugas, Jorge Vasconcelos, Jorge Remísio, José Calego, José Tinoco, José Domingues, João Neves, Júlio Santos, Luis Garcia, Messias Bento, Metelo Nápoles, Miguel Montenegro, Nelson Couto, Pires Lima, Passos Coelho, Sá Couto, Salviano Sousa e Vasco Tinoco».

DL/NACIONAL

# O 1.º DE MAIO NO BARREIRO

# O FUMO DAS FÁBRICAS FOI A ÚNICA SOMBRA

A população operária do Barreiro não veio em peso para as ruas comemorar o 1.º de Maio. Faltaram os muitos trabalhadores que as fábricas da CUF não dispensaram. O fumo que saía das chaminés ensombrou, por isso, a manifestação popular que se realizou à tarde, reunindo cerca de **60 mil** pessoas de todo o concelho, sob a bandeira do Movimento Democrático e do Partido Comunista Português.

Muito antes de se efectuar a concentração, já as ruas se encontravam repletas de gente, cumprimentando-se sem se conhecer com o gesto dos dedos em forma de V, distribuindo cravos vermelhos, felicitando-se reciprocamente.

Das terras mais próximas chegavam carros ornamentados com bandeiras e flores colhidas nos campos em volta, que buzinavam ruidosamente através das estradas. Coina, Palhais, Alfeite e muitas outras povoações associavam-se, assim, à festa em perfeita espontaneidade.

No Alfeite, havia concentração em frente ao departamento da Marinha. Populares procuravam abraçar os marinheiros que se encontravam por detrás do muro de arame que separa aquela unidade da via pública. Um oficial gritava por megafone um «Ogrigado» a quem passava. Ao som de apito, entoava-se o «slogan» de **O povo unido jamais será vencido.** Mulheres de avental seguravam cartazes que falavam de **Liberdade.** Eram desorganizadas mas espontâneas e populares as manifestações ao longo da estrada entre a Ponte sobre o Tejo, pela primeira vez livre de taxas, e o Barreiro.

### APELO À UNIDADE

Nesta vila, o desfile arrancou pouco depois das três da tarde, guiado por um «jepp» da G. N. R.

Encabeçava-o um grande cartaz contendo a saudação do Movimento Democrático ao povo do Barreiro. Logo a seguir, um outro saudava a classe operária. O apelo à unidade, que encontrou a primeira resposta na própria manifestação — única na vila — vinha noutro cartaz mais extenso: **Democratas todos unidos para conseguirmos Portugal livre. Viva a Liberdade. Viva Portugal.**

Mas por entre os cartazes que desfilavam pelas principais ruas do Barreiro, sobressaíam as bandeiras vermelhas do Partido Comunista.

**O Comité local do Barreiro do Partido Comunista Português saúda toda a população trabalhadora** — eram os dizeres do primeiro cartaz empunhado no grupo onde se erguiam os pendões, novos de tão pouco usados, com a foice e o martelo. Uma saudação especial aos estudantes estava contida nas palavras do cartaz seguinte.

**Abaixo o fascismo, Fim da guerra colonial, Depois da revolução, a evolução. Cunhal ao Governo** e **Morte à Pide** eram algumas das palavras de ordem que entretanto os manifestantes faziam ecoar. Algumas destas frases estavam igualmente escritas a vermelho nas paredes das ruas. Particularmente insistentes eram as que se referiam a Alvaro Cunhal. Alguém chegou a levantar a hipótese de que o comício que havia de seguir-se ao desfile iria ter a presença do líder comunista. No entanto, tal não se verificou.

Apesar de se tratar de uma vila fabril, não se lançaram palavras de ordem especialmente dirigidas à conquista do Poder pelos operários, como tem sido frequente noutras manifestações. Tal como não se viam cartazes reivindicando o direito à greve ou a liberdade sindical.

### JOVENS E MULHERES

**Os alunos do liceu do Barreiro estão com o povo,** era o primeiro dístico que anunciava a presença dos estudantes na manifestação, logo a seguir ao Movimento da Juventude Trabalhadora. As palavras de ordem dos jovens eram especialmente directas: **Pelo direito de voto aos 18 anos.** era uma das reivindicações **Queremos novos professores no ensino,** dizia outro cartaz, empunhado por um grupo de estudantes que se manifestavam alegremente, cantando **Um, dois, três, viva o povo português, um, dois, três, quatro, o Marcelo está no papo,** e assim por diante...

O grupo de professores presentes no desfile não deu qualquer resposta à pretensão dos estudantes, limitando-se a saudar **as forças democráticas.**

Os seguintes cartazes que se erguiam de entre os jovens continham dísticos como **Fim à guerra colonial** e **Regresso imediato dos soldados.**

Também se levantavam, de entre os manifestantes, cartazes especialmente «pacifistas», como um que rezava «Viva Portugal livre. Queremos paz e amor». Mas não foi possível saber que grupo o trazia.

O cortejo era fechado por numeroso grupo de mulheres. Um cartaz identificava-as como sendo o Movimento Democrático das Mulheres do Concelho do Barreiro. **Nós somos o futuro da Nação,** dizia um dos seus dísticos. Os seguintes continham saudações a Alvaro Cunhal e ao P. C. P. Mas as mulheres em grande parte operárias, entoando o Hino Nacional ou as estrofes da balada **Canta, canta, amigo, canta** terminavam com reivindicações muito concretas: **Queremos igualdade jurídica, Salário igual para trabalho igual e Queremos creches, zonas verdes e escolas.**

### VOZES LIBERTAS

Durante duas horas, o cortejo percorreu as ruas do Barreiro, aclamado por pessoas que assomavam às janelas, onde, à falta de bandeiras, pendiam colchas coloridas, com predominância do vermelho. Por fim, a multidão chegou ao Parque Municipal, baptizado imediatamente pelos populares com o nome de Parque Catarina Eufémia.

Esperava-a já a Banda da Marinha, tocando o Hino do 1.º de Maio, junto à tribuna onde iam falar sucessivamente Manuel Cabanas, António José Costa e Artur Tavares em nome do Movimento Democrático; Isabel Hernandez pelo Movimento Democrático das Mulheres, Eugénio Bento, como dirigente sindical, Hermenegildo Correia, pelo Movimento da Juventude, e, por fim, Carlos Domingos, representante do P. C. P.

O Parque Catarina Eufémia foi pequeno para conter a multidão que procurava escutar a palavra dos oradores, alguns dos quais, durante anos e anos na clandestinidade, puderam pela primeira vez exprimir livremente, em público, os seus anseios políticos. Anseios que encontraram eco em muitos daqueles que os escutaram, e sublinhavam a sua adesão com palmas e gritos de apoio.

Havia lágrimas nos olhos de muitos dos velhos democratas do Barreiro que, silenciosamente, resistiram ao longo dos anos à ditadura fascista. Mas havia também muitas crianças compreendendo pela primeira vez o significado da palavra liberdade. Por isso, muitos os que viveram o 1.º de Maio no Barreiro, acreditaram que aquele silêncio não voltará a ser possível. Um dia, cantaram, **o povo é quem mais ordena dentro de toda a cidade.**

## EM ALHOS VEDROS

ALHOS VEDROS, 2 — Mais de três mil pessoas enchiam por completo o pavilhão gimnodesportivo da Sociedade Filarmónica Recreio e União Alhos Vedrense para se incorporarem na grande manifestação de apoio ao 1.º de Maio, enquanto cerca de **5000** se concentravam na Praça da República. Veio gente de toda aquela região, nomeadamente da Moita, Baixa da Banheira e outras localidades, para se juntar à população de Alhos Vedros.

Durante o comício usaram da palavra os seguintes oradores: Agostinho Moura, que começou por se referir ao papel das Forças Armadas na libertação do País, Diamantino Cabrita que focou aspectos relacionados com a juventude e a classe trabalhadora, Adriano da Encarnação, Virgílio Manso que analisou as perspectivas do Movimento Democrático e, por último, Estaline Rodrigues acentuou o papel do 1.º de Maio na luta dos trabalhadores.

Durante o cortejo com que terminou a manifestação, os participantes entoaram — agora convictamente — o Hino Nacional, ao mesmo tempo que exibiam cartazes onde se pediam mais creches e infantários para as mães trabalhadoras, outros exigindo a presença de Alvaro Cunhal no futuro Governo Provisório, bem como a palavra de ordem «salário igual para trabalho igual».

A manifestação decorreu de acordo com o civismo que o Povo Português tem demonstrado desde que a queda do fascismo é uma realidade.

# A maior manifestação em Coimbra desde há dezenas de anos

COIMBRA, 2 — Foi verdadeiramente inesquecível a manifestação de regozijo e comemorativa do 1.º de Maio ontem realizada nesta cidade. Milhares e milhares de pessoas — quantos, é difícil dizer — compareceram na vasta Praça da República, onde se formou um interminável cortejo, que abria com populares a fazerem alas, logo seguidos de muitos praças do Exército e depois uma marcha compacta, levando à frente uma bandeira nacional. Dispersos pelo cortejo, inúmeros cartazes, cuja descrição se torna materialmente impossível.

A primeira grande manifestação foi em frente ao edifício da Manutenção Militar, onde nas janelas e no exterior se encontravam soldados, sargentos e oficiais que foram entusiasticamente saudados, tanto pelos participantes no cortejo como pelo imenso público que se encontrava no largo fronteiriço.

Junto ao Comando da PSP, a banda da corporação, que ali se encontrava tocando marchas, integrou-se no cortejo, o que a multidão saudou com grande entusiasmo.

Pode afirmar-se que a manifestação ultrapassou tudo o que os mais optimistas esperavam, e nós, que desde há muitos anos estávamos habituados a acontecimentos semelhantes nesta cidade, podemos afirmar que esta foi a maior e mais entusiástica de sempre, incluindo a realizada em 1922, quando da visita do então Presidente da República, António José de Almeida. Nem mesmo as festas da Rainha Santa ou a Queima das Fitas conseguiram alguma vez reunir tanta gente e tão entusiástica.

### MINUTO DE SILÊNCIO

Já os grupos que iniciavam o cortejo tinham dado entrada no Estádio Universitário, cujas bancadas e outros lugares se encontravam repletos, assim como os terrenos adjacentes, e ainda o cortejo desfilava pela Av. Fernão de Magalhães, a mais de um quilómetro de distância.

Mesmo antes de todo o público se encontrar dentro do Estádio, chegou ali o comandante da Região Militar e representante da Junta de Salvação Nacional, coronel Rafael Durão, que foi muito saudado, o qual dirigiu uma exortação ao povo sobre o significado do Movimento das Forças Armadas, ao mesmo tempo que aconselhava o maior civismo, para mostrar ao mundo que os portugueses eram dignos da liberdade que agora usufruiam.

Quando todo o público se encontrava já na zona do Estádio, foi guardado um minuto de silêncio pelas vítimas do fascismo em Portugal, tendo depois usado da palavra vários oradores, trabalhadores e intelectuais, que, entre outros temas, se referiram às excelentes perspectivas abertas ao País no caminho da democracia, salientando a necessidade de pôr fim à guerra colonial, à alta do custo de vida e ao regime corporativo, assim como à urgência de reconhecer aos trabalhadores o direito à greve e à semana de quarenta horas.

### O MUNICÍPIO ENTREGUE AOS DEMOCRATAS

Finalmente, houve uma proposta no sentido de que se conquistasse imediatamente a Câmara Municipal, indicando-se para assumir provisoriamente a sua direcção os seguintes democratas: Adriano Garcia, agente técnico dos Serviços Municipalizados; Amílcar Carvalho, delegado de propaganda médica; António Pereira Júnior, empregado forense; António Portugal, profissional de seguros; Aurélio Augusto dos Santos, comerciante; Ivo Cortesão, professor liceal; Licínio Alves da Costa, delegado de propaganda médica; Manuela Leandro, advogada; Octávio Lopes, engenheiro electrotécnico; Pedro Mendes de Abreu, gerente comercial; Rodrigo dos Santos Ventosa, comerciante; e Rui Carrington da Costa, médico.

Após esta proposta ter sido aprovada por aclamação, todos os presentes se dirigiram ordeiramente para a Praça 8 de Maio, onde à porta dos Paços do Concelho os eng. Angusto Araújo Vieira e Augusto Correia, que exerciam, respectivamente, as funções de presidente e vice-presidente da Câmara, entregaram à referida comissão as chaves do Município. Logo duma varanda do edifício o dr. Carrington da Costa deu conta do ocorrido, comunicação esta que foi acolhida com grandes manifestações de entusiasmo.

Organizou-se novamente um cortejo, desta vez até ao Quartel General, onde foi dado conta ao comandante da Região Militar do que acontecera, dispersando depois todos — se bem que as manifestações de alegria se tenham prolongado em vários locais. Deve registar-se que em nenhum momento se registou qualquer incidente.

### NOVO COMANDANTE DA PSP

Posteriormente, os representantes dos órgãos de Informação foram convocados para o Comando da PSP, onde lhes foi entregue a seguinte comunicação:

«Assumiu nesta data as funções de comandante distrital da PSP de Coimbra o major de Artilharia Manuel Henrique Lestro Henriques, natural das Caldas da Rainha. Oficial distinto, fez serviço no RAL 2 e no RAL 4 e comissões em Angola e na Guiné. Possui uma no RAL 4 e comissões em Angola e na Guiné. Possui uma brilhante folha de serviços, tendo sido nomeado para o presente cargo pela Junta de Salvação Nacional».

DL/NACIONAL

# MAIO, DIA 1 EM LISB

# O GRANDE DES DAS MÃOS DA

**Milhares e milhares de pessoas marcaram ontem um golo glorioso no ex-Estádio da FNAT, numa tarde de sol aberto, de céu azul e de mãos erguidas para a fraternidade. Foi um golo marcado nas redes do fascismo, sem defesa possível. Um golo sublinhado pelo aplauso de todo um povo — o que estava ali presente, o que escutava a telefonia e o que à noite abriu os olhos para a televisão. Um golo tão bem marcado, disparado de um ângulo tão preciso, que imediatamente mudou o nome do recinto: o Estádio da FNAT passou a denominar-se Estádio 1.º de Maio. Foi uma festa e foi um acto político processado ordeiramente, mas com um tal entusiasmo, uma tal veemência, que para sempre se definiu o divórcio entre o povo português e os seus antigos «patrões» — uns em «férias» na Madeira, outros sob custódia em diversos aquartelamentos e outros ainda nas celas de Caxias e de Peniche. O fim, em suma, de um regime: o povo exuberante, a treinar os pulmões para os primeiros gritos livres, e os soldados com cravos vermelhos na boca das espingardas, viravam uma página negra da nossa História para sempre.**

### UMA POSIÇÃO PRESENTE, UMA POSIÇÃO FUTURA

Tudo começou lentamente a desenrolar-se a partir da Alameda D. Afonso Henriques. Ali se concentraram todos os Sindicatos e grupos afins. Um mar de trabalhadores, homens e mulheres, de mãos dadas, de lábios com as mesmas palavras, estava pronto a desdobrar-se, numa onda com um destino comum: atingir o Estádio e afirmar com todas as letras uma posição presente, uma posição futura.

Quatro horas da tarde, todos os cidadãos se puseram em movimento. Avultavam os dísticos, avultavam as cabeças atiradas para o sol. Ondulavam bandeiras portuguesas — e uma voz unissona, abafada havia quarenta e oito anos, erguia-se colectivamente pela primeira vez. Pedia paz, pedia o fim da guerra no Ultramar, pedia a restituição de todos os direitos políticos e de todas as liberdades sindicais.

«O POVO UNIDO JAMAIS SERA VENCIDO!» — eis a tónica dessas milhares de gargantas. Minuto a minuto, hora a hora, essa onda humana foi-se aproximando do Estádio, vibrantemente aclamada por todas as janelas e sacadas do trajecto. Pendiam colgaduras de todos os andares e as pessoas que desfrutavam a marcha dos parapeitos exibiam o sinal de «Vitória»: dois dedos abertos ritmando o vento indomável do acontecimento.

Verdade, verdade, o povo estava na rua. Não havia armas apontadas, não havia cordões de polícias, todo o receio se tinha desvanecido.

E porque era assim, **e porque assim tinha de ser,** o povo começou a levantar a voz e a cantar. Ora ouçamos de coração aberto as cantigas desse povo que tomou Lisboa...

### QUANDO O POVO CANTA

Eram improvisos, letras novas adaptadas a músicas antigas, que logo todos apanhavam e entoavam. Assim, por exemplo:

**«Ó Rosa arredonda a saia,
Ó Rosa arredonda-a bem
Que o Marcelo e mais a Pide
Já não matam mais ninguém...»**

Os passos lentos, porque grande era a multidão, demoravam no asfalto. O sol tornava-se duro, abriram-se as camisas, corria-se para os copos de água que os inquilinos dos rés-do-chãos ofericiam, e tornavam a oferecer, e mais uma vez ofertavam com um sorriso na boca e lágrimas nos olhos.

Nova canção voltava a agarrar toda a multidão:

**«Deixa passar
Esta linda brincadeira
Que o Marcelo e o Tomás
Estão na ilha da Madeira»**

Mas a tónica voltava sempre: «O POVO UNIDO JAMAIS SERA VENCIDO!» Ritmada por esse «slogan» a marcha cumpriu todo o trajecto que da Avenida D. Afonso Henriques levava ao ex-Estádio da FNAT: Almirante Reis, Praça do Areeiro, Gago Coutinho, Estados Unidos da América e Rio de Janeiro. Cada vez o sol era maior, cada vez maior o entusiasmo. Trocavam-se cravos, cravos vermelhos, cravos que desde o primeiro dia enfeitaram as armas dos soldados. Ah, capitães de uma figa!

De todas as vezes que passavam viaturas militares (poucas, aliás) o povo irrompia em aplausos. Vitoriava a farda, não havia continências, imperava o abraço, o aperto de mão, o beijo. Era de fraternidade o ambiente: pela primeira vez desde há quarenta e oito anos as Forças Armadas não faziam frente ao povo, e o povo, por sua vez, não as temia. **Essa união é necessária** — como afirmou Mário Soares ao discursar no «Estádio 1.º de Maio».

### JULGAMENTOS SUMÁRIOS

Quem se fosse deslocando de grupo para grupo, de abraço para abraço, iria deparando com juizos e julgamentos sumários nos cartazes que avançavam em paralelo com as bandeiras.

Assim, em letras grossas, pedia-se **a morte para todos os responsáveis na chacina do povo português e do povo das colónias»**; exigia-se **ditadura sobre a burguesia;** pedia-se o **regresso imediato dos soldados;** etc.

Quanto ao Ultramar (é bom que se recorde) houve um «slogan» que ficou no ouvido de toda uma população: SOLDADOS PARA AS COLONIAS NEM MAIS UM SO.

Com Marcelo fora, e com Tomás também fora, foi um autêntico dia santo na loja. E com os execrandos **pides** igualmente postos a distância outra coisa não era de esperar: a cidade estava ocupada pelo povo. VERDADEIRAMENTE OCUPADA PELO POVO. De quando em quando (registe-se também) uma onda sonora invadia todas as artérias — e essa onda sonora era constituída pela **senha** do movimento em boa hora desencadeado pelos capitães: GRÂNDOLA VILA MORENA/ TERRA DA FRATERNIDADE/ O POVO E QUEM MAIS ORDENA/ DENTRO DE TODA A CIDADE...

Súbito, originando grandes e grandes aplausos, um cartaz que se ergue alto e alto: O POVO AGRADECE AS FORÇAS ARMADAS — PELA PRIMEIRA VEZ HOUVE ABRIL EM PORTUGAL.

Álvaro Cunhal, Mário Soares e Pereira de Moura na tribuna do Estádio 1.º de Maio.

## O COMÍCIO NO ESTÁDIO 1.º

# O EXÉRCIT

A maior parte dos manifestantes não couberam no Estádio 1.º de Maio. Ocupado o campo principal e as pistas de atletismo, inúmeros grupos tiveram de manifestar-se pela cidade. Dentro do estádio o maior comício que jamais se realizou em Portugal. Não havia polícia para manter o serviço de ordem pública; militantes democráticos de braçadeira e alguns soldados à volta do campo e nos telhados dos prédios vizinhos bastaram para garantir a segurança e a disciplina de mais de duzentas mil pessoas.

Livres dos monstros e fantasmas de meio século de fascismo, como gritava um dos cartazes no campo, os trabalhadores portugueses e os partidos políticos puderam manifestar então que o «Movimento» encetado pelos jovens militares progressistas se transformara já numa revolução social. Explosão de alegria, ambiente de festa, para a qual contribuiu a actuação da banda da Força Aérea (as bandas da Polícia e da GNR tinham sido rejeitadas).

Eram 17 e 30 quando o locutor Adelino Gomes anunciou o começo do comício e deu a palavra ao representante do Sindicato dos Têxteis, Manuel Lopes, que traçou o significado especial deste 1.º de Maio em Portugal. Em resumo, afirmou que se o Movimento de 25 de Abril constituiu o primeiro e indispensável passo para a construção da democracia em Portugal, não podemos esquecer que temos todo um país a construir de novo, pois não ficaram resolvidos os problemas do povo português. Efectivamente — advertiu — a exploração capitalista continua, enquanto não construirmos uma sociedade socialista, pela qual desapareça a exploração do homem pelo homem. A situação presente em Portugal ainda é baseada na máxima exploração de uma maioria ao serviço da opulência duma minoria. Os trabalhadores portugueses terão que lutar agora pela unidade das forças operárias, pela reivindicação dos seus direitos usurpados, pelas melhores condições de vida, pela liberdade sindical, pelo direito à greve, pelo aumento imediato de salários e pelo salário mínimo nacional e pelo fim da guerra colonial. Afirmou que é aos trabalhadores que pertence definir os destinos do povo, impondo-se sepultar o tradicional complexo do sebastianismo que poderia conduzir-nos a abrir a porta a novos caudilhos e a novos ditadores. E terminou apregoando que o 1.º de Maio foi e será sempre uma jornada de luta e que se impõe lutar pelo fim das guerras coloniais, pelo regresso dos soldados e pela unidade das classes trabalhadoras.

E nunca como agora foi tão avassalador o grito saído de todas as gargantas: «O povo unido jamais será vencido»!

### «QUE RAIO DE GOVERNO ERA AQUELE...»

Nesta primeira parte do comício preenchida com dis-

# BOA

# SFILE ADAS

Mais trocas de cravos, mais abraços, os soldados a fazerem o «V» da vitória. **Ah! capitães de uma figa!** — assim exclamavam as pessoas. Negra, negrinha até mais não, surgiu também a bandeira dos anarquistas. Três letras: MLP — MOVIMENTOLIBERTARIOPORTUGUÊS. Com a foice e o martelo, em fundo rubro, a bandeira do PARTIDO COMUNISTA. Também a bandeira do PARTIDO SOCIALISTA. E outras bandeiras, outras bandeiras. Mas havia uma, de cinco dedos, que era, na realidade, a verdadeira bandeira do momento: a mão estendida do povo para o povo, a mão estendida do povo para os soldados, a mão estendida dos soldados para o povo. Esta bandeira é que será a da aposta do povo português no futuro.

...Bem — saída da Alameda D. Afonso Henriques, e saída também do «Couraçado Potemkine» (filme que está no Império), a multidão (parte dela) chegou finalmente ao ex-Estádio da FNAT, agora chamado, como dissemos, «Estádio 1.º de Maio! E aí aconteceu o que mais adiante vai descrito.

## DE MAIO

# TO PORTUGUÊS TAMBÉM É POVO

cursos de representantes dos sindicatos portugueses, falou em segundo lugar o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos. Discurso de tribuno, cheio de interrogações e de interpelações. A exploração — disse — não pode deixar de existir numa sociedade capitalista. E traçou então o que foi a política da Previdência no regime fascista, da qual é preciso que nos libertemos. Foi um libelo de acusação. O dinheiro dos trabalhadores foi depositado em Caixas fascistas, que o não aproveitaram em serviço dos trabalhadores, mas sim na montagem do aparelho de opressão e de repressão. O Ministério das Corporações especializou-se na pilhagem. E quem o autorizou? Foi o inimigo número um dos trabalhadores, o capitalismo sem vergonha. A multidão vibrou quando o orador invectivou: «Que raio de Governo era aquele que só se preocupava com a organização da polícia e do futebol? Que raio de Governo era aquele que tratava os trabalhadores como bois, de quem só se espera a força de trabalho?» Toda a gente compreendeu o orador quando ele afirmou que «éramos todos prisioneiros na nossa própria terra» e quando seguidamente interpelou: **«Libertemo-nos agora, apoiando e conduzindo o Movimento das Forças Armadas!** No final, depois de enunciar as principais reivindicações relativas à Previdência e de propor a criação de comissões provisórias de trabalhadores para a sua reorganização ao serviço do povo, sentenciou: **«Quem matou merece ser castigado! Quem não trabalhou não tem direito a receber! Quem errou merece ser corrigido!»**. Nova apoteose do «povo Unido».

As reivindicações imediatas da classe trabalhadora foram seguidamente expressas por Gomes Peres, do Sindicato dos Caixeiros: «A nossa opressão ainda não terminou — disse — pois que o Movimento das F. A. ainda não desarmou o capitalismo nem o corporativismo: reivindicamos a abolição do sistema corporativo, o direito à greve... que é a arma fundamental dos trabalhadores. Para além disso, reivindica-se que para trabalho igual se impõe salário igual (abolir a discriminação prejudicial ao trabalho das mulheres) e lutar pela semana das 40 horas em cinco dias e pela reintegração dos colegas despedidos.

### «O POVO ACELEROU»

A segunda parte do comício foi preenchida pelas intervenções dos dirigentes dos movimentos políticos. Em nome do Movimento Democrático Português (CDE) discursou Francisco Pereira de Moura, para afirmar que «O Primeiro de Maio é a vitória através de vós (trabalhadores) do Movimento das Forças Armadas. Passando a analisar o significado do «Movimento» afirmou que ele resultou da luta do Povo Português, durante anos e anos de fascismo. E uma vitória do Povo ainda incompleta: abriram-se os caminhos da democracia política, mas falta conquistar o pão e o direito de gerir as instituições. Fazendo o balanço das conquistas do Povo nestes cinco dias, referiu a libertação de todos os presos, a imediata regresso dos exilados políticos, a ocupação dos edifícios da A.N.P. e da M.P. e a realização do Primeiro de Maio. E porque é que tudo isto foi possível no curto espaço de cinco dias? Porque a partir do programa do Movimento das Forças Armadas, o povo viu que os objectivos correspondiam aos seus interesses como os militares que os seus objectivos coincidiam com os interesses do povo. Por isso o povo decidiu acelerar com audácia a concretização do programa das Forças Armadas. Segundo Pereira de Moura, esse programa deverá passar a chamar-se do Movimento das Forças Armadas e do Povo Trabalhador, que já foi capaz de acelerar soluções que os militares talvez não esperassem tão rápidas. A partir daqui, manifestou a esperança na capacidade do povo para acelerar também outros objectivos difíceis do programa, o primeiro dos quais é a resolução da guerra colonial.

O dirigente do M.D.P. advertiu os trabalhadores dos riscos de um entusiasmo que subestimasse a força do inimigo. **Pode-se voltar atrás, porque a base do fascismo é o capitalismo e esse mantém-se** — afirmou, para concluir que a nossa vitória só estará garantida com a criação da sociedade socialista. Reconheceu que o programa das F.A. aponta para essa solução, mas — disse — **deixem isso ao Povo**. A fim de travar qualquer tentativa de reacção fascista, o orador afirmou que se impunha tomar posições imediatamente e com audácia. Quanto ao problema colonial afirmou que essa parte do programa tem de ser executada pelo Governo Provisório.

### *NÃO MAIS «CATÓLICOS PROGRESSISTAS»*

Embora não constituindo um partido político, os cristãos que têm combatido contra o fascismo estiveram representados na voz de Nuno Teotónio Pereira, há dias liberto da prisão de Caxias. Disse da sua recusa em apresentar-se como porta-voz dos «católicos progressistas», designação ambígua e equívoca que rotulava os cristãos empenhados na luta pela verdade, pela justiça e pela liberdade, durante a grande noite fascista. A hierarquia da Igreja (os bispos e a estrutura eclesiástica) constituiram um dos grandes sustentáculos da opressão. Posta de parte qualquer hipótese de organização de um partido confessional, Nuno Teotónio Pereira opinou que o lugar dos cristãos se situa nas várias formações políticas existentes ou a formar e que eles têm um papel original a desempenhar na criação de um socialismo ousado e total, onde não haja um aparelho repressivo, *onde não haja polícias*, seja lá de que cor forem, um socialismo empenhado na luta de libertação de todos os povos, e em primeiro lugar dos povos das antigas colónias portuguesas. A este respeito disse que os cristãos devem lutar pelo cessar-fogo imediato e pela abertura de negociações, a fim de que os portugueses deixem de ser carrascos dos povos africanos e trabalhem fraternalmente

Continua na pág. 16

# COMÍCIO NO ESTÁDIO 1.º DE MAIO

Continuação da pág. 15

com eles. Os cristãos podem assim contribuir para um *socialismo ousado e total, porque um socialismo amputado não é socialismo*. Impõe-se uma sociedade onde tudo seja novo, uma revolução radical, indo até ao fim, sem nos contentarmos com meias soluções.

A multidão inicialmente pouco entusiasmada quando o locutor anunciara o tema desta intervenção, acabou por sublinhar com muitos aplausos as suas passagens mais ousadas.

*FOI AQUI...*

*Foi hoje, foi aqui que nós destruímos o fascismo* — começou por apregoar Mário Soares, «leader» do Partido Socialista. E saudou os dirigentes representativos do sindicalismo português livre e os soldados e marinheiros, cuja presença afirmou significar que *o Exército Português também é povo*. Efusivamente saudou todos os partidos políticos salientando o PC, de todos o que mais sofreu com a ditadura fascista, bem como o seu «leader», Álvaro Cunhal, figura de «grande resistente».

*Atendendo ao dia que se comemora* — continuou — *não peço represálias para ninguém, temos que ser tolerantes e generosos, mas é um escândalo (que ofende a nossa consciência) caçar os pides na rua* (não disse que achava mal, pelo contrário) *e permitir que os Rapazotes e Santos Júniores* (ex-ministros do Interior) *continuem em liberdade*. Igualmente disse constituir um escândalo que o Tenrreiro, Caetano e Tomás estejam «a gozar férias na Madeira». Esses são os responsáveis, esses têm de ser julgados, não por um tribunal plenário, mas por um tribunal comum, com todas as garantias de defesa.

Ainda sobre os riscos que atravessamos, Mário Soares chamou a atenção para experiências históricas que neste momento vêm ao pensamento de todos e referiu-se concretamente ao Chile para propôr, no meio do maior aplauso da multidão: *Temos que exigir da Junta de Salvação Nacional o corte de relações com o Chile de Pinochet*.

Apontou seguidamente a principal exigência do momento: manter a unidade das forças populares. E referiu uma exigência relativamente ao próximo Governo Provisório: deve ser aberto a todos os partidos mas cimentar-se nos dois partidos da classe trabalhadora, o PC e o PS. Condição indispensável: manter a unidade entre as forças populares e o Movimento das F. A..

Em relação à guerra colonial, o «leader» socialista pretendeu tranquilizar os portugueses residentes em África, que — disse — *não queremos abandonar e cujas vidas e haveres legítimos queremos defender. Mas é para os defender que temos de negociar e acabar com a guerra.*

*MÁXIMA VIGILÂNCIA*

Se alguém queria saber quais os sentimentos, a vontade e os objectivos do nosso Povo — começou Álvaro Cunhal com distância messiânica e olhar fulminante — hoje, este dia deu a resposta. Pediu que numa só voz os trabalhadores saudassem o Movimento das forças Armadas, a quem se dirigiu nestes termos: *Confiamos que estejais sempre com o Povo, que o Povo sempre estará convosco*. Neste sentido assegurou todo o apoio à Junta de Salvação Nacional, enquanto esta mantiver os objectivos do Movimento.

Sempre com voz empolgada, Cunhal asseverou acerca dos chefes fascistas: *Não nos anima o espírito de vingança, mas deve assegurar-se que os fascistas não voltem ao Poder, para o que se exige que a máxima vigilância seja mantida pelas massas populares, em colaboração com as F. A., pois que eles «procuram na sombra reconduzir o País à ditadura fascista»*. Igualmente pediu cautela não só contra as tentativas do fascismo mas também relativamente àqueles que «pela ua inconsciência política objectivamente».

Acerca da constituição do Governo Provisório, Cunhal declarou peremptoriamente que se não forem vencidos velhos preconceitos anticomunistas, a construção da democracia em Portugal não seria nada facilitada.

O «leader» comunista defendeu energicamente duas condições essenciais e imediatas: a unidade das massas populares com todos os grupos socialistas, com os católicos progressistas e os liberais e a aliança do Povo com as Forças Armadas. E manifestou o voto de que no próximo Primeiro de Maio, além da presença dos trabalhadores nas ruas se pudesse realizar uma grande parada militar das Forças Armadas fiéis aos objectivos do Movimento.

E abraçou um soldado presente na tribuna, gesto que foi sublinhado com aplausos colossais, enquanto os militantes do PC gritavam em euforia: «Cunhal ao Governo, Cunhal ao Governo!»

Ao contrário do que poderia pensar-se, ainda foi possível ver crescer o calor do comício quando discursaram os representantes das confederações internacionais de trabalhadores. René Duhamel, secretário confederal da CGT francesa veio trazer ao Povo Português a solidariedade dos dois milhões e 300 mil filiados e afirmar que 0 «25 de Abril» significa para os outros povos subjugados, em especial para os de Espanha, da Grécia e das colónias portuguesas, uma perspectiva de libertação.

Por seu turno, o representante da Confederação Internacional dos Sindicatos Livres, veio trazer o apoio de mais de 50 milhões de trabalhadores filiados, seguindo-se o secretário europeu da Confederação Mundial do Trabalho em nome de 30 milhões de trabalhadores filiados.

Finalmente, num discurso empolgante, o sr. dr. Angeli falou em trazer à libertação do nosso País o apoio da Federação Sindical Mundial, que agrupa 150 milhões de trabalhadores da América Latina, dos países socialistas e de outras nações europeias.

Com este discurso encerrou-se oficialmente o comício e os dirigentes políticos saíram da tribuna atravessando o estádio por entre a multidão. No entanto, as sequências das palavras de um elemento da co-oissão organizadora que prometeu a possibilidade de usarem da palavra outros oradores inscritos, apresentou-se para discursar um representante de outra formação socialista de esquerda, sendo interrompido por quem dirigia a cabine ao som do Hino Nacional. Do discurso que não pôde ser ouvido bem como dos discursos dos delegados das confederações internacionais daremos notícia mais alargada na primeira oportunidade.

# As manifestações em V.N. de Gaia

..A Comissão Democrática de Vila Nova de Gaia promoveu, ontem, ao princípio da tarde, uma grandiosa manifestação de apoio às Forças Armadas. Alguns milhares de manifestantes concentraram-se na praceta, frente à Câmara Municipal de Gaia, exibindo dezenas de dísticos e de cartazes, bandeiras nacionais e à frente os mareantes do rio Douro, trajando a rigor.

Cerca das 15 horas, os manifestantes dirigiram-se para o quartel do Regimento de Artilharia Pesada n.º 2, na serra do Pilar, onde foram recebidos à porta-de-armas pelos 1.º e 2.º comandantes da Unidade. Um dos elementos da Comissão Democrática saudou, então, na pessoa do comandante as Forças Armadas dizendo que a elas se devia a liberdade do povo português. O tenente-coronel Pinto Simões agradeceu a manifestação, em breves palavras, sendo-lhe depois entregue um ramo de flores. Os manifestantes entoaram depois o Hino Nacional.

..Seguidamente, uma deputação de democratas entrou no quartel a fim de depor ramos de flores na memória evocativa às invasões francesas e no monumento aos soldados mortos no Ultramar, onde se encontrava postada uma guarda de honra.

..Dois membros da deputação proferiram palavras alusivas às cerimónias.

..No final, os manifestantes encaminharam-se para a cidade do Porto a fim de participarem nas manifestações que ali tiveram lugar.

**EM ÉVORA**

..EVORA, 2 — Depois da grandiosa e única jornada de ontem, em várias localidades do distrito prosseguem hoje, na sede provisória do Movimento Democrático Português desta cidade (MDE) todo um processo de base que consiste num trabalho burocrático para a construção do que será, certamente, uma importante força política, dentro em pouco, nesta região predominantemente rural.

Na manhã de ontem, reuniram-se no rossio de S. Brás vários milhares de pessoas, que depois da audição do Hino Nacional desfilaram em cortejo com uma paragem na Praça do Giraldo, outra junto do templo de Diana e uma cerimónia de hasteamento da bandeira nacional na ex-sede da Legião Portuguesa.

..Junto ao templo foram proferidos diversos discursos, entre os quais cumpre salientar o do trabalhador rural Isidro Tanganho, que pediu a reforma agrária, férias remuneradas para os rurais, assistência na doença e uma boa assistência nas Caixas de Previdência. Na mesma ordem de ideias, salientou a necessidade de acabarem os monopólios e pediu o direito à terra para quem a trabalha.

..Falaram ainda o dr. António Cartaxo Júnior, governador civil provisório, o estudante José Bonzinho, uma jovem em nome das mulheres e o coronel Alvarenga, em representação do Movimento das Forças Armadas.

..Verificaram-se, ao mesmo tempo, também sem incidentes, manifestações em Montemor-o-Novo, Reguengos e Portel.

..Na primeira das vilas, 10.000 pessoas percorreram as ruas, tendo sido atribuído a uma delas o nome de Germano Vidigal, assassinado pela Pide em 1955. Em seguida foi tomada a Casa do Povo, onde se procedeu à destruição de fotografias de conhecidos ex-dirigentes.

..Aquele organismo passou a chamar-se Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas, o mesmo tendo acontecido nas Casas do Povo do Escoural e do ciborro.

**UMA SEDE PROVISÓRIA**

O Movimento Democrático de Evora, agora fiel aos princípios aceites no domingo durante o Encontro Nacional, congregando portanto dezoito outros movimentos, entre os quais o Partido Comunista Português, o Partido Socialista Português e os cristãos antifascistas, têm a partir de anteontem à noite uma sede provisória que lhes foi entregue pelos militares.

..O edifício onde o Movimento Democrático funciona agora foi até há pouco ocupado pela extinta Legião Portuguesa, tendo sido inventariado pelas Forças Armadas e a quase totalidade das suas salas fechadas e lacradas.

..As instalações do Movimento encontram-se abertas a quem pretender trabalhar ou esclarecimentos e tenciona reunir, sob uma mesma bandeira, **«todos os antifascistas»**.

..A organização já está, portanto, em funcionamento mas com a absoluta necessidade de se organizar. Por isso os seus dirigentes apelam para os democratas do distrito no sentido de rapidamente os contactarem, o que poderá ser feito no local ou pelo telefone 22350.

..Na Comissão Executiva, que foi escolhida de entre os principais democratas do distrito de Evora, estão integradas vinte pessoas, nas quais se contam os candidatos a deputados por este círculo, nas eleições do ano passado.

**SUBSTITUIÇÃO DE QUADROS**

Entretanto, no decreto da Junta de Salvação Nacional demitindo os governadores civis tinha já sido dado cumprimento na medida em que o antigo governador se decidira a fazer a entrega de poderes ao seu secretário, dr. António dos Santos Cartaxo Júnior, logo na sexta-feira, dia 26, ao fim da manhã. O seu substituto procedeu da mesma forma no dia imediato. Na Câmara as funções continuam a ser exercidas pelo seu presidente. O novo governador civil provisório afirma-se um republicano de velha data, que há 33 anos ocupa o seu cargo. **«Mas tenho dado conhecimento das minhas opiniões aos governadores, procedendo sempre com lealdade sem esconder o que era»**.

..Os ex-agentes da Pide que se encontravam detidos no quartel da cidade foram transferidos ontem, à noite, para o forte de Caxias.

## APOIO DE MASSAS À REIVINDICAÇÃO DE EXTREMA-ESQUERDA:

# Independência imediata para as Colónias

**Revolução popular, Independência das colónias já! Regresso dos soldados em mais um embarque Contra a guerra e o fascismo-unidade popular,** gritaram ontem os dez mil jovens operários, soldados, estudantes e empregados que realizaram, enquadrados pelas organizações de extrema-esquerda, e em plena fase de consolidação da junta militar, as maiores manifestações populares anticoloniais e de apoio aos povos africanos sob dominação portuguesa desde a insurreição angolana de há 13 anos (4 de Fevereiro de 1961).

As palavras de ordem anticoloniais e revolucionárias aglutinaram, em torno de fortes aparelhos políticos e de massas, largas concentrações populares, quer no percurso da manifestação democrática e sindicalista das 15 horas que terminaria no estádio da FNAT, quer no **1.º de Maio Vermelho**, convocado pelo Movimento Reorganizativo do Partido do Proletariado (MRPP), que contra toda a propaganda dissuasória, partiu do Rossio às 19 e 30 — como diziam as milhares de inscrições murais espalhadas pela cidade desde o início de Abril — e terminou num comício em S. Bento três horas e meia depois.

Nas duas manifestações, que se cruzaram sem se fundirem, cerca das 19 e 45 na Baixa de Lisboa, estavam largamente representadas as duas mais fortes organizações de tendência maoísta, o MRPP e Organização Comunista Marxista-Leninista de Portugal, que desfilava sob a bandeira de **«O Grito do Povo»** (uma das suas publicações), encontrando-se também nas suas fileiras grupos políticos ligados ao Partido Comunista de Portugal (Marxista-Leninista) e aos Comités Comunistas Revolucionários (Marxistas-Leninistas), entre muitos manifestantes revolucionários e simpatizantes dos movimentos de esquerda.

Notemos que foi este o primeiro grande movimento de massas promovido pela esquerda sem que tivesse havido confrontos violentos com forças militares de segurança e militarizadas governamentais. Mas mais significado político assume a unidade, ou a coincidência, e o massivo apoio popular, das palavras-de-ordem que incidem sobre o problema fundamental e imediato do povo português, que é o dos territórios africanos sob administração portuguesa, e sobre a alternativa capitalismo-socialismo, que o movimento militar de 25 de Abril agudizou. No primeiro plano dos resultados do 1.º de Maio de ontem fica, como via aberta, o apoio de largas camadas de soldados e marinheiros das Forças Armadas, que há oito dias tomaram o Poder, as manifestações onde precisamente se reivindicou o Poder para «os operários e camponeses» e se reafirmou que **os soldados são filhos do povo** para quem se proclama a **Revoluçao Democrática Popular** como meta política.

**UM SÓ COMBATE**

**Povo português, povos coloniais, um só combate,** é a síntese da alocução de um militante do M.P.L.A. que nessa qualidade se dirigiu aos manifestantes do MRPP, concentrados no centro do Terreiro do Paço, pelas 21 horas de ontem.

**O povo português continua oprimido. O povo português só pelas suas próprias mãos se pode libertar do fascismo e da exploração capitalista. A sua primeira meta é a conquista da independência dos povos das colónias**, disseram, em síntese, os oradores do MRPP nos comícios realizados no Terreiro do Paço (onde se lembrou também o assassinato do estudante Ribeiro dos Santos, pela PIDE e pela pistola do agente Gomes da Rocha, em 12 de Outubro de 1972), no Rossio e em S. Bento.

Atacando profundamente as correntes «reformistas» e «revisionistas» empenhadas numa «solução apenas formal» da evolução do Poder fascista, o MRPP, que reinvindicou a sua qualidade de «vanguarda da classe operária», logrou unir em redor de palavras-de-ordem avançadas quanto à questão colonial (as mesmas, aliás, que sempre apresentou nas suas demonstrações e documentos), grande parte das pessoas que acorreram à Baixa de Lisboa na noite de ontem: muitas delas impulsionadas pelo movimento de adesão às Forças Armadas e pelo clima de liquidação do regime fascista, mas sensíveis às reivindicações que, de um modo ou de outro, as próprias Forças Armadas formulam, sobretudo nas suas bases de soldados e marinheiros, apoiadas pelas mais largas camadas populares.

Do mesmo tipo foi a adesão conquistada pela extrema-esquerda

Continua na pág. 24

## A Igreja denuncia as condições alienantes do trabalho

CIDADE DO VATICANO, 2 (F.P.) — A Igreja solidariza-se com as vossas aspirações à justiça e ao progresso, declarou Paulo VI numa saudação aos trabalhadores» por ocasião do Primeiro de Maio.

Dirigindo-se a cerca de 23 mil fiéis, Paulo VI pô-los também de sobreaviso contra o espírito de violência e a «fascinação da revolta».

«A Igreja encara as aspirações dos trabalhadores à justiça e ao progresso com uma simpatia solidária, disse o Papa.

Teme apenas que o ardor da sua luta lhes inculque no coração o ódio, a vingança e a violência e feche os seus olhos à visão dos bens espirituais, tão necessários à sua vida como os bens económicos e que são dignos da sua condição social: Cristo foi pobre, cristo foi, ele também, um trabalhador e encontrou oposição e incompreensão da parte dos seus contemporâneos».

Acrescentou Paulo VI: «A Igreja sauda-vos hoje e abençoa-vos nos vossos locais de trabalho. Ela vê que muitos de vós tem trabalhos duros e esgotantes (...). Vê que outros trabalham em empreendimentos perigosos que exigem muitas vezes uma coragem acrobática e um extraordinário auto domínio (...). Vê que muitos se ocupam de trabalhos monótonos e alienantes e admira a sua paciência e habilidade.

E quantos de entre vós passam os seus dias em oficinas ensurdecedoras e ofuscantes. Quantos de vós são obrigados a trabalhar de noite ou a horas que perturbam o ritmo tranquilo dos dias: A Igreja não vos esquece».

# O 1.º de Maio festejado no Mundo

ADDIS-ABEBA, 2 — (F.P.) — Enquanto que em tantos países, o primeiro de Maio era festa do trabalhador, na Etiópia foi dia de regresso ao trabalho, para certos sectores. O Sindicato dos Trabalhadores dos Autocarros chegou com efeito a um acordo após negociações com o general Bereja chefe do Estado do Exército e representante das Forças Armadas para a discussão do problema daqueles trabalhadores. Continuaram, porém, em greve outros serviços públicos.

**TELAVIVE** — O primeiro de Maio também não foi festejado em Israel. Só os militantes comunistas do Movimento Panteras Negras se manifestaram em Telavive. Em Nazaré, o Partido Comunista (Pró-Moscovo) organizou também uma manifestação. Na Cisjordânia explodiu uma granada que não fez vítimas.

**BUCARESTE** — O primeiro de Maio também não foi festejado na Roménia pois o Governo decidiu que era preciso garantir a manutenção normal das actividades do país. Em contrapartida, no próximo sábado será feriado.

**SINGAPURA** — O primeiro-ministro de Singapura, Lee Kuan Yew, pronunciou na quarta-feira um discurso pessimista no qual anunciou que os trabalhadores não deviam esperar este ano por um aumento salarial tão elevado como os dos outros anos. Pediu aos trabalhadores para se dedicarem ao trabalho, para reduzirem o absentismo e aumentarem a qualidade.

**BERLIM OCIDENTAL** — Pela primeira vez desde 1970 o primeiro de Maio foi comemorado na quarta-feira com um desfile organizado pela Federação dos Sindicatos (DGB) que reuniu vários milhares de pessoas.

Inúmeras personalidades da vida política de Berlim Ocidental, nomeadamente o burgomestre Klaus Schuets, participavam no desfile. As juventudes socialistas e o «KPD» maoísta, por um lado, e o Partido Socialista unificado, por outro, comemoraram a festa do trabalho com desfiles separados.

**MONTREAL** — Também no Canadá o primeiro de Maio não foi feriado. No Canadá — tal como nos Estados Unidos — a festa do trabalho é celebrada na primeira segunda-feira de Setembro. No entanto, há desfiles e festas populares durante a noite do primeiro de Maio.

**SEUL** — Os sul-coreanos não celebraram a festa do trabalho, apresentando-se nos escritórios e fábricas como habitualmente.

A festa do trabalho neste país acentuadamente anticomunista foi com efeito antecipada para 10 de Março.

**LUXEMBURGO** — Vários milhares de trabalhadores participaram nos desfiles e reuniões organizados em Dudelange pela CGT e em Mersch pelos Sindicatos Cristãos. Os dirigentes sindicalistas insistiram na necessidade de melhorar as condições de vida dos trabalhadores.

**VIENA** — O Partido Socialista austríaco renunciou a organizar um desfile comemorativo do primeiro de Maio, devido à morte do presidente Jonas. Houve, no entanto, um Plenário socialista em Viena dedicado ao primeiro de Maio. Só o partido comunista manteve o seu desfile nesta capital.

**ROMA** — Para além das manifestações e dos cortejos tradicionais, o dia do primeiro de Maio foi marcado em Roma por grande número de assembleias populares. Os partidos aproveitaram com efeito a ocasião para desenvolverem a sua campanha tendo em vista o referendo sobre o divórcio.

**PRAGA** — Durante mais de duas horas, dezenas de milhares de checos, agitando bandeiras, grinaldas e cartazes em que não figuravam muitos slogans políticos, desfilaram frente aos seus dirigentes que tinham ocupado a tribuna de honra. O presidente Svoboda, gravemente doente, não pode assistir.

**TEERÃO** — Presidindo a um encontro que reuniu quatro mil representantes dos sindicatos e das organizações operárias, o xá do Irão declarou na quarta-feira que o Governo iria desenvolver o sistema de participação dos operários nos lucros das empresas. Noventa e nove por cento das acções das empresas governamentais serão com efeito vendidas aos trabalhadores.

**ESTOCOLMO** — Beatriz Allende, filha do presidente chileno morto num golpe militar de direita, discursou durante a assembleia que em Estocolmo pôs termo ao desfile do primeiro de Maio. Declarou nomeadamente que «uma oposição secreta está neste momento organizando um vasto movimento antifascista que derrubará a ditadura de Pinochet.»

## Festa anti-revisionista na China

PEQUIM, 2 (F.P.) — Três dos cinco vice-presidentes do Partido Comunista Chinês, o primeiro-ministro Chu En Lai, Wang Hungwen e Yeh Chi En Ying, tomaram na quarta-feira um verdadeiro «banho de multidão», integrando-se nos desfiles que invadiram os parques de Pequim.

Chu En-Lai era acompanhado por Sihanuk e pela mulher do presidente Mao, Chiang Ching. Noutro parque encontravam-se Yao Wen Yuan e Teng Hsiao Ping, membros da secção política do partido.

Em seis grandes parques públicos de Pequim, as festividades tiveram muitas vezes por tema a «crítica de Lin Piao e Confúcio». A imensa campanha antirevisionista que há três meses é preocupação da China acompanhava os números dos ilusionistas e malabaristas, os passeios de barco, os torneios de tiro e xadrez.

Farsas interpretadas por crianças e canções que entoavam, ridicularizavam o antigo sucessor designado do presidente Mao, morto em 1971, e o antigo filósofo chinês.

Um número surpreendente de marinheiros dos dois sexos apareceu em Pequim para comemorar o primeiro de Maio. Os marinheiros vestiam um novo uniforme: chapéu branco com fitas azuis e ouro, casaco branco com colarinhos cingidos e riscas azuis e calças azuis.

## "Nem desfiles, nem manifestações"
### -assim viveu Espanha o 1.º de Maio

MADRID, 2 — (F.P. e R.) — No dia primeiro de Maio a Espanha não teve desfiles, nem manifestações nem tão pouco incidentes.

A polícia tinha prendido nos últimos dias julga-se que mais de sessenta pessoas pertencentes a grupos da extrema-esquerda, por temer atentados.

Querendo afirmar-se como «responsáveis, aos olhos da opinião pública, o Partido Comunista, o Partido Socialista e as Comissões Operárias não convocaram os seus membros para nenhuma manifestação. No entanto, as medidas de segurança tinham sido redobradas em Madrid. Os edifícios públicos estiveram por vezes guardados por polícias armados.

Como na véspera, também no primeiro de Maio um helicóptero sobrevoou os bairros onde se poderiam ter juntado os manifestantes.

Houve pequenos grupos que se manifestaram mas que rapidamente dispersavam à chegada da polícia. As poucas bandeiras vermelhas que apareceram de manhãzinha cedo foram rapidamente levadas.

A única manifestação pública «tolerada» pelas autoridades espanholas foi uma organizada por seis grupos da direita que quiseram assim lembrar a morte de um polícia durante manifestações ocorridas o ano passado. Presentes menos de 500 pessoas. Um padre e um advogado lembraram o «mártir» do «ódio marxista» nos discursos feitos a propósito.

De manhã o general Franco entregou medalhas do trabalho a várias pessoas, no palácio do Pardo. À noite, o general e presidente da República espanhola assistiu a uma manifestação desportiva e folclórica no Estádio Bernabeu.

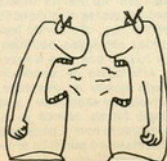
Anteontem a polícia anunciou a prisão de mais três membros do movimento separatista basco ETA, que foram efectuadas em San Sebastian. Segundo a polícia, os três homens tinham estado a seguir um treino de guerrilhas nas montanhas.

Em Bilbau, também uma cidade basca, polícia anunciou a prisão de dois comunistas, também alegados membros da ETA, descobrindo planos subversivos e muito material de propaganda.

Anteontem à noite, em Madrid, uma bomba colocada debaixo de um carro causou grandes danos no Governo Civil, ao passo que em Renteria, perto de San Sebastian, outro engenho explosivo estilhaçou as vidraças das janelas de um dos Sindicatos controlados pelo Estado.

## Kaunda pede independência para Angola e Moçambique

LUSAKA, 2 (F.P.) — O presidente Kenneth Kaunda da Zâmbia pediu ao novo regime de Lisboa que conceda a independência a Angola e Moçambique.

Kauna, fazendo a primeira comunicação oficial da Zâmbia sobre o levantamento militar da semana passada em Portugal, reafirmou também o apoio do seu país aos Movimentos de Libertação que lutam contra forças militares portuguesas em territórios africanos.

## Indonésia perante o problema de Timor

DJAKARTA, 2 — (F.P.) — A Indonésia não se decidiu ainda a reconhecer o novo regime português e a estabelecer relações diplomáticas com Portugal, declarou o porta-voz do ministério dos Negócios Estrangeiros indonésio, Nana Sutresna. Desmentiu, por outro lado, as informações da Imprensa segundo as quais a Indonésia prefere aguardar, antes de se pronunciar que a Junta defina a sua posição em relação aos territórios portugueses do Ultramar.

Embora tenha autorizado, desde a independência, a instalação de um consulado geral português em Djakarta, a Indonésia não mantém relações diplomáticas com Lisboa.

Segundo a agência noticiosa Antara, o vice-presidente do Parlamento indonésio, John Naro, afirmou entretanto que a ilha portuguesa de Timor pertence à Indonésia, tendo convidado o Governo de Djakarta a fazer uma declaração pública nesse sentido. Em sua opinião, o Governo indonésio deveria encarar o problema de Timor «dentro ponto de vista geo-político e de defesa da Indonésia nessa região do Mundo».

Naro afirmou por fim a convicção de que o general Spínola «compreende a luta dos povos africanos que querem libertar-se do colonialismo».

DL/NACIONAL

# HERMÍNIO DA PALMA INÁCIO:

# O POVO MENTALIZA-SE MAIS PELO EXEMPLO DO QUE PELAS PALAVRAS

Trinta anos de luta contra o fascismo: nota dominante da vida de Hermínio da Palma Inácio. Podia ter sido um esgrimista de palavras, um político hábil, um militante paciente, convencido que basta um trabalho de consciencialização para mudar as estruturas. Porém, ele nunca foi nada disso. Escolheu outro caminho e acreditou sempre que a acção armada era o único meio eficaz na destruição de um regime que desde muito cedo se lhe tornou odioso.

Uma vontade imensa de fazer qualquer coisa, (não sabendo ainda muito bem o quê), nascia nele quando trabalhava como mecânico de aviões. A sua prática política tinha sido muito reduzida.

Não ultrapassara as tarefas triviais de pintar paredes e distribuir panfletos. Só que Palma Inácio, por temperamento, não é daqueles homens que fiquem de braços cruzados à espera de milagres. Queria mudar o regime — e rapidamente.

Em Abril de 1947, participou numa tentativa de golpe militar em que estava comprometido o general Carmona. Um golpe que se propunha derrubar a ditadura salazarista.

Palma Inácio conta-nos como falhou esse movimento:

**Houve uma sabotagem de aviões em Sintra integrada no golpe, mas na noite em que o movimento devia eclodir os dirigentes decidiram adiar a acção. Claro que, decorridos uns dias, a Pide sabia tudo e eu fui preso algum tempo depois. Estive nove meses no Aljube e na primeira oportunidade tentei a fuga. Por acaso, consegui os meus intentos. A partir daí entrei na clandestinidade e nunca mais saí dela. Até agora...**

Mais tarde, o nome de Palma Inácio aparece ligado ao de Henrique Galvão e outros elementos que, em 1961, num «hold up» audaciosamente preparado, levaram a cabo o desvio de um avião da T.A.P. Durante umas horas sobrevoaram o País lançando panfletos. Este acto inesperado fez vibrar de emoção o povo adormecido.

**Nós fomos talvez das primeiras pessoas a desviar um avião para fins políticos. Depois, esse método começou a ser largamente utilizado por certos movimentos revolucionários. Fomos bem sucedidos no golpe do avião e aterrámos em Tânger, onde estive algum tempo. Em seguida, fui para o Brasil e em 1967 resolvi ir mesmo para uma acção contínua.**

Algarvio de sangue quente Palma Inácio, fundou a L.U.A.R. e nunca mais deu tréguas ao fascismo

Entrevista de LOURDES FÉRIA
Fotos de RUI PACHECO

### O POVO MENTALIZA-SE PELO EXEMPLO

**Nós pensámos em estruturar-nos para a luta armada, pois verificámos que organizações empenhadas noutras vias não tinham sucesso. Acho que o povo se mentaliza mais pelo exemplo do que pelas palavras. Deve-se dizer ao povo fazendo...**

Em Agosto de 1968, Palma Inácio e os homens da L.U.A.R. levam a efeito um espectacular assalto ao banco da Figueira da Foz, retirando dos cofres 29 mil contos. Mal refeitos do espanto, sentimos uma frustração tremenda ao vermos em letra de forma a prisão de Palma Inácio. Parecia impossível...

**De facto, quando tentávamos tomar a cidade da Covilhã, numa operação de guerrilha, por causa de um acidente de automóvel fui preso com alguns companheiros. Levaram-me para Caxias, interrogaram-me e depois conduziram-me para a cadeia da Pide do Porto, onde esperei julgamento. Todavia, não estive lá muito tempo porque, por sorte, consegui fugir.**

— Como pensava tomar a Covilhã?

Palma Inácio sorrindo explica-nos, em traços gerais, os planos da operação:

**Éramos uma porção de homens bem armados... Em princípio, tomávamos a P.S.P. e G.N.R. Depois de termos cortado as comunicações, isolado a cidade mantínhamo-nos aí durante algum tempo, fazendo comícios com os operários. Seguidamente partíamos, levando connosco o armamento retirado às forças policiais.**

Palma Inácio define-se ideologicamente. Utiliza uma argumentação simples e despida de chavões. Ele é assim: dificilmente emprega rótulos.

**Sou socialista e desejo acima de tudo a liberdade total do povo português. O povo é que deve ser senhor do seu destino. As decisões a ele cabem. Ainda que veja a necessidade de governo, não abdico da ideia de que o Poder tem de estar sempre nas mãos do povo. Por este princípio lutei e hei-de continuar a lutar, se chegar à conclusão que ele não está a ser cumprido. Não me interessam aqueles que falam e agem em nome do povo, se esse povo não fôr o autêntico detentor do poder.**

**Sou adversário do capitalismo, um sistema desumano que nega as liberdades fundamentais ao homem e explora as classes trabalhadoras. O anarquismo é dos mais puros e lindos ideais que o homem jamais inventou, mas estou convencido que, por enquanto, não há possibilidades de as pessoas viverem sem um Governo.**

**Pretendo uma sociedade livre e igual para todos os homens...**

— Está de acordo com a ditadura do proletariado?

Palma Inácio responde imediatamente, sem hesitações:

**Um povo livre e consciente não tem necessidade de ditaduras, sejam elas de esquerda ou de direita. Por outro lado, julgo que uma revolução de tipo económico, por si só, não resolve os anseios do homem. É preciso criar uma nova mentalidade que leve as pessoas a despirem-se do egoísmo. Através da luta por um novo sistema de relações humanas, teremos uma sociedade de homens livres.**

**A ditadura exerce sempre uma força sobre o povo. Criando condições de convívio, confiança e diálogo entre as pessoas podemos estar certos que não nos desviamos da construção do socialismo.**

Hermínio Palma Inácio saíu da prisão de Caxias graças ao golpe do Movimento das Forças Armadas que aniquilou o Governo de Marcelo Caetano e o aparelho repressivo montado em 50 anos de fascismo.

Quisemos saber qual a sua posição face aos acontecimentos desenrolados nos últimos dias.

### DISCIPLINADOS, MAS ACTIVOS

**Em princípio, costumo apreciar as coisas pelo seu resultado. Neste momento ainda não sei bem o que se vai passar. Há que estarmos atentos e vigilantes. No entanto, confesso que fiquei espantado com o comunicado do Movimento das Forças Armadas, pois me pareceu bastante progressista. Sinto-me satisfeito por verificar que muitos oficiais mostram vontade de renovar o País. Quanto ao que a Junta de Salvação Nacional vai fazer, acho que é prematuro esboçarmos hipóteses acerca disso.**

**Todavia espero que a Junta seja capaz de realizar tudo quanto está contido no manifesto. E nós devemos facilitar-lhe o caminho.**

Agora que o regime caíu, qual será a sorte da L.U.A.R.? Depõem as armas e dissolvem-se ou tentam organizar-se como partido político?

Sintetizando a posição deste organismo revolucionário Palma Inácio declarou:

**Não. A L.U.A.R. não é nem nunca será um Partido. Por enquanto, não se dissolve. Foi criada para lutar contra a violência do regime, empregando como resposta a violência, porque achou que só a violência podia destruir esse regime. Hoje, constatámos que sim, visto que o regime caíu após um golpe de força do Exército.**

**Evidentemente que a solução defendida pela L.U.A.R. não é bem a da Junta, mas sim a tomada do Poder pelas classes trabalhadoras.**

**Não há dúvida que está a haver bastante liberdade e isso é um bom sintoma. No entanto, como não sei se esses militares podem concretizar o que prometerem, nós ficamos na expectativa. Oxalá amanhã tenhamos razões práticas para dissolver a L.U.A.R.**

Sobre as reivindicações imediatas da L.U.A.R., também Palma Inácio se pronunciou:

**Não vamos exercer qualquer actividade revolucionária, mas queremos participar no diálogo aproveitando-nos das liberdades concedidas. Em primeiro lugar achamos: que a guerra colonial deve acabar imediatamente; que aos sindicatos devem ser restituídas todas as liberdades sem interferências do Estado; que no ensino deve haver a participação dos estudantes; que os trabalhadores têm de ganhar a certeza de que a exploração terminou.**

**Achamos também, que qualquer Governo militar ou civil que não se proponha construir uma sociedade socialista com a participação popular se arrisca a enfrentar a resistência activa do povo.**

**Achamos ainda que é urgente a união de todas as correntes de esquerda porque o fascismo que as Forças Armadas acabou de deitar abaixo continua vivo. Eles andam por aí e não vão certamente ficar quietos. Podem até constituir uma séria ameaça não só para os trabalhadores como também para o Movimento das Forças Armadas.**

**Por isso devemos estar disciplinados mas activos.**

A imagem de Palma Inácio tem precisamente a dimensão do homem que, não sendo movido pelas ambições políticas, dedica toda a sua vida à revolução. Um gesto de sacrifício assumido desde a juventude. Pela revolução sacrificou a sua vida mais íntima. Nunca se ligou a ninguém nem a nada que lhe impedisse ou pudesse arrefecer o fervor revolucionário.

A revolução sempre foi a sua amante mais estreita.

**Nunca me liguei a nada no estrangeiro que me impedisse de continuar a minha actividade revolucionária e política. Fui um combatente contra o fascismo. Agora serei um combatente que luta pela construção de uma nova sociedade. Dedicar-me-ei a esta tarefa com todas as minhas forças.**

**Se realmente o fas ismo tiver a oportunidade de renascer, entrarei novamente na luta armada. Estou completamente disponível; todavia desejo que não seja necessário voltar a pegar em armas. Acredito na luta armada, não por vocação mas por análise de uma situação. A violência não foi imposta por nós (L.U.A.R.) mas sim por eles, os fascistas.**

**Aproveito para saudar as Forças Armadas por ter usado um processo que consideramos o único eficiente para derrubar o regime.**

### QUASE ME MATAVAM

Palma Inácio, em meados de Novembro, tinha sido novamente preso nas condições que todos conhecemos. Porém, a L.U.A.R. não estava desmantelada. Apenas esperava o momento oportuno para voltar ao ataque. Apesar de Palma Inácio contar com a pena máxima, isso não o preocupava grandemente.

**Já tinha serras na prisão e pensava fugir na primeira oportunidade. Não sabia quando, mas tinha a certeza que havia de o conseguir. Eu não sou daquelas pessoas que cruzam os braços. Tento sempre a minha «chance».**

— Como é que voce foi preso desta vez?

**Estamos a fazer um inquérito para descobrir a causa que motivou a nossa prisão. Não sei... mas julgo que se deve**

Continua na pág. 19

DL/NACIONAL

## PARA A HISTÓRIA DO MFA

# O ex-presidente Américo Tomás não esteve em Lanceiros-2

. Muitos acontecimentos do Movimento das Forças Armadas, que eclodiu na madrugada do dia 25 de Abril, não estão ainda esclarecidos por completo, de tal modo a acção das Forças Armadas decorreu de uma forma rápida na deposição do antigo regime impedindo assim todo e qualquer derramamento de sangue, sempre desnecessário.

Um dos assuntos que mereceu inúmeros comentários do público, quase sempre inexactos, dizia respeito à atitude tomada pelo Regimento de Lanceiros n.º 2 (Polícia Militar) nos acontecimentos do dia 25 de Abril, onde, segundo se afirmava, o almirante Américo Tomás se teria refugiado.

Ora as coisas não se passaram daquele modo.

Elementos militares do Regimento de Lanceiros N.º 2 (Polícia Militar) que desde a eclosão do Movimento têm desempenhado funções de coordenação e orientação das massas populares

### É JUSTO O ESCLARECIMENTO DE CERTOS PONTOS

Como é do conhecimento geral tem sido o Regimento de Lanceiros 2 (Polícia Militar) que, desde a data da eclosão do Movimento, desempenha funções de coordenação e orientação das massas populares.

Ainda que o trabalho não seja difícil, pois toda a população acata as suas directivas, esta missão exige de toda a Unidade um grande esforço que é recompensado pelas manifestações de apreço que lhes são tributadas. E, pois, justo que se esclareçam certos pontos, relativos à actividade desta força no 25 de Abril.

Falou-se algumas vezes que esta Unidade não se juntara à revolta, dera abrigo a entidades do extinto governo e que, finalmente, se rendera. A realidade, porém, foi outra.

Desde o primeiro momento que alguns capitães e oficiais subalternos (na maioria milicianos) contactados por um oficial superior ligado ao Movimento deram a sua adesão. Todavia, o ambiente não era o mais favorável à divulgação total das intenções, uma vez que faziam parte do Regimento oficiais comprometidos com o antigo regime, nomeadamente o comandante e o major comandante do Grupo P.M.

Assim, o oficial de Lanceiros 2 que pertencia ao Movimento viu a sua missão dificultada. Muitos oficiais não foram por isso contactados, pois poderia ser comprometida a segurança do levantamento.

Nesta ordem, quando na hora marcada foi necessário tomar decisões surgiram problemas de difícil resolução. Havia, porém, a certeza de que as forças da PM não interfeririam, já que os elementos operacionais tinham aderido.

### OS EX-MINISTROS PREFERIRAM PARTIR A SER DETIDOS

Os militares fiéis ao governo deposto tentaram, por todos os meios, não só dividir o efectivo para conseguirem um comando mais fácil como também convencer os subordinados de que o pronunciamento não tinha grande significado. Estas medidas, todavia, não conseguiram modificar a posição dos oficiais, apenas dificultando a sua coordenação e demorando, por isso, a sua total participação no Movimento.

Entretanto, altas individualidades do antigo regime, por saberem que naquela unidade se encontrava gente da sua confiança, aí procuraram refúgio. O efectivo do Regimento apercebeu-se, então, plenamente, dos objectivos dos referidos oficiais, que com evasivas e ordens desencontradas procuravam deter a evolução dos acontecimentos. Então, os restantes oficiais exigiram a imediata retirada das individualidades e a adesão (ou abandono) do comandante e do major.

Assim, antes que a tensão aumentasse e não se sentindo seguros, os ex-ministros preferiram partir a ser detidos (o almirante Américo Tomás não se encontrava entre eles). Deste modo perante a crescente pressão de todo o efectivo da unidade que desejava ardentemente juntar-se ao Movimento — os praças devidamente enquadrados pelos sargentos e instruídos pelos oficiais — o comandante, sem outra alternativa, decidiu pôr-se à disposição do Movimento, sendo em curto lapso de tempo substituído nas funções de comando.



# ENTREVISTA COM PALMA INÁCIO

Continuação da pág. 18

**a uma imprudência cometida quando do aluguer de um carro. Talvez a Pide nos tivesse localizado através dessa pista.**

**Nós vínhamos a Portugal preparar uma operação para libertar os presos políticos e íamos também tentar assaltar um banco em Mira de Aire. Pensámos que o dinheiro para a compra das armas só pode ser adquirido dessa forma. Os exploradores do povo é que devem pagar para a revolução. Discordamos do processo de andar a pedir aos trabalhadores para se quotizarem. Por isso, íamos buscar o dinheiro onde ele estava.**

— Nunca sentiu medo?

— **Tenho medo como qualquer pessoa, mas isso nunca me impediu de fazer aquilo que achava que devia ser feito. E, se estivesse muito preocupado com a pena que me dariam se fosse preso, não tinha entrado em Portugal, pois já estava condenado em 18 anos.**

Palma Inácio relatou-nos em termos sucintos o tratamento recebido na Pide.

**Quase me matavam. Fui violentamente espancado e, quando estava inconsciente, atiravam-me com baldes de água para o rosto. Depois da pancada estive 18 dias em tortura do sono. Estiveram nos interrogatórios o inspector Silva Carvalho, o chefe de brigada Afonso Duarte e o agente Domingos Duarte, que dirigia a pancada.**

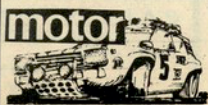
**Eles queriam que eu lhes entregasse a estrutura da organização, aqui e no estrangeiro. Pretendiam saber quais eram os pontos de apoio que tínhamos, tanto no País como em Espanha e França.**

A propósito da participação da mulher na luta revolucionária, Palma Inácio afirmou:

**Cada vez mais as mulheres têm vindo a aderir à acção revolucionária. Tínhamos mesmo muitas camaradas na L.U.A.R. Acho que a mulher se deve dedicar a esse tipo de actividade para se emancipar e não cavar diferenças entre ela e o homem. A mulher tem de assumir essas responsabilidades.**

Já no final da conversa que tivemos com Palma Inácio, este referiu-se aos extremismos dogmáticos que, numa atitude de intolerância, se afastam da realidade:

**A verdade de cada um é a autêntica verdade. Ninguém é dono da verdade. Só através de um diálogo franco e sincero se pode atingir a verdade. Aqueles que se julgam donos da verdade no fim de contas não passam de provocadores.**

**Penso que a Junta deve ser apoiada. Não conheço, em todos os golpes observados no mundo inteiro, nenhum que tenha apresentado um programa tão progressivo como este. Parece-me que uma forte corrente progressista domina a situação e, se de facto assim for, temos de persuadi-los de que é necessária a construção do socialismo.**

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

## DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

### ÉDITOS

Faz-se público que. nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas. aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852. de 30 de Julho de 1936. estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos. sita em Lisboa. na Rua de S. Sebastião da Pedreira. 37. em todos os dias úteis. durante as horas de expediente. pelo prazo de quinze dias. a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo». o projecto apresentado. pela Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve. a que se refere o processo 8 48944. arquivo 5460 para o estabelecimento. na freguesia e concelho de Lagoa. de um troço de linha aérea a 15 kV Carvoeira-Senhora da Rocha com 1725.5 metros. do poste 14 ao poste 25: linha aérea a 15 kV com 589 metros. do poste n.º 23 da linha Carvoeiro - Senhora da Rocha ao posto de transformação de Benagil.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral. dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento. em 23 de Abril de 1974.

O Engenheiro Chefe
**Guilherme Martins**

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

## DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

### ÉDITOS

Faz-se público que. nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas. aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852. de 30 de Julho de 1936. estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos. sita em Lisboa. na Rua de S. Sebastião da Pedreira. 37. e na secretaria da Câmara Municipal do concelho de Odemira. em todos os dias úteis. durante as horas de expediente. pelo prazo de quinze dias. a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo». o projecto apresentado pela Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve a que se refere o processo 8 51228. do arquivo 5460. para o estabelecimento em Longueira. freguesia de S. Salvador. concelho de Odemira. de uma linha aérea a 30 kV. com 1019 metros do poste n.º 75 da linha Bugalheira-Almograve ao posto de transformação n.º 30.13.18. em Longueira.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral. ou na secretaria daquela Câmara Municipal dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento. em 22 de Abril de 1974.

O Engenheiro Chefe
**Guilherme Martins**

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

## DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

### ÉDITOS

Faz-se público que. nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas. aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852. de 30 de Julho de 1936. estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos. sita em Lisboa. na Rua de S. Sebastião da Pedreira. 37. em todos os dias úteis. durante as horas de expediente. pelo prazo de quinze dias. a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo». o projecto apresentado pela Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve a que se refere o processo 8 48818. arquivo 5460. para o estabelecimento na freguesia de Estombar. concelho de Lagoa. de uma linha aérea a 6 kV. com 273 metros. do poste n.º 28 da linha Lagoa--Ferragudo ao posto de transformação n.º 6.02.21 em Pateiro.

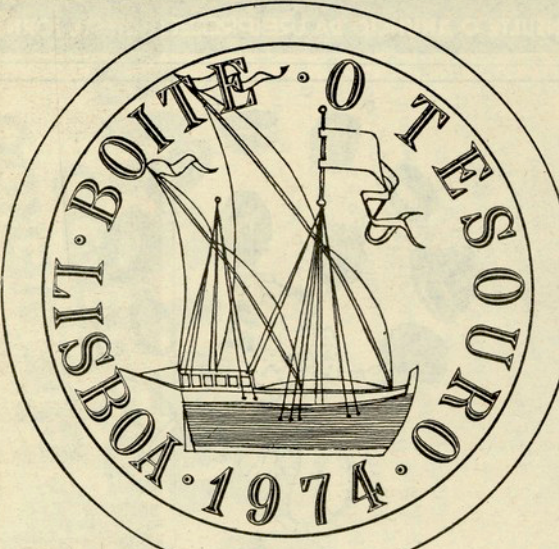
Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral. dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento. em 20 de Abril de 1974.

O Engenheiro Chefe
**Guilherme Martins**

## CONCURSOS PARA ADMISSÃO DE MÉDICOS DOS QUADROS CLÍNICOS DAS INSTITUIÇÕES DE PREVIDÊNCIA

Estão abertos de 2 a 21 de Maio de 1974 concursos documentais de habilitação para médicos dos quadros das instituições de previdência nos serviços, postos clínicos e caixas de previdência abaixo indicadas:

| Caixas de Previdência | Postos Clínicos | Serviços |
|---|---|---|
| Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Coimbra, Av.ª Fernão de Magalhães, n.º 620, COIMBRA | Quiaios | Clínica Médica |
| Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Viana do Castelo, Largo 5 de Outubro, 69, VIANA DO CASTELO | Viana do Castelo | Pediatria |
| Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Évora, Rua Chafariz d'El-Rei, n.º 22, ÉVORA | Arraiolos | Clínica Médica |
| | Borba | Clínica Médica |
| | Estremoz | Clínica Médica |
| Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Faro, Rua Infante D. Henrique, n.º 34-1.º, FARO | Lagos | Clínica Médica |
| Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Leiria, Av.ª Heróis de Angola, 59, LEIRIA | Bombarral | Clínica Médica |
| | Marinha Grande | Clínica Médica |
| | Nazaré | Clínica Médica |
| | Pataias | Clínica Médica |
| | Caldas da Rainha | Cardiologia |
| Caixa Sindical de Previdência do Pessoal da Indústria de Lanifícios, Av.ª João Crisóstomo, 67, LISBOA | Gouveia | Cirurgia |
| Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Santarém, Largo do Milagre, SANTARÉM | Abrantes | Ortopedia |
| | Golegã | Ginecologia |
| | | Obstetrícia |
| | | Pediatria |
| | Samora Correia | Clínica Médica |
| | Minde | Estomatologia |
| | | Ginecologia |
| | | Clínica Médica |
| | | Obstetrícia |
| | | Pediatria |
| | Tomar | Urologia |
| Caixa de Previdência e Abono de Família e dos Serviços Médico-Sociais do Distrito de Lisboa, Av. Estados Unidos da América, 39, LISBOA-5 | Cascais | Clínica Médica |
| | | Pediatria |
| | Mafra | Ginecologia |
| | | Obstetrícia |
| | S. João das Lampas | Clínica Médica |
| | Pero Pinheiro | Clínica Médica |
| Caixa de Previdência e Abono de Família e dos Serviços Médico-Sociais do Distrito do Porto, Rua das Doze Casas, 143, PORTO | Área da cidade do Porto | Oftalmologia |
| | Avintes | Pediatria |
| | Baião | Ginecologia |
| | | Pediatria |
| | Carvalhos | Pediatria |
| | Foz do Sousa | Clínica Médica |
| Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Viseu, Largo 28 de Maio, VISEU | Trevões | Clínica Médica |

As condições de admissão encontram-se patentes naqueles postos, nas caixas de previdência interessadas e na Federação das Caixas de Previdência e Abono de Família.

A documentação deverá ser entregue até às 18 h do dia 21 de Maio de 1974 na Inspecção Médica da Federação, na Avenida dos Estados Unidos, 37-5.º, Esq.º, Lisboa, ou na respectiva caixa de previdência a que o concurso diga respeito.

O provimento nos lugares é da competência das respectivas caixas de previdência de acordo com a posição dos candidatos após a sua classificação no concurso documental de habilitação.

Lisboa, 2 de Maio de 1974.

A DIRECÇÃO DA FEDERAÇÃO DAS CAIXAS DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA

DL/GERAL

# "SALÁRIO JUSTO AOS SOLDADOS"

## -Reivindicam militares democratas do Norte

Numa comunicação dirigida aos seus camaradas, os soldados e milicianos democratas do Norte, relativamente à vitória das Forças Armadas sobre o regime fascista, afirmam nomeadamente:

«Nós soldados e milicianos democratas chamamos a atenção para os cuidados a ter na destruição das estruturas do poder fascista com o julgamento dos criminosos da PIDE-DGS e afastamento definitivo dos oficiais que de qualquer forma manifestaram a sua hostilidade ao Movimento ou não expressaram claramente a sua adesão. Salientamos a necessidade da reestruturação e saneamento das outras forças para-militares, PSP e GNR bem como a eliminação política dos elementos dos antigos órgãos de administração local. Estes aspectos são condições indispensáveis para uma evolução pacífica da situação dado que tudo há a esperar de quem exerceu sobre o nosso Povo a mais odiosa e terrorista das opressões. As provocações, atentados bombistas e tentativa de contra-golpes são acções que esses elementos utilizarão sem qualquer escrúpulo ao sentirem-se apoiados pelas forças ligadas ao capital monopolista que neste momento se encontram na expectativa. As conquistas de 25 de Abril exigem a vigilância de todos nós na eliminação definitiva da fera fascista da nossa terra.

Nós, soldados e milicianos democratas sentimo-nos orgulhosos de pertencer às Forças Armadas que conquistaram os redutos da Legião e PIDE-DGS e libertaram em Caxias, Peniche e outros cárceres os melhores filhos do Povo Português e na Trafaria os corajosos militares do 16 de Março.

Nós, soldados e milicianos democratas, consideramos que a solução política do problema colonial passa pela negociação com os Movimentos de Libertação, PAIGC, FRELIMO e MPLA, cujos dirigentes já se declararam prontos a negociar. Fazemos nossos os anseios de milhares de soldados e suas famílias pela redução do tempo de serviço militar e regresso dos soldados. É reivindicação nossa desde já a atribuição de um salário digno aos soldados.»

# Situação preocupante em Luanda

LUANDA, 2 — (Especial para o DL) — O director da ex-PIDE-DGS, São José Lopes, regressou a Luanda e afirmou que a situação em Angola se manteria como até aqui. A Comissão Cívica Democrática, a que preside o advogado Eugénio Ferreira e que apoiou o programa do Movimento das Forças Armadas, considera-se ameaçada, receando mesmo pela vida dos seus membros.

Até agora só foram postos em liberdade seis dos muitos presos políticos que continuam a encher as cadeias.

O Conselho Legislativo tem marcada uma reunião para amanhã, o que é estranho uma vez que deveria ter sido dissolvido. Os democratas angolanos consideram indispensável a presença urgente de um membro da Junta Nacional de Salvação para clarificar as doisas e fazer cumprir as suas determinações.







## JOSÉ DIOGO DA CÂMARA D'OREY

**PARTICIPAÇÃO E MISSA DO 7.º DIA**

Maria Luísa da Câmara d'Orey, Maria do Pilar d'Orey de Oliveira Pires, marido e filhos, Guilherme da Câmara d'Orey, mulher e filhos, Maria Luísa d'Orey Roquette, marido e filhos, João Luís da Câmara d'Orey, mulher e filhas, Maria da Luz da Câmara d'Orey e marido, Mariana d'Orey da Câmara, Maria da Conceição d'Orey Seabra Pereira e marido e Daisy Oakley d'Orey, participam o falecimento de seu querido Marido, Pai, Sogro, Avô, Irmão e Cunhado.

Amanhã, às 19,15 horas, na igreja das Mercês, será celebrada missa pelo seu eterno descanso.

P. N. A. M.

AGÊNCIA BARATA

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Manuel Santos Calçada «CAFÉ CARDOSO» -ESPINHEIRA





## Eng. Manuel Amaro Vieira

**MISSA 3.º ANIVERSÁRIO**

Sua família manda rezar missa, pelo seu eterno descanso, amanhã dia 3, pelas 18.30 na igreja de S. Mamede.



O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Antero Duarte Ferreira. Tabacaria da Estação da PAREDE

# Os estudantes do Técnico acusam os orgãos de informação

. No prosseguimento dos debates que têm tido lugar no Instituto Superior Técnico e que incidem sobre as condições em que deve ser orientada a actividade política e docente daquele estabelecimento de ensino, realizou-se, com início pelas 10 horas da manhã de ontem, mais uma Assembleia Geral, em que estiveram presentes mais de quatro centenas de alunos.

O primeiro ponto prévio a discutir referia-se ao facto de aos alunos e professores do I.S.T. parecer que alguns jornais não dão o devido relevo a todo o material informativo e divulgativo emanado pela Direcção da respectiva Associação, queixando-se ainda de que um documento considerado importante pelo seu conteúdo — um comunicado para informação ao Povo de Portugal das tomadas de posição dos estudantes do Técnico, após o golpe de «25 de Abril» — foi simplesmente esquecido por todos os órgãos da Informação. *É lamentável que isto aconteça* — disse um dos estudantes intervenientes no debate — *numa altura em que, mais do que nunca, há que divulgar e informar sobre essa tomada de posição. Além do mais* — insistiu — *sabemos que nas redacções dos jornais se mantém jornalistas de índole fascista, que certamente tratarão de fazer o jogo que lhes convém, isto é, o de desvirtuar as nossas declarações e intenções. Torna-se imperioso denunciar essa gente, pois já é bastante que as empresas proprietárias da maioria dos jornais, naturalmente capitalistas, tentem a todo o preço manter uma acérrima censura ao material informativo que lhes enviamos.*

A Direcção da Associação confessou ter havido alguns erros no envio dos textos para os jornais, prometendo rever os processos de contacto com a Imprensa e anunciando a abertura imediata da Rádio Universidade, *um órgão que facilitará as tarefas de divulgação e informação de todos os estudantes.* Passou-se depois a apresentação da primeira proposta, que foi aprovada e que tem o seguinte teor:

«Os estudantes e professores do I.S.T., manifestando a vontade de transformar a Escola numa instituição inteiramente democrática, em ordem a satisfazer as necessidades, no campo do ensino, do Povo Português, decidem, para melhor satisfazer as decisões tomadas anteriormente por uma Assembleia de Estudantes e outra de Professores:

1 — Criar uma Comissão Directiva Provisória, constituída por 5 professores e 5 estudantes.

2 — Esta comissão será presidida pelo professor encarregado pela Junta de Salvação Nacional de assumir transitoriamente as funções de Director do Instituto.

3 — Os elementos professores e os elementos estudantes da Comissão são respectivamente eleitos em Assembleia de Professores e Reunião Geral de Alunos.

4 — Far-se-ão futuramente representar na Comissão delegados dos funcionários não docentes.

5 — Esta Comissão actuará sempre por consenso dos seus membros e na base de princípios geralmente aceites por professores e estudantes.

6 — Na existência de problemas insanáveis no seio da própria Comissão, serão estes problemas submetidos à consideração de todos os interessados, nomeadamente à Assembleia de Escola, para posterior resolução.

7 — As atribuições desta Comissão, em ordem à rápida estruturação burocrática da vida no I.S.T. são:

. a) Assegurar a normalização dos trabalhos escolares, desejando que tal se verifique no próximo dia 2 de Maio.

b) Procurar solucionar determinadas situações de anormalidade pedagógica e militar criadas no anterior regime, especialmente as que derivam do anulamento de um semestre e de expulsão de várias dezenas de estudantes da escola.

c) Fomentar a organização sindical dos sectores do Instituto que ainda a não possuam, incluindo o sector dos funcionários não docentes.

d) Iniciar, em todos os sectores, a discussão que conduzirá, no mais curto prazo, à definição dos órgãos deliberativos e executivos do Governo da Escola os quais, uma vez eleitos, substituirão os anteriormente existentes, que incluindo esta Comissão que se considerará então dissolvida.

e) Organizar a eleição dos órgãos mencionados anteriormente.

f) Iniciar a reorganização dos serviços administrativos, em ordem a proporcionar um trabalho mais simples a professores e estudantes.

g) Fomentar, em todos os sectores, a discussão que possa conduzir à reforma do ensino no I.S.T. em termos de proporcionar uma formação científica, técnica e humana, ao serviço do Povo Português, criando os grupos de trabalho necessários.»

Mais tarde seria posta em discussão a segunda proposta. Entretanto, um outro aluno trouxe para a discussão os acontecimentos ocorridos no Barreiro, no passado sábado, afirmando-se solidário com os elementos ditos do M.R.P.P. agredidos e insultados como agentes da D.G.S. naquela vila, não se lhes permitindo que realizassem o comício que chegaram a iniciar. *Pergunto* — diria este aluno *se os elementos da C.D.E. que no Barreiro fomentaram a agressão aos nossos camaradas integrados naquele movimento, tinham esse direito? Pergunto ainda se agora a C.D.E. se transforma de um momento para o outro em força policial e repressiva?*

. Só após esta exposição se entrou na discussão da segunda proposta, também aprovada cujo texto referimos na íntegra:

. Nos últimos anos têm os estudantes vindo a desenvolver amplos movimentos de massas por objectivos progressistas, pondo-se firmemente às repetidas tentativas do fascismo pa- a aniquilar o seu movimento.

O Movimento das Forças Armadas, ao dar um passo importante no sentido do derrubamento do fascismo, criou uma nova situação na qual compete aos estudantes desenvolverem o seu movimento, colocando-se cada vez mais ao lado do Povo Português na sua luta contra a exploração e a opressão, que sobre ele exercem os patrões e os ricos.

Neste sentido os estudantes de Lisboa definem na actual situação, os pontos de actuação imediata seguintes:

Como aspecto fundamental 1 participação dos estudantes nas actuais movimentações de rua: pela independência das colónias e regresso imediato dos soldados; pelo desmantelamento completo do fascismo e um castigo exemplar dos criminosos ao seu serviço.

Como aspectos especificaos da luta, a levar a cabo pelos estudantes — 2. Eliminação imediata dos decretos sobre incorporações (reprovações consecutivas, prescrições), expulsões, suspensões, etc.. 3. Varrer completamente as escolas dos pides, bufos e fascistas, não esquecendo aqueles que, embora não usando cartão, tomaram posições fascistas e antiestudantis. 4. Irradiação do fascista Veiga Simão, principal responsável pela aplicação nas escolas da política do Governo fascista em relação ao ensino. 5. Destruição completa das organizações fascistas na Universidade (CITU, Serviços Sociais, Procuradorias, Frente Universitária, etc.), e gestão autónoma dos serviços pelos seus utentes. 6. O cumprimento dos pontos anteriores é indispensável para que as formas de gestão da escola já aprovadas pelos estudantes não constituam um dissimulado voltar atrás, que esqueça os problemas fundamentais que os estudantes querem resolver.»



# Apelo da Junta aos servidores do Estado

Da Junta de Salvação Nacional recebemos a seguinte comunicação:

«A Junta de Salvação Nacional iniciou o imprescindível saneamento dos quadros e estruturas das Forças Armadas e Repartições Públicas, eliminando assim tanto quanto possível os obstáculos que possam dificultar o cumprimento integral do programa político oportunamente divulgado.

Os vícios e viciados do deposto regime, profundamente enraizados nos mais diversos sectores da vida social, moral, económica e política do País serão progressivamente e inexoravelmente eliminados.

No entanto, o processo de depuração em curso, parte do qual, a Junta de Salvação Nacional remeterá para o Governo Provisório, não poderá deixar de levar algum tempo, necessário a garantir a justiça das decisões e a não abalar a continuação do funcionamento dos Serviços Públicos.

Assim, a Junta de Salvação Nacional apela para o espírito de colaboração de todos os servidores do Estado, solicitando-lhes que dominando a lícita impaciência continuem a cumprir com zelo as suas funções, agora mais do que nunca indispensável, e a respeitar as hierarquias, sem o que resultará grave prejuízo para a Nação.»

### O GENERAL SCHULTZ DESTITUÍDO

Por decisão da Junta de Salvação Nacional foi distituído das funções de presidente da Direcção da Liga dos Combatentes o general Arnaldo Schultz. Recorda-se que o nome daquele general estava incluído numa lista de oficiais que, por decisão da Junta, passaram à situação de reserva.

### REGRESSO DOS EXILADOS POLÍTICOS

A Junta de Salvação Nacional tornou público que poderão regressar imediatamente ao País, no pleno exercício dos seus direitos de cidadãos os exilados políticos portugueses.

Esta medida, que tem em vista «realizar a harmonia e convivência pacífica de todos os portugueses, impõe a necessidade de os portugueses até agora no exílio se integrarem na vida do País, que não dispensa a sua válida contribuição para a construção de um Portugal novo, nesta hora de júbilo».

### O PESSOAL DOS C.T.T. E A PIDE-DGS

Da J.S.N. recebemos o seguinte comunicado:

«A Junta de Salvação Nacional entende representar um acto de justiça salientar junto da opinião pública que o pessoal dos C.T.T. é alheio a quaisquer diligências, actividades ou intervenções eventualmente executadas pela ex-Direcção-Geral de Segurança nos serviços dos correios.

A intervenção da ex-D.G.S. na violação do sigilo da correspondência era feita por acção directa do pessoal dessa ex-Direcção que, à ordem do Governo cessante, requisitava determinadas correspondências.

O presente comunicado tem como intenção única colocar os C.T.T. e os seus servidores à margem de quaisquer suspeitas que, naturalmente, muito afectariam quem se limita ao cumprimento dos seus deveres profissionais.

Esclarece-se também que todos os objectos e pertences encontrados nos gabinetes da ex-D.G.S. ali afectos foram de acordo com o programa do Movimento das Forças Armadas colocados à disposição das Forças Armadas.»

### APOIO ENTUSIÁSTICO

Da Junta de Salvação Nacional recebemos a seguinte comunicação:

. «Torna-se impossível dar uma pálida ideia, à Nação Portuguesa, do número e extensão dos telegramas, ofícios e telefonemas que têm chegado à Junta de Salvação Nacional expressando o seu entusiástico apoio às Forças Armadas Portuguesas.

Tal facto traduz a ideia de que toda a Nação está em plena comunhão de ideias com a Junta de Salvação Nacional.

Tornando-se impossível agradecer individualmente a todos quantos têm demonstrado tão exuberante afirmação de patriotismo a Junta de Salvação Nacional manifesta, por este meio, o seu mais sincero reconhecimento.»

DL/NACIONAL

## AS COLÓNIAS

Continuação da pág. 16

que se exprimiu na outra manifestação que referimos, aquela que partiu da Alameda e que, com o apoio de mais de 5000 pessoas, em vez de inflectir para o estádio onde se realizava o comício democrático, sindicalista e dos Partidos Comunista e Socialista continuou até Entre-Campos e daí, pelo eixo da cidade, até ao Calvário.

Um mar de estandartes vermelhos com a foice e o martelo, enquadrando bandeirolas anticapitalistas e anticolonialistas, e também alguns retratos de Mao Tsé-Tung e de José António Ribeiro dos Santos, desfilou pela primeira vez pelas ruas de Lisboa, não se registando qualquer reacção hostil, nem por parte dos transeuntes (que, ao contrário, aplaudiram a manifestação maoísta) nem por parte das autoridades policiais, que montaram um discreto dispositivo de vigilância em todos os pontos do percurso.

Os manifestantes desfilaram em pelotões de cerca de 300 pessoas, de braço dado, e enquadrados por activistas assinalados por braçadeiras vermelhas com uma estrela de cinco pontas, amarela. Quando a manifestação regressou ao Rossio, as suas primeiras filas eram constituídas por soldados da Armada e da Força Aérea, aplaudidos pelas guarnições dos carros militares (Exército) que passavam, a liderados por acaso núcleo de militares negros.

No comício do Terreiro do Paço falou também um comunista italiano, que descreveu o apoio «internacionalista proletário» à luta do povo português.

### «NEM MAIS UM EMBARQUE»

A expectativa com que era aguardado o «1.º de Maio Vermelho», por parte dos políticos liberais, socialistas e comunistas-ortodoxos, que previam nele o germen de possíveis desordens e acções violentas, embora não tivesse sido desmentida no plano das palavras-de-ordem (que se opuseram às definidas pelas formações políticas tradicionais do 25 de Abril ao 1 de Maio), não foi confirmada pela realidade das manifestações, que se basearam numa táctica de combate sem compromisso, mas articulada com uma disciplina e uma coesão que surpreenderam os observadores por se tratar de uma primeira demonstração de força pública em clima de legalidade democrática. Não se tratava, aliás, da expressão das mais simples e sentidas formulações das massas populares, as da sua mediação por sínteses políticas e organizativas avançadas.

A palavra-de-ordem **Nem mais um embarque** e **regresso dos soldados, já**, foi a que trouxe às fileiras dos manifestantes maior número de populares.

### «UNIDADE POPULAR»

Inserindo-se nas manifestações das massas trabalhadoras, que a partir das 15 horas começaram a concentrar-se na Alameda D. Afonso Henriques, o desfile dos outros grupos da extrema-esquerda fundiu-se, depois, com inúmeros destacamentos populares, atraídos pela especificidade das palavras-de-ordem anticoloniais e pela organização dos militantes que as exprimiam, no centro mesmo dum corpo do desfile geral em que avultavam as directivas de tipo unitário e sindicalista.

A manifestação concentrava-se em torno dos estandartes comunistas, identificados apenas com a foice e o martelo e as estrelas de cinco pontas, e repetiu, ao longo de quatro horas, os estribilhos de «Nem mais um soldado para a guerra colonial», «Nem mais um embarque», «Contra a Guerra e o fascismo, unidade popular» e «Soldados e Camponeses, Unidos Vencerão». Contra a guerra nas colónias, o **slogan** convergia com o do MRPP («Regresso dos soldados» «Guerra do Povo à guerra colonial»). Quanto a pontos-base de programa político, a coincidência era completa: «Liberdade, Pão, Paz, Terra, Democracia, Independência Nacional».

A manifestação, que antecedia a dos empregados dos seguros, separou-se do cortejo geral na Avenida dos Estados Unidos da América, e desfilou depois pela Avenida da República, Saldanha, Fontes Pereira de Melo, Rotunda, Avenida da Liberdade, Baixa, Chiado, Cais do Sodré e 24 de Julho, até ao Largo do Calvário, sem que se tenha registado qualquer incidente.

Largas distribuições de targetas e comunicados acompanharam o percurso dos manifestantes que organizaram entre si um forte serviço de comunicação e de defesa.

A. O.

# A redacção de "A Capital" demite a direcção e exige informação independente

**A Redacção do nosso camarada de Imprensa, o vespertino «A Capital», exigiu ontem, após deliberação unânime, a demissão da direcção do jornal, e a nomeação do corpo redactorial para a direcção interina comprometendo-se a realizar uma informação independente aberta a todas as correntes de opinião e não vinculado a qualquer tendência política. O presidente do Conselho de Administração apresentou, imediatamente, a sua demissão.**

Após um prolongado clima de tensão, a Redacção de «A Capital» decidiu ontem tomar posição frente à orientação que tem sido dada ao jornal onde trabalha e resolveu enviar à Administração uma comissão formada pelos jornalistas Rodolfo Iriarte, António dos Santos, Fernando Gaspar, Joaquim Lobo e Mário Alexandre, a fim de exigir a imediata demissão dos directores, Martins de Carvalho (ex-ministro da Saúde do Governo de Salazar) e José Júlio Gonçalves (antigo professor de Ciências da Informação no ex-ISCSPU). A Administração pediu 24 horas para informar os accionistas e decidir da posição a tomar, o que lhes foi concedido.

Entretanto, a comissão enviada à direcção encaminhou-se para a Cova da Moura a fim de participar aos representantes da Junta de Salvação Nacional o fio dos acontecimentos e a disposição do corpo redactorial de que eram mandatários.

Das exigências da Redacção faz parte a nomeação de uma nova direcção composta por jornalistas profissionais (necessariamente sancionados pelos trabalhadores que sob a sua orientação política irão produzir a informação dada ao público), ou por individualidades que se profissionalizem para garantir uma direcção responsável por uma informação independente.

Ao princípio da madrugada, o director foi trazido para o jornal para entabular as primeiras negociações, afirmando posteriormente que há três dias ele e o subdirector tinham apresentado já as respectivas demissões, decorrentes da actual alteração política de poderes.

# A POLÍTICA EDUCACIONAL DO ESTADO NOVO IMPEDIU O POVO DE EXERCER O DIREITO DE SOBERANIA

## -afirmam professores do ensino secundário

«Os Grupos de Estudo do Pessoal Docente do Ensino Secundário e Preparatório G.E.P.D.E.S.P.) saúdam julgando interpretar o sentimento de milhares de professores portugueses, o Movimento das Forças Armadas que pôs termo ao regime que há quase cinquenta anos usurpava todos os direitos e leberdades ao Povo Português.

Qualquer política de ensino tem profundas relações com a organização do Estado e da sociedade. A política educacional do chamado Estado Novo foi caracterizada pela total subordinação do ensino à política — entendida no seu sentido partidário e sectário — inspirada num nacionalismo retrógrado e obscurantista que, aliado a tantos outros factores de ordem económica, social e política, impediu o Povo Português de exercer o direito de soberania.

Como não poderia deixar de ser, a condição social e profissional dos docentes foi particularmente atingida pela política de traição nacional encetada pelo Estado Novo.

Nos últimos anos do regime, sobretudo a partir de 1970, assistiu-se a grande actividade reformadora que, nos seus princípios gerais, apresentava aspectos inovadores em relação à política seguida anteriormente. Contudo, num regime que não havia mudado os seus interesses e objectivos, que recusava o diálogo aberto e a pluralidade de opiniões, seria possível realizar as reformas preconizadas? Ou, por outras palavras, em que medida é que tal «democratização» do ensino podia ser uma realidade numa sociedade não democrática, no duplo sentido político e social?

Assim, a contrastar com a promulgação de abundante legislação e a formulação de constantes apelos à participação na tarefa educativa verificou-se, paralelamente à deterioração das condições de trabalho e à perca progressiva do poder de compra dos docentes, senegação sistemárica do livre exercício dos direitos de reunião, de associação e de expressão e o agravamento das medidas repressivas sobre estudantes e professores, processo que culminou com a publicação do despacho n.º 9/74, respectivas circulares confidenciais e a recusa do ministro da Educação Nacional receber em audiência os professores para esclarecimento da sua situação, visando a aniquilação de toda a movimentação dos professores dos ensinos secundário e preparatório em torno dos G.E.P.D.E.S.P.

As medidas que o Movimento das Forças Armadas se propõem adoptar para restituir aos cidadãos portugueses o exercício efectivo da sua liberdade política e sindical e o inerente direito da reunião e associação, poderão permitir ao nosso povo ser senhor do seu destino. A imediata consciência do facto une num mesmo sentimento de profundo regozijo todos os que por tempo tão longo vinham por ele ansiando e lutando. A esta emoção não é alheio o sentido da responsabilidade que a partir de agora mais do que nunca pesa sobre nós. Porque não há mais impedimentos ou pretextos para alguém se manter indiferente e alienado ao trabalho que por dever cívico e profissional nos cabe na discussão de soluções para todos os problemas que nos afectam como profissionais da educação e do ensino, é preciso mostrar, inequivocamente, que os professores estão dispostos a contribuir, ao lado de todas as camadas progressivas da população, para a liberdade, para a paz, para o progresso socio-económico e cultural, para a democracia, para uma educação que sirva os verdadeiros interesses do Povo Português.

A total participação do professorado na prossecução destes objectivos do mais alto interesse nacional, exige uma maior integração e responsabilização na gestão da vida escolar e na elaboração do seu estatuto socio-profissional. O que só poderá ser eficazmente conseguida através de um organismo representativo da classe, como esta há muito tem vindo a expressar através dos seus Conselhos Escolares e dos G.E.P.D.E.S.P. e é vivamente recomendado pela O.I.T. e pela UNESCO. Para concretizar este objectivo e dentro das garantias de liberdade de Reunião e Associação do Programa do Movimento das Forças Armadas, estão já os G.E.P.D.E.S.P. profundamente empenhados na constituição da Comissão Promotora da Associação, evitando os necessários esforços para alargar esta iniciativa ao professorado dos demais ramos do ensino.

Não é senão por uma acção unitária e continuada procurando o apoio esclarecido e actuante dos estudantes, dos pais e da opinião pública em geral, combatendo todas as manobras visando a divisão da classe, que se podem obter resultados.

Os G.E.P.D.E.S.P. estão convictos que os professores não enjeitarão as suas responsabilidades.»

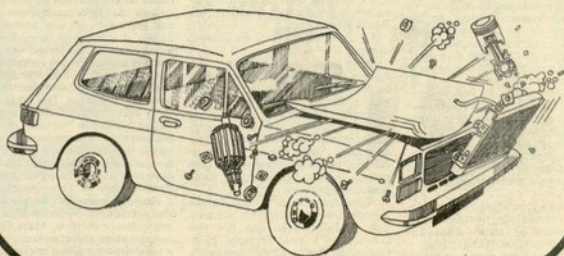
## Uma equipa de futebol da URSS em Portugal?

A direcção do Sporting Clube de Portugal entrou em contacto com a Federação Portuguesa de Futebol, no sentido de se iniciarem diligências para a vinda ao nosso País de uma equipa de futebol da União Soviética.

Entretanto, a direcção do clube leonino tem já marcada uma audiência com a Junta de Salvação Nacional.

## Alf Ramsey demitido

LONDRES, 2 (R) — Sir Alf Ramsey foi demitido do cargo de seleccionador da equipa nacional de futebol de Inglaterra, anunciou a Associação Inglesa de Futebol.

Joe Mercer, treinador do Coventry, foi nomeado seleccionador provisório da equipa inglesa.

## O 1.° de Maio em Tavira

A manifestação espontânea e popular comemorativa do 1.º de Maio em Tavira reuniu-se na Praça da República, na qual participaram milhares de pessoas que vitoriaram as Forças Armadas e o Movimento de 25 de Abril.

Foram oradores Joaquim Teixeira, José Gago Sequeira, Joaquim José Valente, Eduardo Palma, Guilherme Camacho e dr. Eduardo Mansinho.

Depois da Banda de Tavira ter tocado o Hino Nacional, no que foi acompanhada por todos os manifestantes, dirigiram-se ao quartel CISMI (Centro de Instrução de Sargentos Milicianos de Infantaria) em agradecimento pela intervenção das Forças de Libertação do Regime Fascista. Todas as cerimónias decorreram no maior civismo, mostrando a **profunda maturidade** do povo português.

## Totobola

Apostas com «treze», 2 358; (1 906 da Metrópole, 264 de Angola e 188 de Moçambique).

Valor provisório de cada «treze», 1 779$70

Apostas com «doze», 33 784; (27 146 da Metrópole, 3 909 de Angola e 2 729 de Moçambique).

Valor provisório de cada «doze», 124$20.



## SINDICATO NACIONAL DOS CAIXEIROS E PROFISSÕES SIMILARES DO DISTRITO DE SETÚBAL

Av. 5 de Outubro, 121-1.° — Setúbal

### ANÚNCIO

**Comunica a todos os caixeiros abrangidos por este Sindicato que a Direcção leva a efeito, hoje, dia 2 de Maio, pelas 21,30, uma reunião na Delegação da FNAT, na Praça da República, em Setúbal, a fim de manifestarmos o nosso inteiro apoio ao Movimento das Forças Armadas.**

DL/GERAL

# A RÁDIO RENASCENÇA GERIDA PELOS SEUS TRABALHADORES

Após um rápido mas importantíssimo processo de greve para a obtenção de condições de trabalho que respeitem as liberdades fundamentais e as inerentes à missão informativa, a Rádio Renascença passou a ser totalmente gerida pelos trabalhadores daquela emissora, pertencente ao Patriarcado de Lisboa. No final de uma greve que teve início às 18 horas de anteontem e durou até às 0 e 35 de ontem, o pessoal da emissora nomeou dois administradores, a pedido da Junta de Salvação Nacional, tendo a escolha recaído no regente de estúdios padre António Rego e locutor Joaquim Pedro. Mais tarde, foi constituída uma Comissão de Trabalhadores, com funções deliberativas sobre toda a vida da emissora.

Ontem de manhã, os trabalhadores da Rádio Renascença divulgaram um comunicado, no qual historiam todo o processo em que estiveram empenhados, e que era do seguinte teor:

**Ontem, pelas 19 horas, a R.R. deixou de transmitir dado o facto de todos os trabalhadores terem decidido entrar em greve, solidarizando-se com a suspensão de trabalho verificada, às 18 horas, entre o pessoal do serviço de noticiários, que emitiu um primeiro comunicado, nos seguintes termos:**

Tenuo-se verificado que:

1º não foi permitido ao serviço de noticiários efectuar a reportagem da chegada de Mário Soares ou qualquer entrevista com este dirigente do Partido Socialista Português

2º o nosso camarada Luís Filipe Martins foi ameaçado de despedimento pelo gerente padre Américo por ter incluído num noticiário um telex que reproduzia uma notícia da Agência «Nova China»

3º acaba de ser proíboda a transmissão de uma reportagem efectuada hoje no Aeroporto da Portela sobre a chegada do secretário-geral do Partido Comunista Português, Álvaro Cunhal e dos músicos Luís Cília e José Mário Branco. De assinalar que esta reportagem foi proíbida pela administração sem sequer ter sido ouvida por qualquer dos seus membros.

Considerando-se por outro lado que:

1.º no último sábado, dia 27, realizou-se uma reunião dos Serviços de Noticiários com a Administração (Monsenhor Sezinando e padre Américo) em que nos comprometemos a respeitar os princípios fundamentais da doutrina cristã, compromisso que, até ao momento e em circunstâncias nenhumas deixámos de cumprir e que continuamos na firme disposição de cumprir

2.º não é obstruindo o direito á informação do público ouvinte desta estação emissora que se respeitam os princípios fundamentais da doutrina cristã

3.º não desejamos por forma alguma colaborar com atitudes e intenções tendentes a fazer recuar a Rádio Renascença ao sistema de censura existente antes de o regime fascista ter sido derrubado

4.º estamos conscientes de que, tanto na proclamação da Junta de Salvação Nacional, como no seu programa se refere a necessidade de uma consciencialização nacional através da liberdade de expressão e do livre confronto de todas as correntes de opinião

Considerando tudo isto, o Serviço de Noticiários de Rádio Renascença decide suspender o trabalho, ocupando a redacção, até ao momento em que:

--1.º esteja plenamente assegurada em documento escrito que não existe censura interna na Rádio Renascença;

2.º esteja constituído um conselho de programas, formado por profissionais de rádio desta Estação, com funções delibarativas;

3.º seja entregue efectivamente a diracção dos Serviços de Noticiário ao seu chefe, João Alferes Gonçalves, com inteira liberdade e responsabilidade pelo trabalho destes serviços.

**Deste comunicado foi dado imediato conhecimento a todos os trabalhadores da R.R., que não só se solidarizaram, entrando em greve, como alargaram o âmbito das reivindicações. Entretanto, o Movimento das Forças Armadas entrou em contacto connosco, pedindo que repuzesse a emissão no ar, para evitar quaisquer atitudes de alarme da população. Os trabalhadores em conjunto deliberaram satisfazer este justificado pedido. A emissão reiniciou-se às 22 horas, sendo preenchida com música clássica e com a leitura repetida do seguinte comunicado:**

O pessoal da R.R. tem consciência de que tem respeitado os princípios fundamentais da Doutrina Cristã e continua na firme determinação de os respeitar. Mas tem também consciência de que não é obstruindo o direito à informação do público ouvinte duma Emissora Católica que se respeitam os princípios fundamentais da Doutrina Cristã.

Tendo-se verificado que: tem permanecido por parte da Administração da R.R. a intenção de praticar censura interna, intenção objectivada pela proibição de transmissão de reportagens com o dirigente do Partido Socialista Português Mário Soares, o dirigente do Partido Comunista Português Álvaro Cunhal e os músicos Luís Cília e José Mário Branco e pela ameaça de despedimento feita por um elemento da Administração ao nosso camarada dos Serviços de Noticiários Luís Filipe Martins.

Considerando que, sem uma atitude firma da nossa parte, a censura interna da Rádio Renascença continuará, activada pela actual Administração que está empenhada em manter as restrições à Informação que vigoravam ao tempo do anterior regime.

Verificando-se que a totalidade do pessoal desta estação emissora e também os produtores e realizadores não estão dispostos a colaborar em qualquer tentantiva da Administração de fazer recuar a R.R. ao sistema de censura que vigorava no regime fascista derrubado pelo Movimento das Forças Armadas no dia 25 deste mês.

O pessoal da R.R. considera, por outro lado, que as determinações de censura impostas pela Administração constituem um deafio reacionário ao programa político da Junta de Salvação Nacional, precedente perigoso por impedir a liberdade de expressão e o livre confronto das correntes de opinião, necessários a um vasto e profundo esforço de consciencialização nacional.

Considerando tudo isto, o pessoal da Rádio Renascença decidiu entrar em greve, ocupando as instalações da estação até que sejam satisfeitas as seguintes reivindicações:

1.º — Demissão da actual administração e sua substituição imediata por elementos aceites pelos profissionais que trabalham em Rádio Renascença.

2.º — Formação de um conselho de programas composto exclusivamente por profissionais de rádio desta estação que dirija integralmente a produção radiofónica da Rádio Renascença.

3.º — Abolição total da censura interna.

Dado que o Movimento das Forças Armadas entrou em contacto connosco pedindo que se repgnha a emissão no ar para evitar quaisquer atitudes de alarme da opinião pública, decidimos recomeçar a emissão temporariamente, enquanto decorrerem as negociações, preenchendo-a apenas com música e com a leitura repetida deste comunicado.

Agradecemos a solidariedade manifestada pelos muitos camaradas da Informação que nos têm contactado e dos Serviços Noticiários do Rádio Clube Português, Amissores Associados, Emissora Nacional e Radiotelevisão Portuguesa.

Agradecemos também o apoio de muitos ouvintes, entre os quais se contam elevado número de católicos, tanto sacerdotes como leigos.

**Cerca da meia-noite, o Movimento das Forças Armadas entrou de novo em contacto com os trabalhadores da Rádio Renascença, no sentido de elegerem dois delegados com funções administrativas, de modo a que ficasse sanada a questão e as emissões normais pudessem ser retomadas. Depois de consultados os seus colegas do Porto e os que se encontravam de serviço aos emissores, os trabalhadores presentes nos estúdios de Lisboa, reuniram-se em assembleia e elegeram seus delegados com funções administrativas o regente de estúdios padre António Rego e o locutor Joaquim Pedro, cujosnomes foram comunicados à Junta de Salvação Nacional, passando a exercer de imediato as suas funções. A emissão retomou a normalidade às 2 horas de hoje, cessando nessa altura a greve iniciada 7 horas antes.**

**Continuando a assembleia dos trabalhadores reunida, com mandato dos colegas do Porto e dos emissores que não se encontravam presentes, decidiu:**

**1. Estabelecer o princípio de autogestão, passando a residir na totalidade dos trabalhadores da Rádio Renascença a capacidade de decisão;**

**2. Nomear uma comissão de trabalhadores com funções deliberativas, que, por delegação, representará a assembleia dos trabalhadores e responderá perante ela. Essa comissão ficou constituída pelos delegados com funções administrativas (padre António Rego e Joaquim Pedro) e ainda por: Luís Lopes, Albérico Fernandes, António Santos, José Videira, João Alferes Gonçalves, Pedro Castelo e Leite de Vasconcelos. Pertencerá também à comissão um elemento a ser designado pelos trabalhadores do Porto. Com funções consultivas, foi agregado à comissão o dr. Maia Cadete.**

**3. Readmitir de imediato os noticiaristas despedidos Paulo Cruz e Rui Pedro;**

**4. Levantar a proibição de trabalhares aos microfones da Rádio Renascença imposta aos locutores João Paulo Guerra e Adelino Gomes.**

**Por outro lado, os trabalhadores da Rádio Renascença:**

**1. Reafirmam inequivocamente a firme determinação de continuar a respeitar os princípios fundamentais da doutrina cristã;**

**2. Garantem a abolição total de qualquer forma de censura interna;**

**3. Repudiam todas as formas de arbitrariedade e comprometem-se a não adoptar qualquer medida discricionária;**

**4. Asseguram o propósito de colocar ao serviço do povo português o meio de comunicação em que trabalham, exercendo uma informação verdadeira e livre;**

**5. Manifestam a sua adesão aos princípios democráticos do programa político das Forças Armadas;**

**6. Declaram a intenção de tornar cada vez mais efectivo o exercício da autogestão na Rádio Renascença;**

**7. Apoiam todos os trabalhadores da Informação na luta contra as restrições à informação livre e os trabalhadores em geral nas suas justas reivindicações.**

**Finalmente, os trabalhadores da Rádio Renascença desejam agradecer: aos inúmeros ouvintes que telefonaram apoiando as nossas reivindicações, sendo de assinalar que a maioria referiu que o fazia na sua qualidade de católicos, tanto leigos como sacerdotes; aos muitos profissionais da Informação que entre nós estiveram ou nos telefonaram dando o seu apoio incondicional; aos jornalistas do jornal «O Século» que enviaram um comunicado; aos serviços de noticiários do RCP, dos Emissores Associados de Lisboa, da Emissora Nacional e da RAT pela solidariedade demonstrada; ao Sindicato Nacional dos Profissionais de Cinema que, por intermédio da sua comissão directiva esteve connosco, apoiando-nos directamente; ao Sindicato Nacional dos Profissionais de Telecomunicações e Radiodifusão que, na pessoa do seu presidente, Moreira Rijo, e do seu assessor técnico, Maia Cadete, acompanhou directamente, apoiou e colaborou na nossa iniciativa.**

As reportagens que tinham sido censuradas pela administração da Rádjo Renascença — as chegadas de Alvaro Cunhal, Luís Cília e José Mário Branco a Lisboa — foram transmitidas ontem, no decorrer de serviço de noticiário que começou a ser transmitido às 12 e 35.

Quando o pessoal da R. R. ainda estava em greve, estiveram nas instalações da emissora (mas não tendo entrado nos estúdios) o presijente do conselho de administração, monsenhor Sesinando Rosa, e o administrador e director-gerente padre Américo, que conferenciaram com o delegado da Junta de Salvação Nacional para ali enviado, 1.º tenente Sousa Rodrigues. Mais tarde, os dois administradores dirigiram-se à Cova da Moura, onde pediram protecção militar contra hipotéticas depravações dos das instalações por parte dos trabalhadores. Protecção que não foi considerada necessária, não se tendo verificado, evidentemente, qualquer danificação do material da emissora. Monsenhor Sesinando Rosa e o padre Américo dirigiram-se depois ao patriarcado, depois de anunciarem ao delegado da J. S. N. que iam pedir a sua substituição.

## televisão



### HOJE

1.º Programa
1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados «Pica-Pau»
13.00 Da saúde e da vida
13.15 A rapariga que sabia de mais
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 Um dia com...
14.20 Logo à noite

2.º Período

14.40 Ciclo Preparatorio TV
19.00 TV Educativa «Educação Musical» (crianças)
19.25 Filme infantil «O Diário das Fabulas»
19.30 Telejornal — 2.ª edição
19.45 Ao longo da vida
20.00 Povo que canta
20.30 Inquerito «O Fomento do Desporto»
21.00 Cinemateca
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.05 Noite de teatro «A Sentença Final»
22.50 Eurovisão «Festival de Bratislava»
23.50 Telejornal — 4.ª edição
23.55 Meditação

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados «Pica-Pau»
20.40 Um dia com...
21.00 A rapariga que sabia de mais
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Tempo internacional
22.30 Foi êxito na TV «Os Primeiros Churchills»

### AMANHÃ

1.º Programa
1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados «TV Funnes»
13.00 Saber não faz mal
13.15 Valerie e a aventura
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 Fim de semana
14.20 Logo à noite

2.º Período

14.40 Ciclo Preparatorio TV
19.00 TV Educativa «Física Moderna»
19.25 Filme infantil «O Diario das Fabulas»
19.30 Telejornal — 2.ª edição
19.45 TV Infantil
20.00 Cartaz TV
20.30 A marcha do Mundo
21.00 Inventario musical
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.05 Histórias de amor «A Recordação de dois amores»
22.35 Portugal no sec. XX
23.35 Telejornal
23.40 Meditação e fecho.

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados
21.00 Valerie e a aventura
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Museu do cinema «Robin Wood e Passion Play»

## tempo

**Situação do tempo 09.00 H.**

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado ou encoberto o vento era fraco ou moderado de Oeste, caíam aguaceiros em várias regiões e havia neblina em vários locais.

### TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

| | |
|---|---|
| PORTO | 10º |
| P. DOURADAS | 3º |
| COIMBRA | 10º |
| PORTALEGRE | 7º |
| LISBOA | 12º |
| FARO | 14º |
| FUNCHAL | 16º |

### TEMPERATURAS EXTREMAS

**ESTORIL**
**Máxima** ............ 17,8º

**PENHAS DA SAÚDE**
**Mínima** ............ 4,2º

### TEMPERATURAS NO ESTORIL

Agua do mar ...... 13,0º
Atmosfera .......... 10,8º

### MARÉS DE HOJE

| PREIA-MAR | | BAIXA-MAR | |
|---|---|---|---|
| 0.32 | 3,6 m | 6.35 | 1,0 m |
| 13.07 | 3,6 m | 18.56 | 1,1 m |
| DIA 3 | | | |
| 1.29 | 3,8 m | 7.26 | 0,9 m |
| 14.00 | 3,8 m | 19.46 | 0,9 m |
| DIA 4 | | | |
| 2.21 | 3,9 m | 8.11 | 0,8 m |
| 14.48 | 3,9 m | 20.31 | 0,8 m |

### PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

**Melhoria gradual do tempo com céu temporariamente muito nublado; vento fraco ou moderado de Noroeste e regime de aguaceiros.**

## urgência

| | | | |
|---|---|---|---|
| Emergência | 115 | Judiciária | 53 5380 |
| Bombeiros | 32 2222 | Intoxicações | 76 1176 |
| CVP | 66 5342 | Aeroporto | 71 1397 |
| H. de S. Josè | 86 0131 | C.R.G.E. | 53 7021 |
| H. de S. Maria | 73 0231 | C. Águas | 36 1361 |
| P.S.P | 36 6141 | Combóios | 32 6222 |

## rádio

**EMISSORA 1.º Programa**

16.00 Noticiario
16.05 Ao encontro da melodia
16.30 Convivio
18.05 Musica popular portuguesa
18.30 Espectaculo
19.05 Selecção da opereta «O Estudante Pobre» de Carl Milloecker
20.00 Jornal da noite
20.30 5.º episódio do folhetim «O Ourives do Rei»
20.54 Melodias
21.00 Momento 74
21.20 Musica portuguesa
22.00 O homem e a natureza, pelo dr. Almeida Fernandes e Gil Montalverne
22.20 Fados, por Lenita Gentil
22.40 Ritmos de todo o mundo
23.05 De um dia para o outro, por Armando Correia
00.00 Junção (entrada do FM 1 de Lsiboa) — sinal horario

**Programa em FM 1 de Lisboa**

23.00 Rádio Universidade
00.00 Junção com o 1.º programa

**2.º Programa**

16.00 Que quer ouvir? programa elaborado por Margarida Brandão
18.00 Musica portuguesa
19.00 O canto e os seus interpretes, por Maria Helena de Freitas
20.00 Jornal da noite
20.30 Fantasia hungara (Liszt)
20.45 Temas sociologicos, pelo dr. Carlos Cunha
21.00 Opera sem palavras
21.30 A palavra e a forma
22.00 Quarteto n.º 1 em ré menor op. 7 (Schonberg)
22.45 A harmonia das horas, pelo rev. Padre dr. Videira Pires
23.00 Emissão em línguas estrangeiras
01.15 Fecho

**Programa Estereofónico 1 MF 2**

21.00 Música ligeira variada
22.00 Duas obras de Mozart pelo soprano Elly Ameling e a Orquestra de Câmara Inglesa sob a direcção de Raymond Leppart
22.25 Peças de cravo de Rameau e Bach por Igor Kipnis
22.44 Duetos de Telemann e Beethoven
23.34 Sinfonia n.º 7 de Bruckner pela Orq. Filarmonica de Berlim dir. por Eugen Jochum
01.00 Fecho

**RÁDIO CLUBE**

**Onda Média**

16.05 Programa CDC
18.00 Movimento
21.03 Dialogo
21.10 Serão musical
21.30 Quando o telefone toca
22.05 Antiquario
22.30 Quando o telefone toca
23.05 Mensagens bíblicas
23.20 Grandes orquestras
23.30 No mundo aconteceu
24.00 PBX
02.00 A noite é nossa
06.00 Diário rural
07.00 Talismã

**RÁDIO RENASCENÇA**

16.00 Noticiario
16.05 Radiorama
18.00 Emissão-14
18.22 Palavra do dia — no final: terço e benção da Basílica dos Martires
19.00 Jornal do serviço de noticiarios e reportagens de Rádio Renascença
19.30 Pagina 1
2104 Meditando
21.08 Recordando o Padre Cruz
2115 Poente
21.20 Curso de Lingua Alemã
21.45 Pentagrama
2200 Quando o telefone toca
2230 Esquema 13
23.05 A 23.ª hora

**EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA**

**Clube Radiofónico de Portugal**

06.00 às 10.00 e das 22.00 às 02.00

**Rádio Voz de Lisboa**

10.00 às 12.00 e das 19.30 às 22.00

**Rádio Peninsular**

12.00 às 14.30

**Rádio Graça**

14.30 às 19.30

# farmácias de serviço

## LISBOA

TURNO — G 1
(ATÉ ÀS 22 HORAS)

**ALCÂNTARA**
**Bairrão**, Rua Prior do Crato, 25 (Tel. 651321); **Biotifar**, Rua D. João de Castro, 27-B (Tel. 638824)

**ALVALADE**
**Zil**, Avenida da Igreja, 9-D (Tel. 71780); **Roma**, Avenida de Roma, 85-B (Tel. 772466)

**AREEIRO**
**Imperial**, Av. Guerra Junqueiro, 30-B (Tel. 726860)

**AVENIDA LIBERDADE**
**Fernandes**, Rua de S. José, 187 (Tel. 326476)

**AVENIDAS NOVAS**
**Alcântara**, Av. da Republica, 74-A (a Entrecampos) (Tel. 771379)

**BAIRRO ENCARNAÇÃO**
**Ascenso**, Praça do Norte, 11-A (Tel. 311216)

**BENFICA**
**Lavinha**, R. eng. Paulo de Barros (ex. R. C. projectada à Rua da Casquilha), 28-A (Tel. 708242); **Alegria**, Est. de Benfica, 180-A/B (Tel. 780511)

**CAMINHOS DE FERRO**
**Frazão**, R. da Cruz de Santa Apolonia, 90-92 (Tel. 847019)

**CAMPOLIDE**
**Pinto**, Rua de Campolide, 11 (Tel. 682610)

**CAMPO GRANDE**
**União**, Rua Saraiva de Carvalho, 145-F (Tel. 663643)

**CHELAS**
**Banha**, Est. de Chelas, 173-175 (Tel. 382241)

**ESTEFÂNIA**
**Mundial**, Largo D. Estefânia, 9 (Tel. 45578)

**LAPA**
**Eduardo Cesar**, Rua das Trinas, 102 (Tel. 662631)

**LUMIAR**
**Douro**, Alam. Linhas Torres, 93-A/B (Tel. 791131)

**S. MAMEDE**
**Albano**, Rua Escola Politecnica, 59 (Tel. 326750)

**S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA**
**S. Sebastião**, Largo S. Sebastião Pedreira, 1-9 (Tel. 48642); **Sousa Martins**, Rua Sousa Martins, 25 (ao Matadouro) (Tel. 553468)

TURNO — G 2
(TODA A NOITE)

**AJUDA**
**Moura**, Travessa da Memória, 55 (Tel. 630944)

**ALVALADE**
**S. João de Deus**, Rua Pedro Ivo, 1-A/B (Tel. 725140)

**ANJOS**
**Confiança**, Avenida Almirante Reis, 48 (Tel. 821653)

**AREEIRO**
**Garantia**, Av. Padre Manuel Nobrega, 5-A/B (à P. do Areeiro) (Telf. 727300)

**AVENIDAS NOVAS**
**Vale**, Av. Marquês de Tomar, 45-49 (Tel. 773043); **Dalva**, Avenida Duque de Avila, 125 (Tel. 45225)

**BAIRRO DA LIBERDADE**
**Salutar**, R. B., 75-A/B (Tel. 683694)

**BAIXA**
**Azevedos, Filhos**, Praça D. Pedro IV, 31 (Rossio) (Tel. 327478-A)

**BENFICA**
**União**, Est. de Benfica, 592-594, (Tel. 700092)

**CAMPO DE OURIQUE**
**Lobel**, Rua Infantaria 16, 98-B (Tel. 688807)

**CASTELO**
**Ziler**, Rua S. Tome, 54-56 (Tel. 862835)

**ESTRELA**
**Andrade Ribeiro**, Av. Infante Santo, 66-B (Tel. 666971)

**LUMIAR**
**Central do Lumiar**, Rua do Lumiar, 77 (Tel. 790480)

**OLIVAIS**
**Olivais**, Rua Alves Gouveia, 19 (Tel. 311237)

**PICHELEIRA**
**Luzmar**, Rua João Nascimento Costa, 18-A (Tel. 728395 e 7207703)

**POÇO DO BISPO**
**Freitas**, Rua Zofimo Pedroso, 11-13 (Tel. 381136)

**REGO**
**Baptista**, Rua Francisco Tomas da Costa, 3-A a 3-C (Tel. 771873)

**SANTO AMARO**
**Correia de Azevedo**, Rua Luis de Camões, 42-B (Tel. 638625)

## LINHA DE CASCAIS

**ALGÉS**
**Almeida Nito**, Av. Comb. G. Guerra, 64 (Telef. 212070)

**CAXIAS**
**Nova**, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (Telef. 242839)

**PAÇO DE ARCOS**
**Trindade Brás**, R. Costa Pinto, 186 (Telef. 2432034)

**OEIRAS**
**Godinho**, R. Cândido dos Reis, 98 (Telef. 2430090)

**PAREDE**
**Aisir**, Av. Gago Coutinho, B.º das Caixas de Previdência (Telef. 2472948)

**S. PEDRO DO ESTORIL**
**S. Pedro (Telef. 263052)**

**ESTORIL**
**Parque**, Arcadas do Parque, 3 (Telef. 260191)

**CASCAIS**
**Misericordia**, R. Regimento 19.41 (Telef. 280141)
**Cascais**, R. Conde de Monte Real-B.º Caixas (Telef. 282407)

## LINHA DE SINTRA

**AMADORA**
**Dias**, Av. Marques de Pombal, lote 9 (Telef. 934589)
**Campos**, R. Elias Garcia, 185 (Telef. 930072)
**Clabel**, R. Antonio **Sardinha, 23-D (Telef. 938551)**

**DAMAIA**
**Confiança**, Est. Militar, lote D (Telef. 9710231)

**VENDA NOVA**
**Girassol**, R. Elias Garcia, 17-C (Telef. 974161)

**QUELUZ**
**Andre**, Av. Elias Garcia, 151 (Telef. 950043) **Queluz, Av. Miguel Bombarda**, 123-A (Telef. 951841)

**CACÉM**
**Araújo e Sá**

**MEM MARTINS**
**Quimia**, Est. de Mem Martins, 285 (Telef. 2910012)

**S. PEDRO DE SINTRA**
**Valentim**, (Telef. 980456)

**SINTRA**
**Misericórdia**, L. dr. Gregorio de Almeida, 2 (Telef. 980391)

**COLARES**
**Abreja** (Telef. 299088)

## OUTRA BANDA

**ALCOCHETE**
**Gameiro**, L. Antonio dos Santos Jorge, 15 (Telef. 234100)

**ALHOS VEDROS**
**Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (Telef. 224250)

**ALMADA**
**Castro Rodrigues**, R. Capitão Leitão, 21-A (Telef. 270076)

**BAIXA DA BANHEIRA**
**Nova Fatima**, Est. Nacional, 221-B (Telef. 224141)

**BARREIRO**
**Higienica**, R. D. Manuel I, 178 (Telef. 2073017)

**COVA DA PIEDADE**
**Louro**

**MOITA**
**União Moitense**, Av. dr. Teofilo Braga (Telef. 239025)

**MONTIJO**
**Montepio**, R. Almirante Reis, 93 (Telef. 230035)

**SESIMBRA**
**Lopes**, R. Cândido dos Reis, 67 (Telef. 229028)

**SETÚBAL**
**Normal do Sul**, P. do Bocage (Telef. 22216)

**SEIXAL**
**Soromenho**, R. Paiva Coelho, 38 (Telef. 2218560)

## PORTO

2.º TURNO

SUB TURNO A

**Batalha (da)**, Praça da Batalha, 26; **Campo (do)**, Praça da República, 118; **Costa Cabral**, Rua Costa Cabral, 1832; **Fonte da Moura**, Rua de Tânger, 1463; **Invicta**, Rua do Bonfim, 330; **Mira Paulo**, Rua Castelo de Numão, 37.

SUB TURNO B

**Barros**, Rua do Bonjardim, 1292; **Fátima**, Rua Oliv. Monteiro, 475; **Garantia**, Rua Fernandes Tomás, 696; **Gomes**, Rua Matias de Albuq. 243; **Sá**, Rua Vale-Formoso, 181; **Sarabando**, Largo dos Lóios, 36.

## COIMBRA

TURNO B

**Estádio**, Rua do Brasil, 348 r/c (Tel. 24410); **Miranda**, Pr.ª do Comércio, 41 (Tel. 23261); **Batista**, Pr.ª da República, 910 (Tel. 23747)

# cinemas

**ROXI** (T. 48560)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo D (18 anos)
Colorido
O pesadelo dos pesadelos A LENDA DA CASA ASSOMBRADA com Pamela Franklin, Roddy McDowal e Gaile Hunnicutt
(Metro: Anjos)

**MUNDIAL** (Tel. 538743)
15.15, 18.30 e 21.45
9.ª Semana! Colorido
Grupo D (18 anos)
Barbra Streisand, Robert Redford «O NOSSO AMOS DE ONTEM»

**CONDES** (Tel. 322523/326710)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
(Grupo D-18anos)
Color de luxe. Mete medo ate aos proprios profissionais O ESQUADRÃO INDOMAVEL com Roy Scheider e Tony Lo Bianco e Larry Haines

**CASINO ESTORIL** (T. 264621)
17.00 e 21.30
Grupo D (18 anos)
Panavision. Technicolor
A PRIMEIRA NOITE com Dustin Hoffman, Anne Bancroft e Katharine Ross

**ESTÚDIO APOLO 70** (Tel. 763319)
15.15-18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
6.ª Semana! Technicolor
«Um dos 10 melhores filmes do ano! «AMERICAN GRAFFIT» (nova geração) de George Lucas.
24.00
Grupo D (18 anos)
«Classicos à Meia-Noite»
PERSEGUIÇÃO IMPIEDOSA de Arthur Penn

**LONDRES** (Tel. 731313)
14.15, 17.30, 18.45, 21.45
Grupo D (18 anos). Obra admiravel diamante intacto... o filme de Alan Resnais com Emmanuelle Riva Eiji Okada e Bernard Fresson «HIROSHIMA, MEU AMOR»

**ROMA** (Tel. 729192/727778)
15.30 e 21.45
Grupo C (14 anos)
Eastmancolor
Rod Steiger, Rossana Schiafiino, Rod Taylor, Claude Brasseur e Terry Thomas OS HEROIS

**ALVALADE** (Tel. 717480)
15.30-18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
mete medo ate aos profissionais «O ESQUADRÃO IMDOMAVEL» com Roy Scheider e Tony Lo Bianco e Larry Haines.

**EUROPA** (T. 661016)
15.15 e 21.30
Grupo D (18 anos)
3.ª Semana! Eastmancolor
Dani-Michel Calabru e Jena Lefreve VÊM A OS CABELUDOS

**RESTELO** (T. 610275)
21.30
Grupo D (18 anos)
Eastmancolor
O ESTRANHO AMOR DE UMA MULHER com Susan Hampshire e Michael Petrovotch

**IMPÉRIO** (T. 555134)
21.30
Grupo D (18 anos)
Estreia
A obra-prima de Serge Eisenstein inedita em Portugal O CORAÇADO POTEMKIN
Amanhã
18.30
Grupo C (14 anos)
«Os Bons Velhos Tempos»
CASINO ROYAL com Peter Sellers, Ursula Andrews e David Niven
(Metro: Aameda)

**ROYAL** (T. 865037)
15.00 e 21.00
Grupo D (18 anos)
A IMAGEM DO MEDO. Em complemento 4 CASOS DE AMOR

**CINEARTE** (T. 660446)
15.30 e 21.30
Grupo C (14 anos)
Eastmancolor
Simone Signoret e Alain Delon ALMAS A NU

**CINEMA CASTIL** (T. 530194)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
3.ª Semana! Eastmancolor
SEGREDOS PROIBIDOS Jacqueline Bisset
(Parque Castil)

**BERNA** (Tel. 776098)
15.15, 18.30 e 21.45
29.ª Semana! Eastmancolor
Grupo C (14 anos) o filme de Norman Jewison «JESUS CRISTO SUPERSTAR»

**ESTÚDIO 444** (T. 779095)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
28.ª Semana! Eastmancolor
O PORTEIRO com Bernard Le Coq, Maureen Karwin e Michel Calabru
Amanha e Sabado
00.30
Grupo D (18 anos)
«Cinema Fora de Horas»
MALTESES, BURGUESES E ÀS VEZES

**POLITEAMA** (T. 326305)
21.45
Grupo D (18 anos)
Estreia. Colorido
Farley Granger e Barbara Bouchet A FURIA DO ASSASSINO
15.15 e 18.15
Grupo A (6 anos)
EUSEBIO A PANTERA NEGRA
Amanhã
18.15
Grupo D (18 anos)
«Terror à Meia-Noite»
YORGA RIVAL DE DRACULA
Sábado
A MÃO

**PATHÉ** (Tel. 821933)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
Color de Luxe. Arranjem-lhe um sarilho e ele arranja-lhes um lindo enterro À ESPREITA DO SARILHO com Robert Hooks e Paul Winfield
(Metro: Arroios)

**MONUMENTAL** (T. 555131)
15.15 e 21.30
Grupo C (14 anos)
Estreia. Color
Burt Lancaster e Robert Ryan ACÇÃO EXECUTIVO um filme de David Miller com argumento de Dalton Trumbo
Amanhã
18.30
Grupo B (10 anos)
Um filme de Robert Altman ESTRADAS DO INFERNO com James Caan, Joan Moore e Robert Duval

**ESTÚDIO** (T. 555134/5)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
4.ª Semana!
A obra-prima de Ingmar Bergman RITUAL (RITEN) com Ingrid Thulin
Amanhã e Sábado tambem às 00.15
(Metro: Alameda)

**EDEN** (T. 320768)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo C (14 anos)
Eastmancolor
Frederick Stafford, Raymond Pellegrin e Marilu Tolo ABUSO DO PODER
15.30 e 18.30
Grupo C (14 anos)
Cantinflas ÀS ORDENS DE VOSSELÊNCIA

**ODEON** (T. 326283)
2.ª Semana!
15.15, 18.15 e 21.30
Grupo D (18 anos)
As artes marciais na máxima ferocidade CRUEL VINGADOR
Com o novo idolo da China Chen Kuan-Tai. O mais alicinante festival de Karate

**AVIZ** (T. 47163)
15.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
3.ª Semana! Eastmancolor
MALTESES, BURGUESES E ÀS VEZES Yola e Artur Semedo

**SATÉLITE** (Tel. 562632)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
7.ª Semana! Color.
A obra-prima de Nagisa Oshima CERIMONIA SOLENE

**VOX** (T. 720808)
21.45
Grupo D (18 anos)
Estreia
DOIS HOMENS NA CIDADE com Alain Delon e Jean Gabin

**TIVOLI** (T. 50595)
15.15, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
2.ª Semana! Technicolor
Paul Newman, Robert Redford e Robert Shaw A GOLPADA (THE STING) premiado com 7 Oscares incluOndo o do melhor filme e do melhor realizador!

**S. JORGE** (Tel. 54154)
15.15-18.15 e 21.30
2.ª Semana! Technicolor
Grupo D (18 anos)
Richard Chamberlain e Glenda Jackson TCHAIKOVSKY DEL RIO DE AMOR o celebre filme de Ken Russell

# outros espectáculos

## LISBOA/Teatros

**A.B.C.**
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Com Parra Nova»

**CAPITÓLIO**
21.45 (18 anos)
«A Menina Alice e o Inspector»

**ILLARET**
21.45 (18 anos)
«A Dama de Copas e o Rei de Cuba»

**CASA DA COMEDIA**
22.00 (18 anos)
Doroteia»

**MARIA VITÓRIA**
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Ver, Ouvir e ... Calar»

**VASCO SANTANA**
21.45 (18 anos)
«O Mar»

## LISBOA/Cinemas

**OLÍMPIA**
19.00 (14 anos)
«O Rebelde das estepes»

**JARDIM CINEMA**
21.00 (18 anos)
«O Dragão Ataca»

**CINE MOSCAVIDE**
21.00 (18 anos)
«Punhos de Vingança»

**SACAVÉM**
**S. José**
21.00 (18 anos)
«Sou Eu o Culpado»

**PARIS**
21.30 (18 anos)
«Quando Passam as Cegonhas»

**ALHANDRA**
**Salvador Marques**
21.15 (18 anos)
«Siga Aquele Camelo»

## LINHA DE CASCAIS

**ALGÉS**
**Stadium**
21.30 (14 anos)
O Duelo

**ESTORIL**
**Casino**
17 e 21.30 (18 anos)
«A Primeira Noite»

**ESTORIL**
**Palacio**
21.30 (18 anos)
«Violência Quinto Poder

**ESTORIL**
**Esplanada**
21.30 (12 anos)
«Conquistadores das Filipinas»

**CASCAIS**
**S. José**
21.30 (18 anos)
«Boudu Querido»

## LINHA DE SINTRA

**DAMAIA**
**D. João V**
21.30 (14 anos)
«Um fantasma em bikini»

**QUELUZ**
**Queluz-Cine**
21.45 (18 anos)
«Viagem Sem Destino»

**SINTRA**
**Carlos Manuel**
21.30 (14 anos)
«Godspell»

## OUTRA BANDA

**ALMADA**
**Incrivel**
21.15 (18 anos)
«Lição Particular»

**TRAFARIA**
**Pavilhão Jardim**
21.15 (18 anos)
«Decada perigosa»

## PORTO/Cinemas

**ESTÚDIO FOCO**
21.30 (18 anos)
«Jesus Cristo Superstar»

**S. JOÃO**
21.30 (18 anos)
«A Golpada»

**JÚLIO DINIS**
21.30 (18 anos)
«O Porteiro»

**PASSOS MANUEL**
21.30 (18 anos)
«O Convite»

**BATALHA**
21.30 (10 anos)
«Cantinflas às ordens de Vosselência»

**TRINDADE**
21.30 (18 anos)
«40 Idade Perigosa»

**ÁGUIA D'OURO**
21.30 (6 anos)
«Eusébio a Pantera Negra»

**ESTÚDIO**
21.30 (18 anos)
«A Máscara»

**OLÍMPIA**
21.30 (18 anos)
«Condenados a Viver»

**VALE FORMOSO**
21.30 (14 anos)
«A Desforra de Hercules»

**CARLOS ALBERTO**
21.30 (14 anos)
«Os Profissionais» e «Herois de Cordura»

**COLISEU**
21.30 (14 anos)
«Paixão Cigana»

**RIVOLI**
21.30 (18 anos)
«Zorba o Grego»

## PORTO/Teatros

**SÁ DA BANDEIRA**
21.45 (18 anos)
«Simplesmente Revista»

## COIMBRA

**AVENIDA**
21.00 (18 anos)
«Amor e sofrimento»

**TIVOLI**
21.30 (18 anos)
«Rosas Vermelhas»

**SOUSA BASTOS**
21.30 (18 anos)
«O Homem de Kiev»

# EXPOSIÇÕES

**BELAS ARTES** — Pinturas de Alberto Carneiro, Isabel Cabral e Carlos Ramos (das 14 às 21 h).

**BÜCHHOLZ** — Trabalhos de Henrique Manuel (das 10 às 13 e das 15 às 19 h.).

**CASA DA IMPRENSA** — Óleos de Jorge Ferreira (das 16 às 21 h., excepto sábados e domingos).

**COTA D'ARMAS** — Trabalhos de José Maria Santos Zoio (das 15 às 22 h.).

**DA VINCI** — Pintura de Zal.

**DIÁRIO DE NOTÍCIAS** — Óleos de Fernando Falpe (das 10 às 12.30 e das 14.30 às 19 h.).

**DINASTIA** — «Nove Pintores de Paris» (das 10 às 13 e das 15 às 19 h.).

**ESCOLA ANTÓNIO ARROIO** — Exposição de pintura e artes gráficas (das 15 às 20 h.).

**FUNDAÇÃO GULBENKIAN** — Trabalhos de Etienne Hajdu (das 10 às 20 h).

**FUTURA** — Telas de Moita Macedo (das 10 às 13 e das 15 às 19 h.).

**GRAFIL** — Objectos e guaches de Vitor Belém (Terças e quintas-feiras, das 15 às 24 h; restantes dias, das 10 às 13 e das 15 às 20 h.).

**INTERIOR** — Tapeçarias de Charrua (das 10 às 13 e das 15 às 19 h).

**JUDITE DA CRUZ** — Trabalhos de José Vaz Vieira (das 11 às 13 e das 15 às 19 h.).

**OPINIÃO** — Desenhos de Renato Cruz (das 10 às 20 h)

**OTTOLINI** — Pinturas de Lima de Carvalho (das 11 às 13 e das 15 às 19 h.).

**PRISMA 73** — Trabalhos de Garizo do Carmo (das 15 às 20 h. excepto domingos e às quartas-feiras das 15 às 24 h).

**QUADRANTE** — Trabalhos de Natividade Corrêa (das 10 às 13 e das 15 às 19 h.).

**RUMO** — Esculturas de Chissano.

**S. MAMEDE** — Oleos de Carlos Botelho (das 10 às 13 e das 15 às 20 h.).

**TÁVOLA** — Aguarelas de Le Corbusier (das 11 às 20 h).

# BARS BOITES — restaurantes típicos

## DANCINGS

**NINA** — Dancing com atracções. Rua Paiva de Andrade, 7-13. T. 34859/365167.

**CASINO ESTORIL** — Jogo autorizado. Variedades internacionais. T. 26461/264526/264596/264621/264946.

**ESPADARTE CLUB** — SESIMBRA. Discoteca e acidentalmente fado ou música de folclore interp. por clientes e dedicado aos turistas presentes. Encer. domingos. T. 229189.

**HIPOPÓTAMO** — Com Mário Simões. Encerra aos domingos. Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. T. 48384.

**SOLAR DA HERMÍNIA** — Hermínia Silva, hoje e sempre. Largo Trindade Coelho, n.º 10-11. Encerra aos domingos. T. 320164.

**TAMILA** — Marão e s/ conjunto «Matinées» todos os dias. Encerra aos domingos. Av. Fuque de Loulé, 69. T. 533117.

**CACO** — Dancing com música ambiente com sibular quarteto. Rua Camilo Castelo Branco, 23-A.

DL/NACIONAL

RENASCENÇA GRÁFICA S. A. R. L
PROPRIETÁRIO DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO 185 1.º 2.º E 4.º
TELEF-654531/2 3 4
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO 44
RUA DA ROSA 57
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA PORTUGAL

# O PAIGC REJEITA AS SOLUÇÕES DE SPÍNOLA

DAKAR, 2 — (F.P.) — O Partido Africano para a Independência da Guiné (Bissau) e Cabo Verde (PAIGC) rejeitou categoricamente a solução de autodeterminação proposta pelo general Spínola.

«Perante a intensificação do terrorismo aéreo do inimigo, o desenvolvimento da nossa acção armada, nos últimos dias, mostra que o nosso Partido se recusa categoricamente a aceitar as ideias apresentadas até agora por Lisboa através da Junta Portuguesa», salienta a Rádio do PAIGC, captada em Dakar.

Ainda segundo o PAIGC, alguns dos novos dirigentes portugueses tramam «sórdidas manobras» a fim de ficarem com o que, «com grande pesar seu, não conseguiram conservar pela força das armas».

Pediu ainda aquela emissora às forças democráticas portuguesas e aos «homens desejosos de paz e liberdade do Movimento das Forças Armadas» que estejam vigilantes e impeçam que «os restos do fascismo e do colonialismo, ainda representados nas esferas do Poder, em Lisboa, possam ainda perturbar o rápido nascimento de uma era de cooperação entre o nosso Povo e o Povo de Portugal».

**COMUNICADO MILITAR**

DAKAR, 2 — (F.P.) — O Partido Africano para a Independência da Guiné e de Cabo Verde, publicou em Dakar um comunicado em que se refere a diversas operações militares desencadeadas nos últimos dias.

Na região de Sambuia foi lançado um ataque em 25 de Abril, tendo unidades de artilharia pesada, apoiadas por infantaria, bombardeado intensamente a posição portuguesa de Djunbembem. «O inimigo teve pesadas perdas de vidas» — afirma o comunicado. Em 25 de Abril, as baterias pesadas do Exército regular do PAIGC «martelaram as instalações militares portuguesas da cidade de Farim (Norte do país), diz ainda o comunicado, que se refere a 17 mortos nas fileiras portuguesas. Em 27 de Abril, continua o PAIGC, as nossas forças abateram 16 militares inimigos e fizeram ir pelos ares 3 veículos pesados do exército inimigo, na estrada que liga Piche a Canquealifa (Nordeste do país).

## O dr. Estevão Samagaio não era médico da PIDE

À semelhança de outros orgãos de Informação, também o «Diário de Lisboa» deu a notícia de que o médico portuense, dr. Estevão Samagaio era médico da Pide. Ora isso não é verdadeiro e pelo lamentável erro apresentamos públicas desculpas. Médico da PIDE era, sim, o dr. Ulisses Ferreira dos Santos, conhecido extremista que já se encontra detido pelas Forças Armadas. Acontece que o dr. Samagaio trabalha como médico num posto em S. Roque da Lameira, perto do qual vivia o dr. Ulisses, este aliás de aspecto físico bastante semelhante ao do primeiro. Daí que algumas pessoas tivessem feito confusão, como o próprio dr. Samagaio relatou a um nosso colega do Porto. O dr. Samagaio, é aliás, médico do Sindicato dos Bancários do Porto. Desfeito o equívoco resta-nos mais uma vez apresentar as nossas desculpas ao dr. Estevão Samagaio.

## 1.º DE MAIO
## Dia feliz em S. José

Cinco minutos são passados do maior dia da classe trabalhadora portuguesa. O telefone toca na redacção. Atendemos e temos o prazer de ouvir do outro lado da linha: **Fala o sargento de serviço ao Hospital de S. José. Temos o maior prazer de informar o «Diário de Lisboa» de que, apesar do movimento registado durante o dia de hoje na cidade de Lisboa, em que eventualmente poderiam surgir casos de certa monta, todo o pessoal em serviço chegou à grata conclusão de que não houve, em tempos relativamente próximos, tão pouca necessidade de prestar assistência a sinistrados como no dia de hoje. Isto poderão os senhores confirmar através da Polícia aqui em serviço, como inclusive dos vossos camaradas do Gabinete de Imprensa. É isto ou não uma vitória para as reivindicações do Povo Português?**

Esta a notícia vinda do Hospital de S. José. Que demonstra que a especulação de muitos foi desmentida. O Povo Português, apesar de meio século de terror, ainda sabe o que é civismo.

Para que conste...

## Telegrama da Bulgária

Do presidente da Comissão Nacional de Segurança e Cooperação Europeia da República da Bulgária, Demitri Bratanov, foi recebido na Comissão Democrática do Porto o seguinte telegrama: «As mais cordiais saudações por ocasião da grande festa de solidariedade internacional dos trabalhadores do 1.º de Maio. Os melhores êxitos vos deseja a Comissão de Segurança e Cooperação Europeia e um futuro radioso para a vossa bela Pátria».

## Mário Branco e Luís Cília já chegaram

No mesmo avião que trouxe anteontem de Paris o secretário-geral do Partido Comunista Português, Alvaro Cunhal, viajavam cerca de 40 exilados políticos.

Entre eles, encontravam-se os cantores José Mário Branco e Luís Cília, que, pouco depois, tiveram um encontro com outros interpretes da canção de texto, entre os quais Zeca Afonso e Adriano Correia de Oliveira, para definirem uma tomada de posição dos músicos portugueses perante os últimos acontecimentos.

Entretanto, espera-se a chegada do poeta Manuel Alegre.

## Um sinaleiro desinibido

Ontem, Lisboa era uma festa. A Liberdade estava na rua. Cenas indiscritíveis, que a todo o momento se repetiam, demonstraram bem o ambiente de confraternização que o Povo Português viveu durante a jornada do proletariado no 1.º de Maio.

Impensável há uns dias atrás, foi o que observámos no cruzamento da Avenida Defensores de Chaves com a Avenida Duque de Ávila.

Tinha acabado a grandiosa manifestação promovida pelos Sindicatos e com o apoio do Movimento Democrático Português, o Partido Comunista e o Partido Socialista. As pessoas dispersavam ou davam largas à sua alegria. Os carros, buzinando, davam um outro colorido à cidade.

No cruzamento, um polícia sinaleiro. Eufórico, agitava nas mãos um panfleto onde se lia em letras gordas «Portugal Socialista». E à medida que os carros paravam, lesto nos movimentos, entregava aos motoristas aqueles manifestos.

O País é o mesmo, as pessoas as mesmas, só o terror deixou de existir.

## Holden Roberto denuncia "autodeterminação fictícia"

KINSHASA, 2 (F.P.) — Holden Roberto, presidente da Frente Nacional de Libertação de Angola, denunciou em Kinshasa «o carácter ficticio da autodeterminação de que fala o General Spínola».

«Com efeito — disse — a Junta de Lisboa ordenou a libertação dos presos políticos, autorizou a reconstituição dos Partidos e o regresso, a Portugal, dos exilados, comunistas, socialistas e outros, e das formações políticas no exílio. Ora, segundo o que nos consta, existe uma facção política portuguesa no sentido de que as colónias de Africa são o prolongamento de Portugal. Interrogamo-nos assim quanto à razão de haver dois pesos e duas medidas. Já que os presos políticos em Africa, designadamente em Angola, não foram libertados, tão-pouco os partidos políticos angolanos no exílio foram autorizados a regressar a Angola para ali exercerem livremente as suas actividades como é o caso em Portugal».

E conclui. 1apelo para a consciência universal e denuncio o carácter fictício desta autodeterminação de que fala o General Spínola.»

## Inglaterra prepara o reconhecimento da J.S.N.

LONDRES, 2 — (F.P.) — O Governo britânico prepara-se para reconhecer o novo Governo português, indicam em Whithall. O informador do Foreign Office» declarou a este respeito que o reconhecimento estava «a ser estudado muito activamente neste momento».

**AGOSTINHO NETO RECEBIDO EM LONDRES**

LONDRES, 2 — (F.P.) — Joan Lestor, subsecretária do Foreign Office esteve reunida ontem com o presidente do Movimento Popular para a Libertaçav de Angola (MPLA): Agostinho Neto, segundo informam no Ministério dos Negócios Estrangeiros inglês. A reunião durou quase uma hora.

Trata-se da primeira reunião oficial entre um membro do Governo britânico e um representante dos Movimentos de Liertação dos Territórios Portugueses de Africa.

Entretanto, Agostinho Neto, falando numa conferência de Imprensa, convocada pela comissão britânica para a Libertação de Moçambique, Angola e Guiné, saudou o novo regime português e disse que a J.S.N. deve conceder imediata e completa independência às colónias portuguesas de Africa.

**URUGUAI**

MONTEVIDEU, 2 — (F.P.) — O Uruguai reconheceu tacitamente a Junta de Salvação Nacional que governa Portugal depois que foi derrubado o regime de Marcelo Caetano anuncia-se oficialmente nesta capital.

**S. Salvador**

SÃO SALVADOR, 2 — (F.P.) — O Governo do Salvador reconheceu o novo regime de Portugal presidido pelo general António de Spínola, anuncia o Ministério dos Negócios Estrangeiros.